

LXXXIII.

Nem sómente esta empresa lhe recebe
 Mas por grão beneficio lh'a agradece,
 Que ter d'aqui grãa parte em si concebe
 Do louvor que co'as armas se merece.
 Com grãa pressa e cuidado se apercebe
 De quanto necessario lhe parece,
 Duas fustas provê de tudo logo
 Em que leve á barcaça o Christão fogo.

LXXXIV.

E quando a occidental onda marinha
 As douradas do Sol rodas banhava,
 E de ursos, cabras, serpes ao Ceo vinha
 A luz, que a mór luz antes apagava,
 O Gouveia, que em tudo o que convinha
 Para este feito ja prestes estava,
 Faz que da subtil fusta logo caia
 E mansamente as ondas córte a faia.

LXXXV.

E inda que hum tenebroso, escuro manto
 O claro raio aos olhos impedia,
 E elle então navegando hia com quanto
 Silencio em tal logar se permittia,
 Encubrir-se porém não pôde tanto
 Que do Turco, que o rio assaz vigia,
 Não fosse naquell' hora emfim sentido,
 Soa o infiel clamor com grão ruido.

LXXXVI.

Eis se revolve o campo, eis se vai pondo
 Lá pola praia a gente alvoroçada,
 Dá-se fogo ao canhão, com bravo estrondo,
 Sabe a chamma de fumo acompanhada;
 Sabe com ella o mortal ferro redondo,
 Onde a morte cruel faz a morada,
 E caminhar direito lá trabalha
 Onde o remo Christão o rio espalha.

LXXXVII.

De cá, de lá o infiel canhão não cessa
 Que impedir-lhe o caminho então pertende,
 E esta continuação, esta grãa pressa
 Tanto fogo na escura noite acende,
 Que Phebo a seu pesar mesmo confessa
 Que a sua luz maior hoje se rende
 Á luz que a artilharia de si deita
 Que inda he mais que a do Sol clara e perfeita.

LXXXVIII.

Mas nem com tão mortal furia medonha
 Póde tanto o canhão bravo e espantoso,
 Que ou arreceio, ou duvida então ponha
 Naquelle Portuguez peito animoso:
 O esforço natural junto á vergonha
 He tanto, que os canhões mais furioso,
 Que o sulfureo furor não he bastante
 A fazer que elle então não passe ávante.

LXXXIX.

Rompe por ferro e fogo aquelle ousado
 Peito, mais forte que hum, mais que outro acceso,
 E tanto que á barcaça foi chegado,
 Que de ninguem lhe póde ser defeso,
 Faz logo o que lhe foi encommendado,
 Dá por mil partes fogo ao grosso peso;
 Bebe-o a secca materia, e dentro o chama,
 Sahe logo o negro fumo, e a rôxa chama.

XC.

Alguns a que a profana, imiga gente
 Para guarda puzera do navio,
 Em sentindo o furor da chamma ardente
 Polos ossos lhes corre hum temor frio,
 E por fugir ao mal que tõe presente
 Sem detença se lanção logo ao rio;
 O que tinham a cargo desampárão
 E iuda elles com trabalho se salvárão.

XCI.

Nem contente de vêr que era ja agora
 A grãa chamma voraz em alto erguida,
 Sendo tal o perigo naquell' hora
 Que entre mil mortes tõe hũa só vida,
 Comtudo faz alli tanta demora
 Gouveia, até que em cinza convertida
 A grãa maquina seja, onde a profana
 Perenne artilharia não lhe dana,

XCII.

Mas vendo que tõe ja posto em effeito
 Da perigosa empresa o heroico intento,
 D'alli se move então, e lá direito
 Á fortaleza faz o movimento;
 Onde em novo odio aceso o infiel peito
 Faz que o canhão não césse hum só momento,
 Mas quem mal o acertou á ida primeiro
 Não foi depois na vinda mais certo.

XCIII.

Passa o Gouveia em salvo polo meio
 D'odio, d'ira, de fogo, ferro, e morte,
 E se lá dentro sente algum receio
 Bem o encobre de fóra o peito forte,
 Á fortaleza enfim sem damno veio,
 Onde mil graças rende a sua sorte,
 E o Capitão, e os baixos, e os maiores
 O recebem com festa, e com louvores.

XCIV.

Á fortaleza neste tempo guia
 Dous cátures o vento amigo e brando,
 Hum que ao Governador obedecia
 E lá de Goa as ondas vem cortando;
 Dentro hum nobre varão em si trazia
 Cuja alcunha he Moraes, nome Fernando,
 Que tõe no militar, heroico officio,
 Grande esforço e saber, largo exercicio.

XCV.

N'outro que de Chaul faz a jornada
 Vem hum, cujo apellido Guelez era,
 E o nome Pero Vaz, mas pouco ou nada
 Este na fortaleza então espera;
 No seu mesmo cátur faz a tornada
 Para o mesmo Chaul d'onde viera,
 Mandado do que então o governava,
 Que Simão tambem Guelez se chamava.

XCVI.

Tambem logo o Moraes tornar-se estuda
 Para Goa outra vez, mas resistencia
 Acha no Capitão, que disto o muda
 Dizendo: Com qualquer leve advertencia
 Vereis quanto me importa agora a ajuda
 Do vosso grande esforço, e experiencia.
 Obedece o Moraes com grande pejo
 Aos rogos do Silveira, ao bom desejo.

XCVII.

Na fortaleza então dentro apparece
 O Pacheco, a quem disse a historia minha
 Que da Villa dos Rumes obedece
 Agora o baluarte, e diz que vinha
 A ordenar tudo quanto lhe parece
 Que a quietar sua alma lhe convinha,
 E para a quietação ser verdadeira
 Quer dar ao testamento a ordem primeira.

XCVIII.

E sendo devedor em quantidade
 De dinheiro elle ao Rei de que he vassallo;
 Trata de o arrecadar com brevidade
 Aquelle a quem compete arrecadallo,
 Em tão pia tenção, pia vontade
 Desejando tambem quiçá ajudallo;
 Mas queixa-se elle disto, e mal o sofre
 Que a alma descarregar vem, não o sofre.

XCIX.

Sólta sem tento a lingua asperamente
 Contra aquelle de quem isto he tratado,
 E á verdade o tempo era mais decente
 Então a grangear qualquer ousado:
 Mostra-se tão queixoso e impaciente,
 Tão offendido na honra, e tão damnado,
 Que desta sua queixa tão sobeja
 Qual ri, qual escarnece, qual pragueja.

c.

E posto ante o Silveira, com destento
 O cargo que até então tinha lhe engeita,
 E que o proveja diz, porque hum momento
 Elle d'alli em diante o não acceita,
 Replica o Capitão com soffrimento,
 Aconselha-o, porém pouco aproveita,
 Que o Pacheco obstinado em sua queixa,
 E nisto que então diz, se vai, e o deixa.

CI.

Não quiz o Capitão dar-lhe o castigo
 Qual merecia então sua soltura,
 Porque n'hum tempo tal, n'hum tal perigo
 Lhe cumpria soffrer, e usar brandura:
 Mas chama inda o Moraes, intimo amigo
 Do Pacheco, cuja honra inda procura,
 E que vá aconselha-lo lhe encommenda
 Porque hum tal erro possa ter emenda.

CII.

Não faz isto o Silveira porque a ausencia
 Deste homem, faga falta nesta parte,
 Porque o Sousa Coutinho, com vehemencia
 Lhe pede a defensão do baluarte;
 Mas porque natural he da prudencia,
 E muito mais no perigoso Marte,
 Trabalhar porque não caia em affronta
 O Soldado antes tido em boa conta.

CIII.

Vai-se logo o Moraes a dar effeito
 A isto que o Capitão então lhe manda,
 Nem foi esta sua ida sem proveito
 Que com muitas razões o move e abranda.
 Dos conselhos do amigo satisfeito
 O Pacheco se volve n'outra banda,
 E tanto que d'Estrellas o Ceo se orna
 Para o seu baluarte elle se torna.

CIV.

Poucas vezes depois o que a formosa
 Daphne fez converter em verde louro,
 Lá sobre a opaca terra, e ponderosa
 Estendêra e encubríra o raio de ouro,
 Quando na hora que a Aurora ruciosa
 Quer soltar o cabello crespo e louro,
 Põe junto á fortaleza a aguda proa
 Hum çatur que de lá vinha de Goa.

CV.

Este por novas deu que pouco havia
 Que ja na oriental praia aportára
 A Portugueza armada, e que trazia
 Hum novo Viso-Rei, tambem declara,
 Cajo nome diz que era Dom Garcia
 Da Noronha, familia antiga e clara,
 E diz que traz comsigo juntamente
 Mui copioso poder, mui nobre gente.

CVI.

Logo ao nobre Silveira se apresenta
 Hũa carta, que lá de Goa veio
 Do Viso-Rei, que persuadi-lo intenta
 Que estê de confiança e esforço cheio.
 Alegra-se o Silveira, e se contenta,
 Cobra novo fervor, perde o receio,
 E sendo a nova em todos espalhada
 Com grãa festa e prazer foi celebrada.

CVII.

O Fernando, que atraz a historia minha
 Disse, que tõe Moraes por apellido,
 Pergunta se para elle carta vinha
 Do Viso-Rei. Não vem, lhe he respondido.
 Logo em publico diz, que pois não tinha
 O respeito o Noronha a elle devido
 Tornar-se para Goa he seu intento,
 Nem tardará alli mais hum só momento.

CVIII.

Presenta-se ao Silveira sem detença,
 Suas queixas perante elle renova,
 E pede que lhe queira dar licença
 Para se ir no cátur que trouxe a nova.
 Mostra-lhe o Capitão quão mal pertença
 A sua honra aquella ida, e lh'a reprova,
 Quicá de tirar com isto desejo
 Grãa materia ao praguento, ou invejoso.

CIX.

Mais insiste o Moraes, aconselhado
 Responde o Capitão, com ledo rosto:
 I-vos, que eu só me quero acompanhado
 De quem de acompanhar-me tõe grão gosto.
 Fica o Moraes traz isto inda obstinado,
 Nem da sua tenção muda inda o posto,
 E na hora que n'hum véo escuro envólta
 Fica a terra, se embarca, e a Goa vólta,

CX.

No nobre Capitão logo se acende
Hum desejo entendido claramente,
Que lá no baluarte que defende
O Pacheco, esta nova se apresente.
Lopo de Sousa, que isto delle entende,
Lhe promette, que quando o Sol luzente
Descansar no maninho usado leito
Seu desejo verá posto em effeito.

CXI.

Acceita o Capitão a honrada offerta,
E com muitos louvores lhe agradece,
E em quanto o raio d'ouro inda encuberta
Têe a sombra que o claro ar escurece
Tudo o Sousa provê, tudo concerta
Quanto ser necessario lhe parece
Para effeito daquillo que queria,
Armas, embarcação, e companhia.

CXII.

N'hũa fusta que alli só foi achada
(Tendo para o que quer tempo opportuno)
Entra, e com grão silencio, abrindo a estrada
Vai polo humido assento de Neptuno.
Mas porque a mi ja cansa, a vós enfada
Este Canto, ja assaz largo e importuno,
Céssô aqui, porque céssê algum espaço
O vosso enfadamento, e o meu cansaço.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIV.

Lopo de Sousa chega ao baluarte de Francisco Pacheco, e torna á fortaleza em salvo. A armada dos Turcos sahe de Madrafabat, e vai ancorar em Diu. Dá-se o combate ao baluarte, e o successo delle. Contão-se algumas cousas que succedêrão neste meio tempo. Chega á fortaleza hum homem do baluarte de Francisco Pacheco, e a que vinha.

I.

Parecer foi da douda antiguidade
Que não falta a fortuna ao atrevimento,
Isto abraçou depois a nova idade,
Dá-se-lhe hoje tambem consentimento.
Qual o provou co' o exemplo da verdade,
Qual co' o exemplo o provou do fingimento;
A poesia co' o que ella finge e inventa,
A historia co' o que o tempo lh'apresenta.

II.

Se qualquer escriptor isto pertende
Ou seja fabuloso, ou verdadeiro,
No braço Portuguez, a quem se entende
Que nenhum outro foi nunca primeiro,
Conhecido ja onde o Sol estende
O seu primeiro raio, e o derradeiro,
Mil feitos achará mais espantosos
Que os verdadeiros seus, ou fabulosos.

III.

Feitos, que mais ao vivo estão provando
Quanto ajuda a fortuna á ousadia
Que quantos a verdade está mostrando,
Ou quantos imagina a fantasia.
O que agora começo de ir cantando
Só para prova disto bastaria,
Mas esta prova fazem mais bastante
Os que cantei, e espero que inda cante.

IV.

Fendendo as ondas vai a proa aguda
Sem ter algum favor de linho ou faia,
Porque como encubrir-se o Sousa estuda
Não quer que ou hum se estenda, ou outra caia ;
O curso da maré só lhe dá ajuda
Para ir buscar do baluarte a praia,
Mas tão depressa vai co'o favor della
Que bem póde escusar o remo e a vella.

V.

Não foi de todo vão este conceito
 Que algum tempo se encobre com esta arte,
 Porém como era o rio assaz estreito,
 E vigiado assaz por toda a parte,
 Daquelle ardil não pôde vêr o effeito,
 Porque antes de chegar ao baluarte
 Das espertas vigias foi sentido ;
 Soa logo a alta grita, o grão ruido.

VI.

Traz isto o bombardeiro diligente
 Salta d'hum canhão n'outro, e aceso o sôlta,
 Sahe entre fogo e fumo o ferro ardente,
 E lá da Christãa fusta vai na vólta.
 Não desmaia com isto a fiel gente,
 Inda que então n'algum temor envólta,
 Pois então cada hum vê combatida
 De mil mortes crueis hũa só vida.

VII.

Não deixa d'ir ávante com grãa pressa
 Com quanto a jornada he de morte cheia,
 Arde o Turco, de blasfemar não cessa
 Por se ir este tambem como o Gouveia :
 Nem a solida chuva mais espessa
 Cahe de lá da nimbroza, escura veia,
 Que do infiel canhão o mortal peso
 Inda em mór odio cahe que fogo aceso.

VIII.

Mas dos mortaes pelouros a frequencia
Emfim foi vãa, e vão foi todo o estudo,
Que em vão se ajunta ao odio a diligencia
Contra quem da fortuna leva o escudo.
O Sousa emfim sem outra resistencia
Senão a do seu peito ousado em tudo,
A que a fortuna então favor não nega,
Sem damno ao logar chega, aonde navega.

IX.

Levanta logo a voz, sendo chegado,
Polo Pacheco brada com instancia ;
Acode elle em ouvindo ser chamado,
Que não lh'o impede então a alta distancia :
Pergunta logo o Sousa polo estado
Em que estão, elle, os seus, e a sua estancia,
Dá-lhe a nova que traz, que elle ha por boa,
D'estar a armada ja do Reino em Goa.

X.

Apoz isto lhe diz que elle queria
Deixar a embarcação, saltar em terra
A dar-lhe algũas cousas que trazia,
De que hũa he de refresco, outra de guerra :
Que tenha aberta a porta lhe pedia
A qual da sala a entrada impede e cerra,
E para que elle possa ir lá seguro
Co' os seus o favoreça lá do muro.

XI.

Recusa o Capitão aquella entrada
 Do Sousa onde elle está, nem lh'a concede,
 Dizendo que com muro tõe cerrada
 A porta, que elle estar aberta pede,
 E delle ao baluarte está atalhada
 Ja a communicação, porque lh'a impede
 O grão vallo que o imigo pôz na parte
 Que entre elle posta está, e o baluarte.

XII.

E que de mais não tõe necessidade
 Senão que a sua ajuda lhe não negue
 O Rei que habita lá na Eternidade
 A quem tudo obedece, e tudo he entregue;
 Mas pola obrigação, pola amizade
 Que deve hum Capitão a quem o segue,
 Elle ao Silveira pede por ajuda
 Que dando elle signal, de lá lhe acuda.

XIII.

Aquelle espaço todo que gastarão
 Nesta prática os dous que aqui nomeio,
 Os profanos pelouros não cessarão,
 Que por serem mortaes davão receio;
 E tão espessos vão que lhes cortarão
 Mil vezes as palavras polo meio,
 Mas a prática fica concluida
 Inda que foi mil vezes repetida.

XIV.

Despedido atraz isto o varão forte
 Ao primeiro perigo a fusta entrega,
 E rompendo outra vez por fogo e morte
 Com invencivel peito o mar navega;
 É tal favor então da amiga sorte
 Sentio, que á fortaleza em salvo chega,
 Apesar do perenne fogo ardente
 A detê-lo apressado e diligente.

XV.

Nenhum peito a grã festa dissimula,
 Nenhuma lingua o seu louvor encobre,
 Qual entre os mais heroicos o intitula,
 Qual então hum geral gosto descobre:
 Nem sómente ao Silveira isto estimula
 Mas a gente tambem plebeia e nobre,
 Todos liga união pura e sobeja
 Em nenhum detracção reina, ou inveja.

XVI.

Gastou-se nisto o espaço que o dourado
 Planeta pôz na usada sua carreira,
 Mas quando elle nas ondas descansado
 Fez que mostrasse a irmã a luz primeira,
 A fusta só que tinha, com recado
 A Goa ao Viso-Rei manda o Silveira,
 E nella os que a doença grave e dura
 Necessitados fez alli de cura.

XVII.

Tendo o Turco, que em nada pôz tardança,
 Então ja preparada a bateria
 Que ao baluarte, cuja governança
 Têe Francisco Pacheco, dar quera,
 Não lhe soffre o furor, e a confiança
 Que o possa dilatar mais hum só dia,
 Credo que por não ser ja commettido
 Não era o baluarte ja rendido.

XVIII.

E ja no fim do mez em que pisando
 As estradas do Ceo co'o carro aceso
 O autumnal Equinocio vai mostrando
 O planeta do amor de Daphne preso,
 Na hora que d'entre as ondas, levantando
 Phlegom, e os outros tres o claro peso,
 Desterrárão o manto tenebroso,
 Começa o bravo assalto, e temeroso.

XIX.

Eis se ouve o grão clamor, vê-se a revólta
 Lá no povo fiel, e lá no imigo,
 Sahe a ruína e a morte em fogo envólta,
 Lá do grão basilisco, que atraz digo
 Que da armada alli veio, e tambem sólta
 Com estrondo menor, menos perigo
 Seu furor outra peça mais miuda
 Que entrada ao baluarte abrir estuda.

XX.

Mas em quanto trabalha nesta entrada
A profana bombardada horrenda e fera,
Eu lá a Madrafabat faço a jornada
Onde a frota infiel sei que me espera.
Esta estando ja assaz bem preparada
Do que a sua tenção necessario era,
Não quer alli deter-se mais hũa hora,
Pois tõe o mar e o vento brando agora.

XXI.

Sendo ja chegada a hora da partida
Hum manda, outro executa o mandamento,
Sabe logo a ancora curva, constrangida
De duros braços, lá do fundo assento,
Sóbe a entena ao mais alto, onde estendida
A vella, em si recolhe hum manso vento,
O remo cahe, e as ondas revolvendo
Faz com que a aguda proa as vá fendendo.

XXII.

Fendendo as ondas vai a aguda proa
Ufania mostrando em tudo, e gosto,
O estandarte de varia seda voa
Com ordem em logares varios posto,
O tambor, e o clarão guerreiro soa
Com mais horrendo som que bem composto,
Na popa o rico toldo roçagante
De que o mar he tambem participante.

XXIII.

Este gosto que em tudo mostra a fróta
 Em tudo vai a gente descobrindo,
 Da Christãa fortaleza segue a róta
 Favoravel o vento e o mar sentindo :
 Hũa bem concertada galeóta
 Vai diante, a quem todos vão seguindo,
 A qual Jhuof Hamed em si trazia
 Que tõe do mar a mór capitania.

XXIV.

Com esta ordem que digo que levava
 Esta armada infiel, soberba e ufana,
 Na hora que o baluarte começava
 Sentir em si a cruel furia profana,
 Começa a apparecer onde a alcançava
 Ja claramente a vista Lusitana,
 Que d'hum tal apparato, tal arreo
 Mais alvorogo toma que arreceio.

XXV.

E sendo o dia claro, o vento brando,
 O mar quieto, manso, e bonançoso,
 E a aguda proa os ventos vai cortando
 Com curso mais veloz que vagaroso,
 Em breve tempo a armada foi chegando
 Defronte ao baluarte onde o animoso
 Gouveia tinha o mando, e o regimento,
 Ao qual a barra deu o nome e o assento.

XXVI.

Aqui logo a profana inimiga gente
Começa a descobrir o aceso peito ;
Faz do canhão sahir o ferro ardente
Que contra a fortaleza vai direito ;
Mas por isto não ser confusamente
Passa hum navio entre outro, e de tal geito
Se ordenão, que em tirando alli, o primeiro
Dá logar ao segundo, este ao terceiro.

XXVII.

Soltando com esta ordem toda a armada
Dos canhões a fulminea tempestade,
Faz que na fortaleza tenha entrada
De pelouros mortaes grãa quantidade :
E cuidando quiçá vêr destroçada
Só com isto a Christãa ferocidade,
Só n'hum tão forte, quanto triste, moço
De infinitos canhões pára o destroço.

XXVIII.

O infelice maneebo, que no muro
Acaso estava então d'armas ornado,
Lá onde o seu feroz espirito duro
Para seu damno o tinha então guiado,
Quiçá na hora que estava mais seguro,
E d'hum tão grave mal mais descuidado,
Eis solta das galés a horrenda e fera
Mortal furia, hũa grossa, brava espera.

XXIX.

Esta, que sempre traz por companheira
 Hũa morte cruel não resistida,
 Direita ao moço lá faz a carreira
 A dar morte ao que então começa a vida;
 Encontra-o polo ventre, e da maneira
 Que cahe a nova planta, combatida
 Dó machado, que o duro braço afferra,
 O triste moço cahe pallido em terra.

XXX.

Pallido em terra cahe o moço triste,
 Com as entranhas feitas em pedaços,
 A lagrimas e a dôr, ninguém resiste
 Senão sós os penedos, sós os aços.
 Tu, mal afortunada que o pariste
 Apparelha os cansados, velhos braços,
 Em que n'hũ' hora vejas consumido
 O que vinte annos ha que tões parido.

XXXI.

Viva alli a Mãe ao moço inda guardára
 Para esta desventura acaso a sorte,
 Á qual ja n'outro tempo arrebatára
 O charo companheiro a cruel morte.
 Com vida inda, e com falla á velha e chara
 Mãe, foi levado o moço, e com tão forte
 Esprito o recebeo, que dôr tamanha
 Com lagrimas as faces não lhe banha.

XXXII.

Nos braços o agasalha, e inda procura
Que a cirurgia a tanto mal proveja,
Mas o moço, que vê que a sepultura
Só lhe fallece então, e o mais sobeja,
Lhe diz: Consenti, Mãe, que d'alma a cura
Antes que as vossas lagrimas eu veja,
Para que a vossa dôr não possa agora
Impedir-me o que cumpre a esta ultima hora.

XXXIII.

A animosa mulher, em quem se esconde
Esforço, que ao mais forte déra espanto,
Estando ella então só quieta, onde
Os mais rompem o Ceo com triste pranto,
Com socegado rosto lhe responde:
Filho, d'estar teu fim ja perto tanto
Que a cura d'alma só te está pedindo
Está a minha hũa grave dôr sentindo.

XXXIV.

Mas inda que esta dôr tanto me alcança
Quanto me obriga o amor, e o mal presente,
Faz-ma porém soffrer bem a esperança
Com que ja hum grande allivio esta alma sente,
Que lá na Eterna Bemaventurança
Irá reinar tua alma eternamente.
Sê esforçado em morrer, na fé constante
Que isto a me consolar será bastaute.

XXXV.

Ja nesta hora comsigo o moço via
 O Sacro Sacerdote, e diz-lhe: Ouvi-me.
 Aparta-se então toda a companhia,
 Descobre-lhe o pesado, e o leve crime,
 Recebe absolvição, e neste dia
 Entra em estado santo, alto e sublime.
 Tornão aquelles logo acompanha-lo
 Que o Sacramento fez desampara-lo.

XXXVI.

E dos braços da Mãe, que d'infinito
 Esforço e piedade estava cheia,
 Manda este corpo lá o pio espirito
 Onde vida ha de ter, de morte alheia:
 Eis sóbe logo ás nuvens o alto grito,
 Mana dos olhos a salgada veia,
 Qual com dôr de hũa morte assi immatura,
 Qual sentindo da Mãe a desventura.

XXXVII.

Aquella só que ao morto filha dava
 No charo seio então recolhimento,
 Nas lagrimas communs enchuta estava,
 Na impaciencia commum tõe soffrimento;
 Se alguem a consola-la se chegava
 Della consolação recebe e alento.
 Esforço sublime inusitado
 Digno de eternamente ser cantado.

XXXVIII.

À fortaleza torno, onde me espera
Hum desestrado caso lamentavel.
Disse que a artilharia imiga e fera
Soltando a horrenda furia insuperavel,
Na Christãa fortaleza entrar fizera
Quasi hũa quantidade innumeravel
De pelouros mortaes, e esta só guerra
Ou toma-la cuidou, ou pô-la em terra.

XXXIX.

Porém a forte gente que a defende,
Que em tão leve perigo segura anda,
Tambem os seus mortaes canhões acende,
Tambem o aceso ferro á frota manda;
Mas não lhe segue o effeito ao que pertende,
Porque a sorte então mais dura que branda
Faz que o horrendo furor do Lusitano
Canhão, traga aos seus, mais q̃ aos Turcos dano.

XL.

Do baluarte da barra, e do que tinha
Do Santo antes incredulo o apellido,
Neste tempo o pelouro ardente vinha
De lá do ruïnador bronzo sahido,
E tendo a imiga frota tão visinha
Que lá alcança o furor não resistido,
Sós duas galés o sentem pouco ou nada,
Pois não passa da enxarcia, e paliçada.

XLI.

Dos seus mesmos canhões a Portugueza
 Gente, sente o mór dano, a mór ruina,
 Porque dos que alli tõe para esta empreza,
 Espera, basiliseo, columbrina,
 Quando aquella soberba furia aceza
 Com mór pressa e furor joga e fulmina,
 Dous grossos basiliscos arreventão
 Que da polvora a força não sustentão.

XLII.

Hum de metal, de ferro outro era feito,
 Ambos fortes, mortaes, impetuosos,
 Porém d'ambos não segue hum mesmo effeito,
 Só d'hum os que alli estão ficão queixosos.
 O de metal, com quanto alli desfeito
 Se vê em mortaes coriscos furiosos,
 De tal sorte porém seu furor lança
 Que dos que em torno estão nenhum alcança.

XLIII.

Mas o ferreo canhão em desarmando
 Os arcos de que fõra antes composto,
 Por cá, por lá sua furia executando,
 Qual ferindo no peito, qual no rosto;
 A quatro logo as almas arrancando
 Faz dos corpos deixar o antigo posto,
 Outros dez no seu proprio sangue banha,
 Nos sãos causa tristeza, e dôr estranha.

XLIV.

Esta cópia de mortos e feridos
No baluarte da barra só se acharão,
Mas os fados crueis endurecidos
Neste só desastre hoje não pararão.
D'outros canhões que estavam repartidos
N'outras partes, alguns arreberarão,
E por todos vêem sete o ultimo dia,
Quinze vão ter em mãos da cirurgia.

XLV.

Deu causa a este successo miseravel
Applicar-se ao serviço da bombardã,
Por erro mal sabido, e desculpavel,
O negro pó, que serve na espingarda.
Mas hum feito assaz raro, assaz notavel,
E de memoria digno, lá me aguarda
No baluarte da Villa, ir-me lá quero,
Onde causar espanto e gosto espero.

XLVI.

Porém antes me cumpre entrar na armada
Que com instantes vozes me importuna,
Porque d'hum vão trabalho ja cansada
Segura estancia ja busca, e opportuna;
Com a ordem que ja atraz tenho contada,
Contraria ao que cuidou tendo a fortuna,
Dispára a frota imiga a alta braveza
Dos seus canhões lá contra a fortaleza.

XLVII.

Ora hum dispára, ora outro, com grãa pressa,
 Polos ares retumba o estrondo horrendo,
 Succede-lhe a fumaça negra e espessa
 Que apoz a Aurora a noite está trazendo.
 Espantado o Ciclopa hoje confessa
 Que lá onde o corisco está fazendo
 Tão grosso fogo e fumo a Etnca fragea
 Não lançou de si nunca como hoje a agoa.

XLVIII.

Dado fim ao furor da fulminosa
 Artilharia, que não he infinita,
 Entre a escura fumaça, e temerosa
 Que ora a espanto, ora a gosto o peito incita,
 Passa encuberta a frota copiosa,
 E vai surgir lá junto da Mesquita
 Onde disse que o ferro ao mar lançára
 Quando alli de Suez antes chegára.

XLIX.

Em quanto estes canhões cá nesta parte
 Os redondos coriscos no ar espalhão,
 Os que batendo estão o baluarte,
 Em que os fortes soldados se agasalhão
 Que do Pacheco seguem o estandarte,
 Com grande instancia assaz tambem trabalhão
 Para romper o muro, e nelle houvesse
 Porta por onde o Turco entrar pudesse.

L.

Este bravo combate, começado
 Subindo a luz primeira no Oriente,
 Até aquella hora foi continuado
 Em que o Governador do carro ardente,
 Além do meio curso costumado
 Quatro horas caminhára ao Occidente,
 Sem estar hum momento ou quedo ou mudo
 Nem o grosso canhão, nem o miudo.

LI.

Nem fez ao baluarte em vão a guerra
 Esta furia perenne, alta, e funesta,
 Porque aquella grãa sala põe por terra
 Que lá no baluarte mesmo entesta,
 Tal que a parede com que antes se certa
 Essa mesma d'escada agora presta,
 A qual naquella parte se acabava
 Que o baluarte mais alta mostrava.

LII.

Nem pára nisto a horrenda bateria
 Porque odio tudo prova, tudo intenta,
 Hũa parte tambem da frontaria
 Do baluarte sente esta tormenta;
 Tambem lhe cegão toda a artilharia,
 De que se alegra assaz, e se contenta
 O imigo, que ha que tõe, com grande gloria,
 Pois subida ja tõe, certa a victoria.

LIII.

E vendo ella que o fim de seu intento
 Com tal occasião se lhe apparelha,
 Não se quer mais deter hum só momento
 De furia estimulada, nova e velha,
 E logo ao som do bellico instrumento
 Seguindo de corrida lãa vermelha
 Bandeira grande assaz que hia diante,
 Sahe soberba, feroz, sahe arrogante.

LIV.

Desce lá do intratavel cume Alpino
 O arrebatado rio, caudaloso,
 Quando o Sol dos de Leda entra no sino
 Co'a derretida neve mais furioso;
 Se em meio do furor, do desatino
 Com que move o seu curso impetuoso
 Encontra do penedo a grãa firmeza
 Torna atraz, e desvia a alta braveza:

LV.

Tal se me representa esta profana
 Gente feroz, e cheia d'arrogancia,
 Que entrando impetuosa, ousada, e ufana
 A detem lãa firme, alta constancia.
 Setecentos serão (se não me engana
 A vista) os que vão lá da Turca estancia
 Traz o pendão purpurco, erguido em alto,
 Preparados ao fero, horrendo assalto.

LVI.

E como tõe a empresa por vencida
Ir cada hum diante então trabalha;
Sóbe o animoso alferes de corrida
Lá pola ruinada, alta muralha,
Acompanhado foi nesta subida
De quantos o logar em si agasalha,
Que como não esperão resistencia
Vão ja traz a victoria a competencia,

LVII.

E porque mais ousado hoje e atrevido
Siga o Turco esquadrão o que pertende,
Foi de muitos dos seus favorecido,
Qual co'a frecha subtil que os ares fende,
Qual co'o chumbo mortal, que despedido
Lá da espingarda, tudo abate, e rende,
Que vão contra os Christãos, para impedir-lhes
Mostrar-se aos infieis, e resistir-lhes.

LVIII.

E sendo os Turcos ja quasi igualados
Co'o mais alto logar do roto muro,
Tendo os Christãos ja por desbaratados
E o fim daquella empresa por seguro,
Forão de sós dous homens encontrados
D'esprito mais que forte, mais que duro,
Que sobre o andaime lá do baluarte
Fazem parar dos Turcos o estandarte.

LIX.

Qualquer dos dous estende a tesa lança
 Contra infinitas lanças, sem receio.
 O Turco, inda com riso e confiança,
 Não duvida acabar isto a que veio,
 Mas porque a resistencia mór tardança
 Lhe põe do que cuidava, d'ira cheio,
 Blasfemando a Mafoma, que lhes nega
 Seu favor, só nos dous a furia emprega.

LX.

Porém os dous, em quem hum tal perigo
 Maior esforço põe que espanto e medo,
 Contra o grosso furor do povo imigo
 Com tal constancia tõe o rosto quedo,
 Que o mais grosso Carvalho, e mais antigo,
 Nem a mobil constancia do penedo,
 Não resiste melhor ao movimento
 Ou da furiosa onda, ou do grão vento.

LXI.

Os Christãos que lá da fortaleza
 Aquelle raro esforço dos dous vião,
 Movidos ora a dôr ora a braveza
 Porque então ajuda-os não podião,
 Não sabendo se a causa era fraqueza
 Ou se outras cousas são as que fazião
 Que os outros aos dous sós deixão em tanto
 Perigo, em todos entra hum grande espanto.

LXII.

Cresce esta sua dôr, vendo faltar-lhes
 Navios, com que então o mar fendendo
 Sequer algum favor podessem dar-lhes,
 E em lagrimas a ardente ira envolvendo
 Mandão-lh'os peitos lá onde mandar-lhes
 Nenhum póde o seu braço, e o ferro horrendo,
 Mas co'o mortal canhão, bravo e terrível
 Os ajudão de lá quanto he possível.

LXIII.

Mas a gente infiel, que desatina
 E dentro se consume, e desespera,
 Vendo que podem dous o que imagina
 Que toda a Christãa gente não pudéra,
 Com dobrado furor, se determina
 Vencer aquella invicta cópia féra,
 Meneia com imigo, duro braço
 Hum a comprida lança, outro o curto aço.

LXIV.

Porém tendo qualquer dos dous o peito
 Invencível, feroz, forte, incansavel,
 E o logar em que estão he tão estreito
 Que bem lhes dá de si ser defensavel,
 Ambos sós o defendem de tal geito
 Contra hum imigo quasi innumeravel,
 Como se os que estão no baluarte
 Aquella defensão tiverão parte.

LXV.

Agora a tesa lança penetrando
 Os corpos infieis, faz seu officio,
 Agora o aceso barro arremessando,
 Agora outro flammifero arteficio,
 Que os de dentro lh'estavão ministrando
 Para aquelle sanguineo exercicio,
 Fazem sós o que os mais que tõe comsigo
 Não por difficuldade, e por perigo.

LXVI.

Logo daquelles braços não vencidos
 Entre os Turcos se segue o effeito duro,
 Porque huns neste logar são constrangidos
 Mandar as almas lá ao reino escuro,
 Outros co'os pés nos ares estendidos
 Precipitados vão lá do alto muro
 Com grão damno ou das pernas ou das fronte.
 Achárão-se hoje aqui mil Phaetontes.

LXVII.

Nem seguem tanto em salvo esta contenda
 Que o seu sangue não faça humida a terra,
 Porque como sómente a elles pertenda
 Fazer esta copiosa turba a guerra,
 Inda que os muitas vezes não offenda
 O tiro penetrante, porque os erra,
 Outros muitos tambem os acertarão
 Que cruelmente os corpos lhes passarão.

LXVIII.

Mas nem faltos de sangue, e trabalhados
De resistir a inimigos infinitos,
Se lh'abatem hum ponto os indomados,
Magnanimos, leaes, duros espiritos.
E tanto hoje são delles maltratados
Aquelles infieis peitos malditos,
Que perdêrão de todo a confiança
De prevalecer hoje a sua lança.

LXIX.

Dura este bravo assalto e furioso
Até que de Latona o filho louro
Nas ondas ja mettia o luminoso
Carro, d'onde espalhára os raios d'ouro.
Confuso então assaz, e ja medroso
Aquelle antes soberbo, e ousado Mouro,
Não se atreve a esperar a força brava
Que antes como a vencida despresava.

LXX.

Desce lá do alto muro com mór pressa
Da com que antes subio, a imiga gente,
Por cá, por lá se espalha, e se arremessa
Por fugir a outro mal que tõe presente;
Porque hum momento só então não cessa
De busca-la o redondo ferro ardente,
Que lá da fortaleza fulminando
O canhão furioso está lançando.

LXXI.

Aquelles que hoje ir vivos o Ceo manda
 Das mãos dos dous, e da mortal bombarda,
 Só co'os pés dão fim a esta demanda,
 Por mais ditoso se ha quem menos tarda;
 D'estorninhos no Outono a negra banda
 Que sente o tom inimigo da espingarda,
 No temor e desordem com que foge
 Não chega á que esta gente levava hoje.

LXXII.

Mas com medo e desordem correm tanto
 Que ás estancias vão ter em breve espaço,
 E inda os lá acompanha hum grande espanto
 D'hum tão raro valor, tão forte braço.
 Vós fortes dous varões de quem eu canto
 Sofrei-me não louvar-vos, pois o faço
 Porque o maior louvor do vosso peito
 He só dizer o que hoje tendes feito.

LXXIII.

Sendo com tão glorioso vencimento
 Lançado d'alli hum áspero adversario,
 Vão logo os dous buscar recolhimento
 Qual entendem que lhes era necessario.
 Recebidos com grão contentamento
 Dos companheiros são, e co'o ordinario
 Favor da cirurgia sustentados
 Os corpos por mil partes trespassados.

LXXIV.

Não deixarão porém aquelle muro
Que tõe com tanto esforço defendido,
Até que descobrio o manto escuro
A noite, e o Ceo d'Estrellas foi vestido;
Porque esta escuridão lhes dá seguro
Que não será de novo combatido,
E inda o seu forte espirito lhes renova
Para outro assalto novo, força nova.

LXXV.

Depois de ser passada a maior parte
Da noite que seguio a hum tão bom dia,
Quando o sanguinolento, horrido Marte
Ao molle e brando somno obedecia,
Sahe hum do combatido baluarte
E á fortaleza faz direito a via,
Que por nome Faleiro Antonio tinha,
E com pressa lá chega aonde caminha.

LXXVI.

Confuso o Capitão, suspenso fica
Tanto que lhe chegou disto o recado,
Porque esta vinda então lhe prognostica
Algum estranho mal, e não cuidado;
Mas nada então de fóra notifica
O que o seu peito tõe dentro encerrado,
O sobresalto o apressa, elle o primeiro
Deseja d'ir buscar logo o Faleiro.

LXXVII.

Mas vence emfim co'a força da prudencia
 Este impeto que tanto o perturbára,
 E fazendo alli vir com diligencia
 Todos os da familia illustre e clara,
 E os mais a quem o esforço e experiencia
 Para estes autos taes habilitára,
 Ao Faleiro mandou (que presente era)
 Que dissesse a rasão que alli o trouxera.

LXXVIII.

Elle então posto em pé, logo endireita
 Para onde o Capitão via que es'ava,
 Dá-lhe hũa longa carta, que ser feita
 De tres ou quatro dias mostras dava.
 Esta era do Pacheco, onde da estreita
 Peleja do outro dia não tratava,
 Nem d'outra cousa das que disse agora
 O Faleiro, a que alli mandado fora.

LXXIX.

Esta carta em logar do sobrescrito
 Que déclara a pessoa a quem se escreve,
 Diz que lá a tudo quanto lhe fôr dito
 Polo Faleiro então, fé dar se deve.
 Logo isto ao perspicaz, esperto espirito
 Motivo e occasião deu, e não leve
 De cuidar que esta vinda extraordinaria
 Era forjada mais que necessaria.

LXXX.

O Faleiro apoz isto diz que quando
Fez lá do baluarte elle a partida,
O Pacheco (que tinha d'elle o mando)
Tão perto estava ja do fim da vida,
Que elle comsigo estava imaginando
Que de todo a teria ja perdida,
E que hũa enfermidade grave e forte
Que teve o tempo atraz, o trouxe á morte.

LXXXI.

Entre este ajuntamento era presente
O Lopo, que d'alcunha tinha Sousa,
Este ao Faleiro diz, que ante tal gente
Como dizer se atreve hũa tal cousa,
Porque elle havia dous dias sómente
Que do Pacheco a voz ouvíra, e que ousa
Dizer que aquella voz estava em termo
Que era voz de homem são mais que d'enfermo.

LXXXII.

Pouco o Faleiro disto se contenta
Que em grão perigo vê sua verdade,
E como inda procura, ainda intenta
Do Pacheco provar a enfermidade,
Grãa cópia de rasões logo apresenta,
Mas todas sem vigor, e authoridade,
Para dar a entender que ser podia
O que lhe o Sousa então contradizia.

LXXXIII.

E cuidando que estava ja bastante
 Mente com taes rasões acreditado,
 Polo que começou segue inda ávante,
 E diz que no combate antes passado
 Soffrendo os seus com animo constante
 O barbaro furor imigo e irado,
 A dez ou quinze coube o fim das vidas,
 E aos vivos, crueis, mortaes feridas.

LXXXIV.

D'onde nasceo que quando a competencia
 Os commetteo a gente Sarracena,
 Ella achou em tão poucos resistencia,
 Mas nem por isso fraca nem pequena;
 Antes aquella imiga alta potencia
 Que os Christãos a cruel morte condena,
 Havendo-os ja de todo por perdidos,
 Vencida he dos que havia por vencidos.

LXXXV.

E diz que as cousas todas são gastadas
 Quantas á defensão se requerião,
 Ardida acaso a polvora, e arrombadas
 As pipas que em si a agua recolhião;
 Co'os tiros as mais lanças são cortadas,
 Cegas as bombardeiras que impedião
 Da bombarda o meneio, e desta sorte
 Não tõe ja defensão senão na morte.

LXXXVI.

E que vendo o Pacheco, e os seus soldados
Em tudo o necessario hum tal defeito,
De se salvarem ja desesperados,
Tanto o desesperar lh'acende o peito
Que estavam de ir morrer determinados
(Em se tornando o Sol ao usado leito)
Entre os Turcos, que pois lhes era forçada
A morte, fosse ao menos morte honrada.

LXXXVII.

Porém que elle impedira effectuar-se
O que esta gente então determinava,
Dizendo que melhor era buscar-se
Remedio áquelle aperto em que se achava;
E quando não podesse remediar-se
Então esse remedio lhes ficava
Da morte que buscar queria agora,
Que para morrer nunca falta hū'hora.

LXXXVIII.

Toda a mais companhia isto approvára
Que só em desesperar tinha esperança,
Elle a hūa bombardeira então chegára
D'onde co' a fria luz que de si lança
A bella Trivia, que era então bem clara,
Que da de seu irmão grãa parte alcança,
Vê por baixo passar hum que a doutrina
Segue de Mafamede, e se lh'inclina.

LXXXIX.

Deixa a materna lingua em que nascera,
 E usando a que usa lá a Arabia terra
 Diz ao Turco: Escusar-se rasão era
 Esta sanguinolenta, cruel guerra,
 Se Tesifone, Alecto, se Megera
 Dentro nos vossos peitos não se encerra;
 Busque-se hum meio bom com que se evite
 Tanto sangue, e que ás mortes dê limite.

XC.

Ao qual lhe respondeo, que esta demanda
 Elle aos seus Capitães presentaria.
 Parte-se logo, e torna áquella banda
 Com tal pressa que então cuidava que hia,
 E dissera que Cojaçofar manda
 Que para se dar a isto a melhor via
 Algum descesse lá do Christão muro,
 O qual poderia ir assaz seguro.

XCI.

E que aquelle Christão ajuntamento
 Com sentença por todos approvada
 O elegêra, por ter conhecimento
 Da lingua que em Arabia he costumada,
 Porque esta tambem lá no Turco assento
 Não he entendida só, mas mui tratada,
 Para que algum partido lá pratique
 Com que em salvo honra e vida a todos fique.

XCII.

Logo abaixo descêra, e presentado
Aos Turcos Capitães, foi recebido
Com alegre semblante e gasalhado,
Onde fôra por elles commettido
Que se quizessem dar, pois tõe provado
Que em vão o seu poder he resistido,
E que de Coleimão ninguem duvida
Que a todos liberdade dará, e vida.

XCIII.

E sendo isto altercado longamente
Com mil várias rasões de parte a parte,
Dissera elle que a Portugueza gente
Não se entregará a si, e o baluarte;
Antes com pertinaz furor ardente
Se defenderão contra o mesmo Marte
Por mais que mostre sua crueldade,
Senão salvar a vida, e a liberdade.

XCIV.

Mas que nenhum concerto, ou de seu gosto,
Ou de sua honra fosse, ou seu proveito,
Entre elles ficará por obra posto
Sem ser ao Capitão geral acceito.
A isto os Turcos respondem com bom rosto,
E dizem que elle fosse dar-lhe effeito,
E que havida a licença, tratarião
Do pacto que entre si fazer podião.

XCV.

E que os do baluarte a isto o mandavão
 Para que co'o Silveira o consultasse,
 A cujo parecer se sujeitavão,
 E elle nisto o melhor determinasse;
 Que elles para morrer promptos estavão
 Se elle para morrer os incitasse,
 Mas que faltar-lhes tudo saiba certo
 Quanto os póde ajudar em tal aperto.

XCVI.

Aqui conclue a prática o Faleiro
 De quem se concebeo juizo vário,
 Qual o julga por pouco verdadeiro
 Qual o julga tambem polo contrario:
 Porém o Capitão geral, primeiro
 Que lhe responda, tõe por necessario
 Consultar os que estão naquella junta,
 Logo os seus votos nisto lhes pergunta.

XCVII.

Destes inda que alguns então ficarão
 Com má suspeita em si, sem a dizerem,
 Vendo com quanta instancia lh'affirmarão
 Que não tõe defensão senão morrerem,
 Todos sem discrepancia aconselharão
 Que o melhor pacto fação que puderem,
 Que de morrer não deve dar motivo
 Quem quando isto aconselha fica vivo.

XCVIII.

O Silveira tambem nisto concerta
 Co'o parecer daquella companhia,
 E responde que pois tanto os aperta
 A falta que de tudo lá havia,
 Que elles mesmos escolhão a mais certa
 E de sua saude a melhor via.
 Torna o Faleiro aos seus, tendo licença,
 Que esta resposta só lhes põe detença.

XCIX.

Na fortaleza foi logo affirmado,
 Sem saber inda alguem disto a verdade.
 Que o Pacheco co'os Turcos, quando o usado
 Raio do Sol esconde a claridade,
 Tinha duas ou tres vezes fallado,
 E algũas cousas desta qualidade,
 Que se soube depois serem passadas
 Como forão então advinhadas.

C.

Pouco espaço depois que o passo vólta
 Faleiro para os seus, não vagaroso,
 A bella Aurora em nova luz envólta
 Deixa a conversação do velho esposo,
 E ante o Sol os cabellos de ouro sólta
 Não sem grãa mágoa de Titon cioso,
 A quem a ausencia desta chara amiga
 A suspiros, e a lagrimas obriga.

CI.

Logo toda a plebeia e nobre gente
 Que a fortaleza então dentro em si tinha,
 Qual detraz, qual diante, promptamente
 Ao baluarte os olhos encaminha,
 Para vêr o Faleiro diligente
 Co'os Turcos em que pacto ou quando vinha,
 Mas isto não se vio senão ja quando
 O Sol ao meio curso hia chegando.

CII.

Nesta hora a ruinada parede alta
 Serve de escada á gente Sarracena,
 O que não póde só não corre e salta,
 Todos hão toda a pressa por pequena;
 Outro a quem esta escada agora falta
 Encosta á bombardeira a longa entena,
 Por ella quanto póde vai ligeiro,
 Trabalha cada hum ser o primeiro.

CIII.

Desta sorte a infiel gente perdida
 Dentro no baluarte teve entrada,
 Onde por terra foi posta e abatida
 A bandeira com Cruz assignalada,
 E em seu logar indignamente erguida
 Outra vermelha em côr, grande e farpada,
 Insignia do que o sceptro alto mencia
 Que o largo imperio Turco senhoreia.

CIV.

Este acto tão nefandó, e indigno tanto
 Do que hũa e outra bandeira merecia,
 Com grave sentimento e largo pranto
 Contemplado então foi da gente pia.
 Bem desejarão todos mostrar quanto
 Esta religião os acendia,
 Se o distante logar não lh'impedira.
 O effeito de tão justa, e tão pia ira,

CV.

Mas entre esta revolta que causarão
 No baluarte os infieis soldados,
 Religiosos peitos não faltarão,
 Os quaes da honra da Cruz estimulados,
 Ou acabar alli determinárão,
 Sendo na terra e Ceo eternisados,
 Ou erguer o pendão da insignia santa
 E abater o que o Turco impio levanta.

CVI.

Foi author deste santo, honrado feito
 Hum que Pires d'alcunha se nomeia,
 E o nome tõe do Santo que no peito
 Do Senhor se encostou na Sacra Ceia;
 Homem a quem nas forças grão defeito
 Dava a cansada idade, d'annos cheia,
 Mas d'hum grande espirito inda acompanhado
 Que por mil provas tinha antes mostrado.

CVII.

Vendo este posta a Cruz branca e vermelha
 Em tamanho desprezo, e irreverencia,
 A quem Ceo, terra, e inferno se ajoelha,
 Aceso d'hũa santa impaciencia
 Com outros seis ou sete se aconselha
 Que o quizerão seguir, e a competencia
 Se chegão á bandeira, e fazem quanto
 Não diz aqui de rouco este meu canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XV.

João Pires e seus companheiros são mortos pelos Turcos. Antonio Falcão traz ao Capitão Antonio da Silveira huma carta de Francisco Pacheco, e leva a resposta della. Os Turcos assentão a artilharia, batem o baluarte de Gaspar de Sousa, dão-lhe hum assalto, e o successo delle.

I.

Consumidor he o tempo, insaciavel
De tudo quanto cria a natureza,
Ou seja a cousa em si forte e duravel
Ou feita com engenho e subtileza:
Ante este imigo enfim fica domavel
Antes de todo perde a fortaleza,
E á que parece mais constante e forte
Tambem guarda seu genero de morte.

II.

Que grande Imperio d'ouro, e d'armas feito,
 Que bem fundada torre, que Cidade,
 Que espantoso, immortal, que heroico feito,
 Que forte, que robusta mocidade,
 Que dôr posta no centro lá do peito,
 Que desesperação, que saudade,
 Ou se cousa inda ha mais dura e constante
 A resistir ao tempo foi bastante?

III.

Tudo se rende emfim, tudo obedece
 A este segundo fogo, vagaroso,
 Só contra suas forças prevalece
 Hum magnanimo espirito valeroso;
 Porque este, quando a força desfalece
 Se torna mais feroz, mais animoso,
 E o decurso do tempo, ou morte esquiva
 Não sómente o não gasta, mas o aviva.

IV.

Não he isto que digo cousa nova,
 Mil exemplos cada hora o tõe mostrado.
 Ousado Pires, claro em ti se prova
 Que o tempo não consume o peito ousado,
 Antes co' o tempo cresce e se renova,
 E o domador geral delle he domado,
 Mostra-lo-hão tuas obras nunca ouvidas
 Do teu espirito só favorecidas.

V.

Com impeto feroz, com furor santo
Á bandeira infiel Pires se lança,
Do baluarte fóra a deita quanto
A sua antiga e fraca força alcança;
E ajudado dos mais de que atraz canto
Que aqui lhe dão favor e confiança,
Alli d'onde o pendão purpureo arranca
Arvora logo a Cruz vermelha e branca.

VI.

Eis o soberbo Turco aceso em ira
Que aquella injuria tõe em grande estima,
De novo abate a Cruz, de cima a tira,
Ergue a sua bandeira, e põe-na em cima.
Pires arde outra vez, geme e suspira,
E a sua companhia acende e anima,
Tenta outra vez co'os seus este combate
Ergue o pendão Christão, o Turco abate.

VII.

Não se acaba com isto esta contenda,
Faz que de novo o Turco e o Christão gema,
Porque o Turco não quer que hoje se renda
A sua insignia á Cruz, que elle blasfema,
E Pires tambem quer que o Turco entenda
Que esta he a rasão que só se exalce e tema,
E tres ou quatro vezes foi no ar visto
Ora o pendão do Turco, ora o de Christo.

VIII.

Até que vendo o Turco impaciente
 Que não poderá no ar durar erguida
 A sua insignia, em quanto a Christãa gente
 Têe, para erguer a sua, força e vida,
 Já menos d'honra então que d'ira ardente,
 Deixa a bandeira já mal defendida,
 E volta o ferro contra a companhia
 Que o fim do seu intento lh'impedia.

IX.

Qual faz que da espingarda o chumbo saia,
 Qual meneia o luzente ferro agudo,
 Trabalhando porque esta gente caia
 Que o seu esforço só têe por escudo;
 Mas a esforçada gente não desmaia,
 Que a vida estima já menos que tudo,
 Quanto o perigo he mór mais se defende,
 Tambem meneia a espada, a lança estende.

X.

O pequeno navio que engolfado
 No Oceano se vê largo e espaçoso,
 Quando Orion d'espessa chuva armado
 Mostra a força do inverno tormentoso,
 De cá o combate o grosso mar inchado,
 De lá o bravo vento impetuoso,
 E por mais que trabalha o bom Piloto
 Emfim se rende aos bravos mar e Noto.

XI.

Desta sorte me mostra o pensamento
 Que estes poucos Christãos estar devião
 Entre este copioso ajuntamento
 Dos que só sua morte pertendião,
 E que com maior força que a do vento,
 E que a do bravo mar, os combatião,
 Não lhes faltando então por toda a parte
 Quanto póde ensinar, ira, odio, e Marte.

XII.

Entre aquella tão grossa tempestade
 Algum tempo os fieis se defenderão,
 Mas tal dos Turcos era a quantidade
 Que defender-se muito não puderão:
 Em mãos enfim da imiga crueldade
 Os corpos, que só á morte se renderão,
 Antes despedaçados, que rendidos,
 Deixarão hoje os espiritos não vencidos.

XIII.

Nem contente com isto aquella impura
 Turba cruel, que em odio inda ardia,
 Dá no rio a estes corpos sepultura
 Que inda despedaçados os temia.
 Fica a sua bandeira então segura
 Depois que lhe faltou quem lh'a abatia,
 Com tanto sangue seu, que esta victoria
 Mais lhes trouxe de damno, que de gloria.

XIV.

Estes corpos fieis que hoje no rio
 Pola barbara mão forão lançados,
 Cujos espiritos no Alto Senhorio
 Com gloria eterna são agasalhados,
 Por permissão do Eterno Poderio
 Forão do mesmo rio então levados
 A hũa das portas lá da fortaleza
 Com curso repugnante á natureza.

XV.

Manda o Alto Rei tomar nova carreira
 Ao liquido elemento naquella hora,
 Porque estes em que a Fé foi tão inteira
 Logrem na terra a casa em que elle mora;
 Dando com isto mostra verdadeira,
 Que pois com tal milagre quiz agora
 Dar-lhes na terra aos corpos tal morada,
 Tambem no Ceo ás almas lh'a tõe dada.

XVI.

Com morte destes poucos, cuja vida
 Suspendeo grande espaço esta victoria,
 Aquella estancia aos Turcos foi rendida
 Que por ser Portugueza lhes deu gloria.
 A maneira de que foi concluida
 Do pacto a condição, não foi notoria
 Na fortaleza, até que a loura frente
 De novo ergueo Apollo no Horizonte.

XVII.

Nem tinha inda chegado bem ao meio
 Do arrebatado seu curso ligeiro,
 Quando da parte lá de fóra veio
 Da fortaleza aquelle máo Faleiro,
 No trajo, e na arte ja de todo alheio
 Do que representando hia primeiro,
 De brocadilho ornado, e de grãa fina,
 Cortados á feição que o Turco ensina.

XVIII.

Chama com alta voz na estancia, onde
 Gaspar de Sousa tõe seu estandarte;
 Sousa, a quem esta voz alta não se esconde,
 Se lhe mostra de lá do baluarte;
 Pergunta-lhe o que quer, elle responde
 Que o Pacheco o mandava áquella parte
 C'hũa carta que ao grão Silveira escreve,
 A qual cumpre que logo se lhe leve.

XIX.

E dando-a a hum, de que vem acompanhado
 Que do Mafoma segue a immunda seita,
 Manda que dentro a deite; elle chegado
 Com pressa ao baluarte, dentro a deita;
 Recolhe o Sousa a carta, e com cuidado
 Faz com que ella ao Silveira vá direita;
 Faleiro, que lh'a vê na mão ja posta,
 Lhe encommenda a presteza da resposta.

XX.

Dizendo que o Pacheco, que ficava
 N'hũa casa, que perto alli se via,
 (Signalando co' o dedo onde ella estava)
 E tõe Cojaçofar em companhia,
 Por má disposição que o mal tratava
 Deter-se muito espaço não podia,
 Antes para poder remediar-se
 Lhe cumpria d'alli logo tornar-se.

XXI.

Em quanto ao grão Silveira vai voando
 A carta que o Faleiro alli trouxera,
 Fica elle largamente declarando
 As honras e mercês que lhes fizera
 O Baxá Coleimão, e que em chegando
 Cabaias de grão preço a todos dera;
 E com grande fervor, grande eloquencia
 Louva a sua real magnificencia.

XXII.

Tambem com mil palavras engrandece
 O seu raro saber e authoridade,
 O grão poder que traz e lh'obedece,
 E outras mil cousas desta qualidade,
 D'onde com claras mostras apparece
 Aquella pouca fé, pouca verdade,
 Aquelle desleal peito fingido
 Que neste antes ja foi quasi entendido.

XXIII.

Chega entretanto a carta á fortaleza,
 E sendo ao Capitão apresentada
 Faz logo ante si vir toda a nobreza
 Que allí estava então agasalhada,
 E outros muitos, a quem allí a grandeza
 Do saber e do espirito dera entrada,
 E juntos abre a carta, que inda tinha
 Cerrada, e nesta fórma escripta vinha :

XXIV.

Senhor, eu me entreguei ao poderoso
 Grão Baxá Coleimão, porque elle dado
 Me tõe seguro firme e valioso
 N'hum formão seu, de chapas d'ouro ornado,
 Polo qual como nobre e grandioso
 Não sómente nos tõe assegurado
 Que as vidas nos dará, e as liberdades,
 Mas escravos tambem, e facultades.

XXV.

De nós a artilharia quiz sómente,
 E as armas, com que tanto o maltratamos,
 E por ser da victoria mais contente
 Que fazer-lhe á galé çalema vamos.
 Levado fui d'alli com toda a gente
 E todos na Cidade logo entramos,
 Na qual em aposentos apartados
 Fomos de dous em dous agasalhados.

XXVI.

D'aqui á galé bastarda eu fiz abalo
 Em que tõe Coleimão seu aposento,
 Foi lá Antonio Faleiro, e foi Gonçalo
 D'Almeida tambem neste ajuntamento;
 Achámos nelle mil, que aqui não falo,
 Honras, mercês, traz bom recebimento,
 De que em chegando foi logo o começo
 Dar-nos senhas cabaias de grão preço.

XXVII.

Depois que algum espaço alli pratica
 Comosco, lhe disse eu: Se o teu esprito,
 Senhor, he tal, qual teu poder publica,
 Cumpre o que este formão teu nos tõe dito.
 Outra vez com palavras ratifica
 O que nos promettêra por escrito,
 Dizendo que sem falta cumpriria
 Quanto no seu formão nos promettia.

XXVIII.

Mas por quanto assentado elle ja tinha
 Combater com instante furia aceza
 Logo essa fortaleza, e a isso só vinha,
 Nem cessar sem victoria desta empreza,
 Para isto haver effeito lhe convinha
 Que eu, e a mais companhia Portugueza,
 Deste seu arraial não me apartasse
 Todo o tempo que nisto se gastasse.

XXIX.

E que se com favor do Ceo amigo
 A esta sua tenção o effeito segue,
 Sem haver mais detença, ou mais perigo,
 Fará que a Christãa gente á India navegue:
 Mas que se o Ceo lhe fôr tão inimigo
 Que de sua tenção o effeito negue,
 Eu com todos os mais livres seremos
 E á fortaleza livremente iremos.

XXX.

Mas porque a execução desta vontade
 Hum só momento mais não se dilate,
 Desembarcar mandou com brevidade
 Dous basiliscos ja para o combate,
 Cujá horrenda e mortal ferocidade
 Tudo abraza, destrue, assola, e abate,
 Nem são sós estes dous, que nesta guerra
 Póde quantos quizer lançar em terra.

XXXI.

Elle manda avisar-vos, que render-vos
 Queiraes, e em seu poder entregar tudo
 Sem menear espada, ou defender-vos,
 Porque se usaes contra elle lança e escudo
 Em vão depois haveis de arrepender-vos,
 Pois com inexoravel ferro agudo
 Fará de vosso sangue o chão vermelho.
 Agora o vêde, e havei lá bom conselho.

XXXII.

Com mui grande attenção a carta ouvida
 Foi de toda esta nobre companhia,
 E sendo então de todos entendida
 Claramente a tenção que ella trazia,
 Com pouca alteraçãõ foi concluida
 A resposta que dar-lhe então cumpria.
 Toma tinta e papel logo o Silveira
 E a resposta formou desta maneira :

XXXIII.

Para hum tal Capitão, tão poderoso
 Como dizeis que esse he, fôra devido
 (Pois he proprio do espirito generoso)
 Cumprir o que vos tinha promettido ;
 Mas não me espanto ser-vos mentiroso
 Quem he de natureza fementido,
 De vós me espanto, que tão livremente
 Me escreveis que cá o bom conselho attente.

XXXIV.

Dizei-lhe lá que mostre neste feito
 A quanto seu poder e ira se estende,
 Que tudo ha de ser vão e sem proveito,
 Pois não ha de alcançar o que pertende ;
 Porque cá o mais covarde e fraco peito
 Em tamanho furor hoje se acende,
 Que por não se perder a mais pequena
 Pedra, aqui dar o sangue e a vida ordena.

XXXV.

E vós ficai d'aqui bem avisado
(Se não vos quereis vêr em grão perigo)
Que não me mandeis outro tal recado,
Nem m'o tragaes por vós com som d'amigo,
Porque sereis de mi tão maltratado
Quanto o fôra o cruel, mortal imigo,
E como a tal farei que a brava e horrenda
Bombarda a sua furia em vós dispenda.

XXXVI.

Concluida a resposta foi desta arte
E na mão ao Falcero logo a derão,
Elle sem mais tardar, d'alli se parte
E se vai aonde lá juntos o esperão
O que ja governou o baluarte
De que os Turcos então senhores erão,
E o máo Cojaçofar, e allí não párao
Mas todos d'alli juntos se apartarão.

XXXVII.

Desejo geral he, se não me engano,
Saber o fim que teve a Christã gente
Que se entregou em mãos do imigo insano
Sempre falso e cruel, nunca clemente.
Estes depois por ordem do tyrano
Baxá, dos Portuguezes mal contente,
Se diz que fôrão todos degolados
Sendo a Azebihe os Turcos arribados.

XXXVIII.

A nova desta carta que se espalha
 Por toda a fortaleza n'hum momento,
 Na que antes era baixa e vil canalha
 Imprime hoje fervor e atrevimento;
 Mais desejo que medo ha da batalha
 No nobre e no plebeo ajuntamento,
 E para defender-se estão tão fortes
 Que inda mil lhe parecem poucas mortes.

XXXIX.

O forte Capitão que bem merece
 Desta tão forte gente ter o mando,
 Tudo soccorre, tudo favorece
 Com peito liberal, altivo, e brando.
 Se alguém qualquer fraqueza em si conhece
 Só pôr os olhos nelle o está animando,
 Com grande ordem, cuidado, e brevidade
 Tudo ordena o de que ha necessidade.

XL.

Os Turcos entretanto, desejosos
 De poderem dar fim á sua empreza,
 Hum momento não gastão só ociosos,
 Mas com vontade agora mais aceza
 Assentão canhões grossos, furiosos
 Para ruina da gente Portugueza,
 Em qualquer dos logares que se via
 Ser mais conveniente á bateria.

XLI.

Afóra estes canhões que se applicavão
À ruina do grosso muro forte,
Por diversos logares se assentavão
Outros canhões tambem de vária sorte,
Cujas horrendas furias se empregavão
Em ruina da gente, e cruel morte,
E qualquer destes seu assento tinha
Na casa á fortaleza mais visinha.

XLII.

A cópia dos canhões que a fortaleza
Combatem, rasão he que aqui se veja,
São nove basiliscos de grandeza
Não usada até então, nova, e sobeja,
Mostrão os seus pelouros, a braveza
Destes canhões, e saiba quem deseja
Saber que peso tõe, que os mais pequenos
Pesão de cem arrateis pouco menos.

XLIII.

Em companhia destes basiliscos
Espalhafatos cinco estavão postos,
Cuja furia, onde chega, em grandes riscos
Põe tudo, e faz perder a cõr aos rostos;
Destes os bravos, horridos coriscos,
(Os quaes de pedra dura erão compostos)
Em roda (vêde se isto espanto mette)
Qual cinco palmos tõe, qual seis, qual sette.

XLIV.

Nem com isto se farta, ou se contenta
 Aquella imiga furia, antiga e fera,
 Quinze aguias e leões tambem assenta
 Com que ajudar a seu iutento espera;
 De cauhões mais pequenos põe oitenta,
 Em que põe o falcão, e a meia espera,
 Põe o selvagem, põe a espera inteira,
 E outros muitos tambem desta maneira.

XLV.

Depois durando o cerco, se aproveita
 Da brava, horrenda furia, alta e temida
 D'hum medonho quartão, que de si deita
 Hũa morte cruel, não resistida.
 Este, o que sempre a barba mais direita
 Teve, quando em mór risco tinha a vida,
 Faz agora tremer, e põe receio
 No que antes de temor foi sempre alheio.

XLVI.

Dous Capitães tinha esta artilharia
 D'assaz várias nações, e nascimentos,
 Hum era Jhuof Hamed, d'Alexandria,
 Outro o rebelde aos Sacros Mandamentos.
 Estes, dos que nascêrão em Turquia
 Têe comsigo continuos vinte centos,
 E tambem toda aquella gente os segue
 Que ao Latino infiel estava entregue.

XLVII.

O Baxá, que isto tudo governava,
 Nunca a frota deixou, nella se encerra,
 Assi porque guarda-la a elle tocava
 Por estar nella a força desta guerra,
 Como porque de todo lhe negava
 A sua antiga idade vir a terra,
 Ou por outro respeito extraordinario,
 Mas d'alli provê tudo o necessario.

XLVIII.

Aquella artilharia que prantada
 Para bater estava alli sómente,
 Está por vários postos situada,
 A qual fortificou a imiga gente
 Com grandes bastiões, acompanhada
 De mui grandes trincheiras juntamente,
 E para que estar mais segura possa
 Faz que tambem a ampare a manta grossa.

XLIX.

Nenhum destes canhões, cuja arrogancia
 Só de morte ou ruina se contenta,
 Da fortaleza tõe a sua estancia
 Mais que só passos cento e cincoenta;
 Mas antes alguns ha cuja distancia
 Da fortaleza he só passos sessenta,
 E entre elles e ella está posto inda o assento
 Que dá á gente de guerra alojamento.

L.

E com tanto saber, arte, e dontrina
 Está alli aquelle assento situado,
 Que por cima o canhão joga e fulmina
 Sem damno do que alli está alojado;
 E para não temer qualquer ruina
 Com larga cava está fortificado,
 E com outras defensas, d'admiravel
 Arteficio, assaz forte, e defensavel.

LI.

Preparado ja tudo quanto lh'era
 Necessario a bater o muro imigo,
 Tendo o Planeta então da quarta esfera
 Quatro vezes andado o curso antigo,
 Depois que entrou o mez que a cruel fera
 Que a terra produzio para castigo
 D'Orion, por seu mal soberbo e ufano,
 Hũa vez agasalha em si cada ano:

LII.

Tanto que começou lá no Horizonte,
 Abrindo o radioso seu thesouro,
 Erguer a luminosa, loura fronte
 O que fez tornar Daphne em verde louro,
 Eis que logo retumba o valle e o monte,
 Sahe com estrondo horrisono o pelouro
 Da grossa artilharia, e da miuda
 Que em damno dos Christãos sómente estuda.

LIII.

Dura este seu feroz commettimento
 Em quanto o resplendor que Apollo cria,
 Ora visitando hum, ora outro assento,
 Duas vezes alterna a noite e o dia;
 Em que da infiel gente foi o intento
 Cegar toda a Christãa artilharia
 E desfazer-lhe tudo o que a defende,
 E bem faz a seu salvo o que pertende.

LIV.

E não sómente agora effeituárão
 O que nestes dous dias pertendêrão,
 Mas inda alguns canhões tambem quebrárão
 Com que o damno foi mór do que quizerão:
 Foi hum destes que alli rotos ficárão
 Hũa ferrea selvagem, e outros erão
 Hum camalete, e a boca a hum leão forte,
 E outras peças miudas d'outra sorte.

LV.

Mas porque ja bastantemente agora
 Têe dado execução a seu conceito,
 Começão em tornando a nova Aurora
 A cruel bateria dar effeito:
 E vendo o baluarte cá de fóra
 Que era a Gaspar de Sousa então sujeito
 Com menos defensões que os outros tinhão,
 O seu furor primeiro a elle encaminhão.

LVI.

Vêem que até meio rosto só tõe cava
 Em que nenhum travéz póde ajudallo,
 Do baluarte do mar só esperava
 Ter favor, se d'alguem póde esperallo,
 Oito peças aqui daquella brava
 Artilharia põe, de que atraz fallo,
 Que nesta frontaria sóltão logo
 O ruinador ferro envolto em fogo.

LVII.

N'outros postos tambem está batendo,
 Onde o pelouro ao muro peor trate,
 Mais d'hum grosso canhão medonho e horrendo
 Cajo furor assola tudo, e abate:
 Tambem algûas peças se estão vendo
 Em parte onde qualquer o muro bate,
 Co'a sua costumada alta braveza
 Sobre a porta lá da fortaleza.

LVIII.

D'aqui grão damno o povo Christão sente
 Que lá na fortaleza então trabalha,
 Pois d'aqui o roto muro á infiel gente
 Mostra o logar onde elle se agasalha:
 Dos pelouros tambem a furia ardente
 Que a larga bateria no ar espalha,
 Do baluarte o travéz encontrar vinha
 O qual de São Thomé o nome tinha.

LIX.

Começava esta horrenda bateria
Quando o Delio profeta o carro sólta,
D'onde espalha na terra o novo dia
Pouco antes inda em noite e somno envólta;
E dura até aquella hora em que fazia
Outra vez ao salgado leite a vólta,
E a escuridão da noite que succede
Ao bombardeiro esperto a vista impede.

LX.

Então os canhões todos carregavão,
E nas partes que são mais importantes
Ao fiel defensor, os asséstavão,
As quaes elles batêrão ja pouco antes;
E em sentindo os Christãos que as reparavão
Sóltão logo os pelouros penetrantes;
Nem foi sempre lá em vão esta sua ida
Que algũas vezes tirão sangue e vida.

LXI.

Não falta ao Portuguez entendimento,
Nem astucia que est'outra desbarata,
Que antes de dar principio a seu intento
Manda hum que c'hum picão no muro bata:
Logo o Turco, que nisto tõe o tento,
A furia dos canhões em vão desata,
E atalhado dest'arte aquelle engano
Cresce a obra com menor receio e dano.

LXII.

Cinco dias traz vinte não cessarão
 Os Turcos de bater, com grande instancia,
 Mas como o que primeiro elles tentarão
 Era de valeroso Sousa a estancia,
 Porque (como atraz disse) a divisarão
 Com menos defensões, menos constancia,
 E menos a damnar appatelhada
 Quando fosse por elles assaltada;

LXIII.

Dilatar muito tempo não quizerão
 A victoria que havião por segura,
 E dentro em cinco dias (os quaes derão
 Começo á bateria áspera e dura)
 Com furia, das ameias lhe baterão
 Tambem das contra-ameias a grossura,
 E o mais tanto a bombardada o damnifico
 Que quasi até o entulho roto fica.

LXIV.

Dentro nos cinco dias, que atraz fallo
 Que o baluarte a furia imiga sente,
 O Silveira tambem manda atalhallo
 Para se defender mais facilmente:
 E tambem para mais fortificallo
 Hum reparo lhe lança juntamente
 D'hũa parede forte, e não estreita,
 A qual era de pedra e barro feita.

LXV.

Tanto era esta parede ao ar alçada
 Quanto tõe qualquer homem de comprido,
 A qual lá pola borda vai lançada
 Do que a Turca bombarda tõe batido;
 Por dentro he com degrãos fortificada
 D'onde bem pelejar pôde o atrevido:
 E este atalho e reparo a terça parte
 Occupavão daquelle baluarte.

LXVI.

Neste tempo ja vendo a gente imiga
 Que lhe dá larga entrada o roto muro,
 Confiança, ousadia, e odio os obriga
 A ir tomar o que havião por seguro;
 E quando de Titon a chara imiga
 De novo desterrou o manto escuro,
 Hum dia apoz os cinco que gástarão
 Em bater, para o assalto se preparão.

LXVII.

Provê-se cada hum d'armas agora
 Que hoje mais necessarias ser-lhe entende,
 E quando o Sol chegando hia áquella hora
 Em que a sombra entre nós menos se estende,
 Sabe do seu forte assento a gente fóra,
 Cuidando inda acabar o que pertende
 Sem seu trabalho, quanto mais sêm dano,
 Mas com ambos vio logo seu engano.

LXVIII.

Cincoenta vão sós na dianteira
 D'ago ornados assaz e d'ufania,
 Seguindo traz a usada sua bandeira
 Vão buscar o que abriu a bateria:
 A mais gente que lhes era companheira
 No lugar da peleja não cabia,
 Em baixo ficão todos postos, onde
 A nossa cava em si dentro os esconde.

LXIX.

Mas nem o tempo aqui passa ociosa
 Que d'aqui largamente os seus soccorre,
 Pois quando na batalha sanguinosa
 Vê que dos seus algum, ou cansa, ou morre,
 A competencia sahe de lá animosa
 E com grãa pressa ao alto logo corre,
 Para encher o lugar desamparado
 Do que d'elle sahio morto ou cansado.

LXX.

Sóbem ousadamente os cincoenta
 Pola pedra e calça que esparzida
 Deixou da bateria alli a tormenta
 Por onde ao alto tõe facil subida;
 Mas tanto que lá vão se lh'apresenta
 Hum pequeno esquadrão, mas d'escolhida
 Gente; este he o Sousa, e os companheiros fortes
 Prestes não só para hũa, mas mil mortes.

LXXI.

Logo aquella infiel gente profana
 Com grãa grita á Christãa se vai direita,
 Qual move o pique, qual a partasana,
 Qual tambem do zarguncho se aproveita;
 D'outras armas tambem com que mais dana
 Usa então, que a panella cheia deita
 Do negro pó, deita outros arteficios
 Que lançar fogo tõe por seus officios.

LXXII.

O forte Sousa e os seus, a quem a usança
 De semelhantes casos hoje dava
 Neste menos temor que confiança
 Pouco temendo a imiga furia brava,
 E movendo tambem espada e lança
 Ousados vão buscar quem os buscava,
 Tambem no ar levantando hũa alta grita
 Que os peitos alvoroça, acende, e incita.

LXXIII.

Arremette a infiel á fiel gente
 Co' o furor que o grande odio ensina e Marte,
 Mas acha a defensão bem differente
 Do que cuidava lá no baluarte.
 Deste grande furor, deste odio ardente,
 Com assaz damno d'hũa e d'outra parte,
 Logo o effeito cruel se está mostrando,
 Pois a ambas sangue e vida está custando.

LXXIV.

A Christãa companhia que defende
 O reparo que pouco antes foi feito
 Revolve a aguda espada, a lança estende,
 Sente-o a perna infiel, o braço, o peito:
 O Turco, inda que assaz tambem a offende,
 Comtudo seu trabalho he sem proveito,
 Pois quanto mais insiste na victoria
 Tanto alcança mais damno, e menos gloria.

LXXV.

Cahe d'hũa e d'outra parte o miseravel
 A que o ferro encontrou, morto ou ferido,
 Faz isto o odio e o furor insaciavel,
 Das armas cresce o estrepito e o ruido;
 Soa entre esta revolta o lamentavel
 Com hum confuso tom triste gemido,
 Que do que ainda em pé está, a vontade
 Move a vingança mais que a piedade.

LXXVI.

Nesta alta defensão, nesta constancia
 O esquadrão Lusitano prevalece,
 Até que sahe de lá da sua estancia
 Qualquer dos Capitães, e o favorece;
 Que o Silveira, que com grãa vigilancia
 Contemplando está sempre o que parece
 Que em cada parte então fazer convinha,
 O que agora direi mandado tinha.

LXXVII.

Mandou que quando o Turco ajuntamento
 Hũa destas estancias assaltasse,
 Qualquer dos Capitães que o regimento
 Das outras tõe, alguns a si ajuntasse
 Dos melhores que tõe, e n'hum momento
 A favor do assaltado se passasse;
 E isto que nos assaltos ordenára
 Tambem no assalto d'hoje se guardára.

LXXVIII.

Co'o favor que dos outros Sousa teve
 Tanto nelle, e nos seus cresce a braveza,
 Que no imigo feroz, em tempo breve
 Imprime grande espanto, grãa fraqueza.
 Tal que ja desmaiado não se atreve
 Soffrer mais tempo aquella alta crueza,
 Contra a qual quanto mais se mostra forte
 Procura para si mais damno e morte.

LXXIX.

Vai-se atraz com grãa pressa retirando
 Cheia de sangue assaz, mas mais d'espanto,
 Todos vão de Mafoma blasfemando
 Que outro poder não crêem que possa tanto.
 Alguns dos seus os corpos cá deixando
 Mandão as almas lá ao eterno pranto,
 Dos Christãos sós dous vão á eternidade
 Mas dos feridos he grãa quantidade.

LXXX.

Inda que o máo successo que este dia
 Teve esta imiga gente, lhe reprime
 A sua alta soberba, alta ousadia,
 Que faz que a seus imigos pouco estime,
 Comtudo a natural sua nfanía
 Hum ardente desjo nella imprime
 De tomar desta affronta grãa vingança,
 E inda lhe dá para isto confiança.

LXXXI.

D'aquí nasceo ao Sousa hum grão perigo
 De damno, mas de gloria acompanhado,
 Pois cada dia, em quanto o Turco imigo
 Sustentar este cerco foi ousado.
 Lá naquelle reparo que atraz digo
 Foi duas e tres vezes assaltado,
 Lá onde o que commette, e o que defende
 Sempre derrama sangue, e espirito rende.

LXXXII.

E com quanto os imigos combatião
 De mais alto logar que os defensores,
 E no logar daquelles que morrião
 Mettem sempre dos vivos os melhores,
 Tambem o Sousa e os seus se defendião
 Que emfim sempre ficarão vencedores,
 Que não póde hum trabalho intoleravel
 Domar aquelle espirito alto, indomavel.

LXXXIII.

Mas em quanto o assaltou desta maneira
 O Turco pertinaz com tanta instancia,
 Sempre teve consigo companheira
 Gente e Capitão d'outra algũa estancia;
 Porque ordenado assi tinha o Silveira
 Que por sua ordem vão, com vigilancia
 Todos ao ajudar, depois que sente
 Que alli se inclina mais a imiga gente.

LXXXIV.

Neste tempo em que ja mais de verdade
 O imigo mostra a sua alta braveza,
 Sobreveio geral enfermidade
 Em quasi quantos ha na fortaleza:
 Na boca he todo o damno e adversidade,
 Que a muitos trata então com tal crueza
 Que com dôres immensas e excessivas
 Orfãas e sós lhes ficão as gengivas.

LXXXV.

Por toda a parte se ouve o piedoso
 Gemido do que a dôr grave atormenta,
 Que de todo o suave e saboroso
 Somno, do trabalhado corpo ausenta;
 E assi o áspero arroz e escandaloso
 (Manjar que então só tõe) o descontenta,
 Que soffre antes com fome ter a morte
 Que a dôr d'huni tal manjar áspero o forte.

LXXXVI.

A causa deste damno foi nascida
 Da cisterna, segundo o que suspeito,
 Que sendo d'hum betume guarnecida
 Cujó nome he charú, e em Ormuz feito,
 Foi a agua dentro nella recolhida
 Sendo o betume fresco, e de tal geito
 A agua lh'infeccionou, que a esta pesada
 Nojosa enfermidade abriu a estrada.

LXXXVII.

Mas em meio d'hum mal que os tanto aperta
 Nenhum se nega então, ou quando o imigo
 Os chama á sua mortal, dura referta,
 Ou quando a trabalhar os chama o amigo:
 Mais os incita então, mais os desperta
 O perigo geral, que o seu perigo,
 Com quanto a fraca força então lh'impede
 O effeito do que o duro espirito pede.

LXXXVIII.

Porém como a doença hia crescendo,
 E as feridas e mortes cada dia
 Os poucos Christãos menos vão fazendo,
 Tambem mais grave o peso se fazia,
 Porque pequena cópia está soffrendo
 O que hũa grande cópia antes soffria;
 E assi quanto mais hião trabalhando
 Mais se hião do trabalho sujeitando.

LXXXIX.

E como o pouco somno, e mantimento
 Os debilita assaz e os enfraquece,
 Pudérão receber grão detrimento,
 Pois cresce o peso, e a força desfallece,
 Se então o feminil ajuntamento,
 Que também aos trabalhos se offerece,
 Em varonil esforço, e em honra aceso
 Não tomára grãa parte deste peso.

XC.

Põe-se ao trabalho a fraca, inhabil gente
 Para alentar os fortes ja cansados,
 De que cada hum tal vergonha sente
 Que n'huns membros ja assaz debilitados
 Renova tal fervor, e espirito ardente,
 Que da desconfiança estimulados
 Empreendem cousas taes, que a natureza
 Impossiveis as faz a tal fraqueza.

CXI.

Destas mulheres animosas terão
 Muitas no marital jugo mettidas,
 E algũas cujas vistas bem puderão
 Render mil almas nunca antes rendidas:
 Se quereis vêr quem são, e o que fizerão,
 Cousas dignas assaz de ser ouvidas,
 Detende-vos aqui hum pouco, em quanto
 Eu dou repouso á voz para outro Canto.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XVI.

Declara-se quem são estas mulheres, e o que fizeram. Os Christãos se fortificão o melhor que pódem. Os Turcos, por meio d'hum ardil assaz engenhoso, melhorão as suas estancias. Dão hum assalto ao baluarte de Gaspar de Sousa, e o successo d'elle. Contão-se algumas cousas particulares que alli acontecêrão neste meio tempo.

I.

Cousas no mundo fez maravilhosas
A natureza sempre em toda a idade,
Mas com quanto são raras e espantosas
Seguem sua natural propriedade;
Polo qual ainda as faz mais monstruosas
N'algũa parte a grãa necessidade,
Pois que a mudar o ser as move e obriga
Que lhes pôz com grande arte a mestra antiga.

II.

Que o varão forte ao grão feito se atreva
Sendo humano e mortal, digno he d'espanto,
Mas como o natural espirito o leva
Louvo-o, mas do que faz menos me espanto;
Isto me espanta mais, e mais me enleva
Vêr que a necessidâde pôde tanto
Que em peitos feminis põe fortaleza
Os quaes fracos creou a natureza.

III.

Cousa he esta que espanta em só ouvilla
E inda alguém a terá por desatino,
Mas bem o prova Harpalice e Camilla
E a que fôï mulher d'hum, mãe d'outro Nino.
Porque a causa, a quem bem quer advertilla,
Do esforço destas, d'altos peitos dino,
Só de necessidade fôï nascida
Ou do Reino, ou do pae, ou de ter vida.

IV.

Se alguém de duvidar ha tão amigo
Que estes exemplos hoje não admitta,
Porque hum tão largo tempo e tão antigo
Perante elle os quiçá desacredita,
Novo exemplo achará no que aqui digo
Que esta duvida assaz lhe facilita,
Se não está a não crêr tão costumado
Que o presente não crê como o passado.

V.

Bem me lembra que tenho promettido
 De vos dizer aqui o que fizerão
 Aquellas que com peito não vencido
 Grande allivio e fervor aos varões derão :
 De todas não he o nome aqui sabido,
 Duas, de que só o sei, direi quem erão,
 Cuja persuasão, e authoridade
 Das outras obrigou a isto a vontade.

VI.

Hũa Izabel da Veiga se nomeia
 Que então da idade passa a flôr primeira,
 E na haldade pouco se arreceia
 Da que no Ceo a Esphera tõe terceira,
 E com quem no saber tambem se enleia
 A primeira inventora da oliveira,
 E o ornamento que n'alma se requere
 Deste que tõe no corpo não differe.

VII.

Esta interior sua formosura,
 Por mil provas alli ja signalada,
 Das linguas maldizentes a assegura
 Para não ser sua honra alli arriscada :
 Esta do matrimonio a ligatura
 Ajuntára a hum varão de nobre e honrada
 Casta, que Manoel tinha por nome
 E Vasconcellos era o sobrenome.

VIII.

Porém antes que passe mais ávante
 E á segunda mulher o verso mude,
 Consenti que aqui desta hum caso cante
 Que prova seu valor, sua virtude;
 E inda que ja atraz outro semelhante
 Cantei, não me fará que não estude
 Cantar este tambem, porque os bons feitos
 Sempre os fez a mór cópia mais accitos.

IX.

Quando o illustre Silveira, que em si tinha
 Da fortaleza a summa dignidade,
 (Como ja dissê atraz a historia minha)
 Hũa fusta mandou com brevidade
 A Goa ao Viso-Rei, ao que convinha,
 Onde alguns que a grave enfermidade
 De cura tinha assaz necessitados
 Mandou tambem que lá fossem levados;

X.

Aquelle Manoel que junto estava
 Com matrimonio á Veiga valerosa,
 Temendo que se o Ceo a mão voltava
 Contra a gente fiel religiosa,
 E forças e poder ao imigo dava,
 D'hũa barbara mão despiadosa
 Despojo venha a ser a sua chara
 Esposa, que de si o despojara;

XI.

Ordena de a mandar naquella fusta
 Que para Goa vai, como atraz digo,
 Porque hũa e outra cousa ha por cousa justa,
 Ter ella a salvaçãõ, elle o perigo;
 E tambem porque mais caro lhe custa
 O receio de a vêr em mãos do imigo
 Barbaro, sem primor, e sem clemencia,
 Que vendo-a posta em salvo, a sua ausencia.

XII.

A Goa a quer mandar, onde imagina
 Que ella poderá estar seguramente,
 Porque lá o velho pae della, a Divina
 Providencia inda tõe vivo entre a gente:
 Com isto que comsigo determina
 Inda que d'hũa parte está contente
 D'outra começa a estar arreceoso
 Do mal que sente hum peito saudoso.

XIII.

Mas como da sua alma está mais perto
 O mal della que o seu, a ella se vólta,
 E de hum novo arreceio então cuberto
 De amor nascido, a lingua assi lhe sólta:
 Amada esposa minha, he tão incerto
 O fim que a guerra tõe, que esta alma envólta
 Em mil cuidados trago differentes
 Todos tristes porém, e descontentes.

XIV.

Cuido que se de lá da mór altura
 Para castigo nosso está ordenado
 Que fique co'os Christãos a desventura
 E fique vencedor o Turco ousado,
 Que poderá ser essa formosura
 Entregue em mãos do barbaro soldado ;
 Esta lembrança ja tão mal me trata
 Que sómente o temor disto me mata.

XV.

Faz-me isto que deseje vêr-vos ida
 Onde eu possa perder este receio,
 Porque pondo eu em salvo a vossa vida
 Eu do maior perigo fico alheio ;
 Mas se torno a cuidar na despedida,
 E que fica sem vós hum peito cheio
 D'amor vosso, e lembrança tambem vossa,
 Tambem temo outro mal com que eu não possa.

XVI.

Mas este mesmo amor que esta alma agora
 Com tão vários temores sollicita,
 Quer do mal que vos temo vêr-vos fóra
 E para isso de todo ja me incita ;
 Cresça da saudade o mal embora
 Que em mi habitará sempre, e ja habita,
 Que pois he por bem vosso, me he acceito,
 Antes ja não he mal, mas he proveito.

XVII.

Queria que fizesscis a jornada
 A Goa, nesta fusta que se parte,
 Onde de vosso pae acompanhada
 Mais segura estareis que em outra parte,
 Assi de toda a má lingua damnada
 Como tambem do incerto, cruel Marte,
 E a mi do vosso bem a segurança
 Soffrivel me fará a vossa lembrança.

XVIII.

E se a guerra o fim tõe, qual eu espero,
 Eu vos irei lá vêr mui brevemente,
 Mas se o Ceo contra nós se mostrar fero
 De vos vêr posta em salvo irei contente;
 Possa agora comvosco o que eu vos quero
 Quererdes-vos guardar do mal presente,
 Porque eu com isso em todo o mal futuro
 Possa tambem estar ledô, ou seguro.

XIX.

Com grande sobresalto, grande espanto
 Ouvio a nobre Veiga o charo esposo,
 Porque não sabe então se elle de tanto
 Amor como lhe tõe he duvidoso;
 Detem-se em responder-lhe hũ pouco, em quanto
 O peito palpitante, e arreceoso
 Se quieta, e segura, e ja quieto
 Lhe descobre assi d'alma o mais secreto:

XX.

Senhor meu, para quem eu só desejo
 A vida, e em quem agora a só sustento,
 Se neste grande amor, puro e sobejo
 Que em vós pôz todo o meu contentamento,
 Se na vontade, na obra, ou no desejo
 De vosso gosto algum apartamento
 Vistes que duvidar de mi vos faça
 Rasão he que meu erro eu satisfaça.

XXI.

Mas se este meu amor, esta vontade,
 Este desejo meu, sempre em vós posto,
 Tive (como sabeis) tão de verdade
 Que sempre o vosso só foi o seu gosto,
 D'onde nasceo em vós tal crueldade
 Que queiraes contra mi voltar o rosto,
 E apartar-me de vós naquelle dia
 Que eu mais desejo vossa companhia?

XXII.

Amor he o que vos fôrça, eu assi o digo,
 Porque isso he o que este amor meu vos merece,
 Mas véde vós se he amor, ou se he inimigo
 O que contra mi tanto se endurece,
 Que só para livrar-me d'hum perigo
 Incerto, a morte certa me offerrece;
 Porque não cuideis vós que esta partida
 Me poderá custar menos que a vida.

XXIII.

Se o meu perigo a vós tanto vos dana
 Que nem podeis soffrer delle o receio,
 Como posso eu ser tal, tão deshumana,
 Tendo do vosso amor o peito cheio,
 Que no tempo que a imiga furia insana
 De mil mortes crueis vos tõe no meio,
 Possa eu estar sem vós, e este tormento
 Me não mate cada hora, ou n'hum momento?

XXIV.

Que gosto a grãa delicia póde dar-me,
 (Que não me faltará na patria casa)
 Se cá comvosco o amor ha de ficar-me,
 Que em saudoso fogo lá me abrasa?
 Que cousa poderá lá consolar-me,
 Se em meio d'hum furor que tudo arrasa
 Todo meu bem me fica cá mettido
 A mil mortes cada hora offerecido?

XXV.

Em meio desta furia embravecida
 De que vós trabalhaes que eu seja ausente,
 Nada me póde dar ou gosto, ou vida,
 Senão comvosco em tudo ser presente.
 Vêde agora pois bem que esta partida,
 Com que segura vós vêr-me e contente
 Cuidaes, a ordena a minha adversa sorte
 Para mór damno meu, mais grave morte.

XXVI.

Assi quando cuidaes vér-me segura
 Ao mór perigo então me ides chegando,
 Que então mais perto estou da sepultura
 Quando de vós me vou mais apartando;
 E ajudardes vós minha desventura
 Não o soffre este amor, que desejando
 Está, ter comvosco antes morte grave,
 Que sem vós tudo o que he doce e suave.

XXVII.

Se a guerra der no fim contentamento
 Quero lograr comvosco esta bonança,
 Furrarei (se fôr viva) lá o tormento
 Que me dará qualquer vossa tardança;
 Mas se co'os Turcos fica o vencimento,
 De que o espirito me dá vária esperança,
 Mate-me antes comvosco o imigo ousado,
 Que sem vós outro mór, que he meu cuidado.

XXVIII.

Polo qual se esse amor sobejo e puro,
 Bem merecido assaz do que eu vos quero,
 Vos obriga a querer pôr-me em seguro,
 Eu só comvosco estar segura espero.
 Não queiraes que hum incerto mal futuro
 Se atalhe co'o presente certo, e fero,
 Deixai-me estar aqui, porque eu vos digo
 Que esse remedio me he o mór perigo.

XXIX.

Isto que a Veiga disse, foi bastante
 A mudar a tenção do esposo charo,
 Que composto não he de diamante,
 E esta ida assaz tambem lhe custa caro,
 Porque vê-la tambem, tê-la diante
 He o seu maior gosto, o bem mais raro,
 E assi d'amor movido lhe concede
 O que de amor movida ella lhe pede.

XXX.

Quiz então ao mór damno aventurar-se
 Só para lhe fazer nisto a vontade,
 E porque elle tambem possa guardar-se
 Do mal que o mata mais, que he a saudade.
 Mas porque deste incerto mal salvar-se
 Hũa filha que tõe de tenra idade
 Pudesse, a Goa então esta mandarão,
 E a fortuna sós ambos esperarão.

XXXI.

Mas ja agora a rasão me move e obriga
 Que volte á outra mulher a minha historia,
 Pois tambem assaz della ha que se diga,
 Tambem assaz he digna de memoria;
 Porque inda que ja a sua idade antiga
 Dava ao cego menino pouca gloria,
 O seu mais que viril espirito forte
 A dava então bem grande ao grão Mavorte.

XXXII.

Anna Fernandes esta se chamava,
 De louvor por mil várias obras dina,
 Que com nó conjugal ligada estava
 A hum que era professor de medicina,
 A quem Fernando o proprio nome dava,
 E tõe do Santo a alcunha a que a Divina
 Graça tanto ajudou, que d'hũa banda
 Assado ja, voltar-se da outra manda.

XXXIII.

Obras nella se achão quaes convinhão
 A caridoso peito, e forte braço,
 Porque os desamparados que allí vinhão
 Trespassados do imigo cruel ago,
 De seu damno o remedio nella tiñhãõ
 Como n'hum maternal, charo regaço,
 E a conserva, e o manjar della guisado,
 E isto faz a qualquer necessitado.

XXXIV.

Nem tanto nesta pia obra se assenta
 Que nella só consuma a noite e o dia,
 Mas quando o Sol nas ondas se aposenta
 E a noite polas terras se estendia,
 Arrimada a hum bordão, em que sustenta
 O seu pesado corpo, se sahia
 Ella de casa então, a dar effeito
 Ao que lhe pede o forte, viril peito.

XXXV.

Nesta hora que os mortaes a hum doce, e brando
 Repouso, do diurno peso chama,
 Ella ao seu debil corpo então negando
 O devido favor da molle cama,
 Sóbe no muro, e em torno rodeando
 A fortaleza, os que acha move e inflama
 Com palavras de esforço, e confiança
 A não terem temor da imiga lança.

XXXVI.

Apoz isto tambem lhes põe diante
 Quanto era a cada hum cousa devida,
 Contra hum tão forte imigo, e tão possante
 Usar d'esforço, e força não vencida,
 Assi para que possa ser bastante
 A defender a propria amada vida,
 Como para alcançar grande honra e gloria
 Com que eterna fará sua memoria.

XXXVII.

Nem pára nisto o seu peito esforçado,
 Antes quando o combate horrendo e duro
 Faz com que perca a côr o mais ousado
 Ella a casa não vai pôr-se em seguro,
 Mas, como se do mais forte soldado
 Tivera a obrigação, se sóbe ao muro,
 Sem mostra de temor d'hum tal perigo
 Que a morte por mil vias traz consigo.

XXXVIII.

Onde o que a cruel morte arrebatára
 Ella com pressa o cobre, e d'alli o muda,
 O que sómente o sangue derramára
 Ella o aperta, e a descer d'alli o ajuda,
 O triste em quem acaso ella enxergára
 Covardia, não lhe acha a lingua muda,
 E fôra-lhe melhor, agora nisto
 Ser do seu Capitão, que della visto.

XXXIX.

Ella alli tinha hum filho, a quem devido
 Por seu grande valor, grão louvor era,
 Moço, a quem dera Mendes o apellido,
 E o grão Santo d'Assis o nome dera;
 Da velha mãe com tal amor querido
 Qual o filho da que honra a alta Cythera
 Nunca soube imprimir naquelle peito
 Que elle fazer a si quiz mais sujeito.

XL.

Todo o tempo que a Turca imiga gente
 Cercado o Christão povo teve, e preso,
 Este moço hum feroz espirito ardente
 Mostrou no mór perigo mais acêso;
 Até que permittio o Omnipotente
 Rei, que no fim do cerco o plumbeo peso
 Saia lá da espingarda impia, funesta,
 E rompa a juvenil, ousada testa.

XLI.

Succede ao moço desta cruel morte
 Honra na terra, é gloria no Alto Assento,
 E a mãe qualificou hoje o seu forte
 Espírito, n'hum heroico soffrimento;
 Porque nesta alta dôr, com que lhe a sorte
 Trespassou a alma com mortal tormento,
 Seu esforço mostrou tão de verdade
 Quanto o mostrou na alheia adversidade.

XLII.

Esta, e aquella Izabel que atraz nomeio
 (Tanto lá dentro ignaes, diversas fóra)
 Forão a occasião, forão o meio
 Com que qualquer das outras que aqui móra
 Perdendo o natural seu arreccio
 D'hum desusado espirito se encha agora,
 E tome sobre si a grave carga
 Que então ja por fraqueza o forte larga.

XLIII.

Eis o femineo côro forte e honesto
 A que hum viril desejo estimulava,
 Pouco curando então do lindo gesto
 A que antes de curá-lo só curava,
 Qual sustentando a alcôfa, qual o cesto,
 A pedra e o necessario acarretava
 Sobre os louros anneis, que enternecião
 Inda as pedras que sobre si trazião.

XLIV.

Pedra, terra, e o mais tudo se acarretam
 Sobre madeixas d'ouro crespo e fino,
 Que faz inveja ao claro, alto planeta
 Quando sólta o seu raio matutino;
 A bella face, d'onde a aurea seta
 Sólta aquelle cruel, cego menino,
 Feita co' o grão trabalho ruciosa
 Se faz a quem a vê mais perigosa.

XLV.

A linda Cytherea, que então via
 A grave occupação, mais digna e propria
 Da escura gente a que isto competia,
 Nascida lá na terra da Ethiopia,
 Que daquella formosa companhia
 Em que ella dos seus bens mostrou grã cópia,
 Havendo-o por affronta, determina
 Tomar disto vingança della dina.

XLVI.

Deixa de seu terceiro orbe o governo
 E o caminho lá faz soberba e irada
 Direita ao Ceo Empirio, onde o superno
 Jupiter tõe a sua alta morada;
 E tocada d'hum odio novo e interno
 Vai no amor de seu pae mui confiada
 Que a vingará da Portugueza gente
 A quem disto ella culpa põe sómente.

XLVII.

Mas não tinha inda ávante muito andado
 Quando ao caminho vem Marte encontra-la,
 Que vendo nella o brando peito irado
 Contra os seus, procurar quer de appaca-la,
 Temendo que se o pae della, informado
 Conforme ao que lhe quer, quizer vingá-la,
 Que corre muito risco a gente sua
 Que de todo a consuma elle, e a destrua.

XLVIII.

E com semblante alegre, humilde, e brando,
 Inda rendido a tanta formosura,
 Lhe disse: Branda Venus, que a teu mando
 Os corações sujeitas com brandura,
 Quem te vai de ti tanto hoje apartando
 Que te obriga a mostrar condição dura
 Contra hũa gente que isso não merece,
 E tambem de ser tua se engrandece?

XLIX.

Não te espantes se os fortes Lusitanos
 A hum peso intoleravel são rendidos,
 Porque como em mortaes corpos humanos
 Têe postos os espiritos não vencidos,
 Que espanto he se huns continuos, graves danos
 Os têe cansados ja, e enfraquecidos,
 Pois não póde ser o animo constante
 Na carga corporal participante.

I.

E se de ajuda são necessitados
(Culpa do peso só, não dos seus peitos)
De quem devem melhor ser ajudados
Que daquellas a quem elles são sujeitos?
Tendo os seus mesmos peitos esforçados
Lhes forão quiçá sempre pouco acceitos,
E se agora a ajuda-los se movêrão
He pola honra quiçá que disso esperão.

II.

Tua affronta não he, nem da formosa
Gente tua, isto em que ellas se occuparão,
Antes a hei por empresa gloriosa
E com que (se ser póde) inda te honrarão;
Porque como da forte e valerosa
Gente minha hoje o officio ellas tomárão,
Ambas as honras tõe ellas sómente
A que eu á minha dou, tu á tua gente.

LII.

Isto não tira a grãa, e a neve ao rosto
Com que os mais livres peitos desbaratão,
E quem de jaspe o seu não tõe composto
Doe-se do que os cruéis fados maltratão;
Bem he que de dar vida tenhão gosto
Aos mesmos que de amores ellas matão,
E antes queirão que os mate a formosura
Dellas, que a cruel furia, imiga e dura.

LIII.

Assi que tu não tões por que queixar-te
 De tomar o teu côro tal empreza,
 Nem menos tões rasão para vingar-te
 Do que fez nisto a gente Portugueza;
 E pois servir-te quiz, não anojar-te,
 D'amor debes estar, não d'odio, aeeza,
 Guarda, guarda a vingança e a má vontade
 Para o que offender tua magestade.

LIV.

Torna-te ao teu governo, e o furor muda
 Tão contrario de tua natureza,
 Que honra tua he que a tua gente acuda
 Aos fortes que mostrando vão fraqueza;
 E se os meus não merecem tua ajuda
 Por seu alto valor, e fortaleza,
 Polo que eu sei de mim, bem te convinha
 Que tu lh'a dês por serem gente minha.

LV.

Quietamente a bella Cypria attenta
 O que Marte então brando está dizendo,
 E como inda não he de todo isenta
 Vai-se-lhe pouco a pouco enternecendo;
 Vêr mostras d'amor nelle lh'aviventa
 O fogo em que ja andou por elle ardendo,
 E pondo os olhos nelle inda se sente
 De fazer-lhe a vontade assaz contente.

LVI.

Responder-lhe tentou, porém do meio
Da boca, a voz ao peito se recolhe,
Que o passado erro seu, que então lhe veio
Ao pensamento, a lingua e a voz lhe tolhe;
E como tõe d'amor o peito cheio
Por a melhor resposta então escolhe
Fazer-lhe tudo o que elle lhe pedia
Pois seu gosto também nisto fazia.

LVII.

Logo cheia d'amor perde toda a ira,
E não sómente muda o pensamento
Mas lá no seu formoso côro inspira
Para o que faz hum novo espirito, e alento.
Co'os olhos inda hum no outro se retira
Lá para o seu celeste antigo assento,
Contente cada hum do que tõe feito,
Pois tirárão d'aquí gosto, e proveito.

LVIII.

Porém Marte nesta hora contemplando
Que aquella gente sua do ordinario
Trabalho, se hia tanto sujeitando
Que o favor femil lhe he necessario;
Vendo-a em tamanho aperto, arreceando
Que a grande contumacia do adversario
Em risco de cahir ponha aquella alta
Constancia, se o favor lhe tarda ou falta;

LIX.

O caminho buscou com que mais perto
 A nova disto em Goa fosse dada,
 Para que o Viso-Rei a tanto aperto
 Acuda com favor de gente armada;
 Logo direito vai lá aonde certo
 Sabe que o Somno tõe sua morada,
 Porque por meio d'elle determina
 Dar com grãa pressa effeito ao que imagina.

LX.

Lá junto dos Cimmerios hũa escura
 Profunda cova está, que do luzente
 Sol nunca vio a luz dourada e pura
 Ou seja Oriental, ou do Occidente;
 Grossas nevoas de si a terra dura
 Exhalando alli está continuamente,
 Com que hũa incerta luz alli se espalha,
 E aqui o inhabil Somno se agasalba.

LXI.

Alli da vigilante cristada ave
 Não denuncia o canto a nova Aurora,
 Nem do pato, ou do cão soa a voz grave,
 Nem da fera, ou do gado, em alguma hora;
 Os ramos de grão vento, ou d'ar suave
 Movidos, nem humana voz lá fora
 Fazem qualquer rumor, qualquer ruído
 Com que o silencio seja interrompido.

LXII.

Não se sente alli cousa que inquiete,
 Mas tudo tão calado se está vendo
 Que hũa quietação longa promete,
 E por brancos seixinhos vem correndo
 Hum ribeiro que traz aguas de Lete,
 Cujó brando rumor favorecendo
 Não sómente está o somno ao que dormia,
 Mas convidando ao somno o que vigia.

LXIII.

Entre as portas da cova alta e profunda
 A dormideira está sempre, e floresce,
 D'outras ervas alli a terra abunda
 Com cujo çumo a noite se enriquece
 De somno, que por toda a terra infunda,
 Com que a gente descansa e se adormece,
 E do mais que a dormir move, e convida
 Se vê aquella terra bem provida.

LXIV.

Não ha portas em todo aquelle assento
 Em que está o molle Somno agasalhado,
 Para que da couceira o movimento
 Não faça o seu ruido costumado;
 Tudo o que póde ser impedimento
 Ao Somno, d'alli estava desterrado;
 E esta porta que estava sempre aberta
 Nenhũa guarda tõe fiel e certa.

LXV.

Aqui n'hum leito sempre molle e brando
 Qual os seus molles membros o pedião
 Estava sempre o Somno repousando,
 Junto d'elle jazer tambem se vião
 Vãos Sonhos, que o estão sempre acompanhando,
 E em mil fórmas cada hora se varião,
 Cujos numero he tal, que senhoreia
 As Estrellas do Ceo, da praia a areia.

LXVI.

Tanto que entra aqui Marte, e de diante
 Os Sonhos com as mãos de si affastára
 Que lhe impedem a entrada, a rutilante
 Luz sua, toda a casa tornou clara;
 Nem das armas o estrepito bastante
 Sendo então, ou a luz que nella entrára,
 Para que o Somno sinta a menor parte,
 Logo para onde o vê se chega Marte.

LXVII.

Hũa e outra vez o bolle, e o preguiçoso
 Estende o braço e a perna, e inda dormindo
 Ergue os olhos, pesado e vagaroso,
 Mas deixa-se outra vez logo ir cahindo.
 Bolle-o Marte outra vez mais furioso,
 Elle o peito co'a barba inda ferindo,
 Os olhos co'as mãos esfrega, e esta hóra
 Emfim a si de si se lança fóra.

LXVIII.

E sobre o cotovello hum pouco erguido
 Ergue o rosto para elle a vêr quem era,
 E sendo Marte delle conhecido
 Nas armas, e presença horrenda e fera,
 Com rouca voz, e mal inda entendido
 Lhe pergunta o que quer, e a que viera.
 Marte agora o furor usado esconde,
 E com aspeito brando lhe responde:

LXIX.

Somno, em quem tõe repouso toda a gente,
 De cuidados sollicitos imigo,
 E os que a morada tõe no Ceo luzente
 Grão repouso tambem tomão contigo,
 Que ao corpo que o diurno peso sente
 Dás suave descanso, brando, e amigo,
 A quem os Sonhos todos obedecem
 Que em diferentes fórmas apparecem.

LXX.

Manda hum delles a Goa, que encuberto
 Co'a figura do meu forte Silveira
 Ao Viso-Rei Noronha faça certo
 (Apressando a veloz sua carreira)
 Dos meus que estão em Diu o grande aperto,
 Porque mandar-lhes logo ajuda queira;
 Os quaes a tanto extremo são chegados
 Que das mulheres ja são ajudados.

LXXI.

Apoz estas palavras se sahia
 Da casa soporifera em que estava,
 Porque soffrer então ja não podia
 O somno que de si ella espalhava;
 E sentindo que o somno que alli via
 Penetra-lo por dentro começava,
 Com grãa pressa se vai, e lá caminha
 Para o quinto orbe, que elle a cargo tinha.

LXXII.

Mostra o Somno por obra quanto gosto
 Têe, de fazer a Marte o que lhe pede,
 Faz logo deixar Morfeo o molle encosto;
 Este a todos os Sonhos muito excede
 Em exprimir o andar, a falla, o rosto
 Da gente, e nenhum ha que assi arremede
 Os trajos, os vestidos, os arreios,
 As palavras, os termos, os meneios.

LXXIII.

A este agora encommenda disto o effeito,
 E ja então outra vez a si tornado
 A cabeça encostou no molle leito
 E outra vez adormece repousado.
 Morfeo voando, a Goa vai direito
 A fazer o que lhe era encommendado,
 E sem que as azas fação quando voa
 Qualquer ruído, em breve chega a Goa.

LXXIV.

Onde do leve corpo então deixando
As pennas com que no ar se alça e sustenta,
Do Silveira a figura em si tomando
Que mais ao vivo então o representa,
Affrontado, suado, e inda offegando
Ao leito do Noronha se apresenta,
E mostrando em calça, e em pó envólta
A barba e o rosto, a lingua assi lhe sólta :

LXXV.

Cumpre, Senhor, que seja em breve espaço
De Diu a fortaleza soccorrida,
Porque a gente que tinha, ou do Turco aço
Ou do trabalho he muita consumida ;
Tal que ja o Lusitano invicto braço,
Ja a força Lusitana he constrangida,
Para ter defensão a fortaleza,
Tomar favor da femil fraqueza.

LXXVI.

As mulheres tambem em si tomárão
Grãa parte do trabalho alli ordinario,
Porque nos varões fortes enxergárão
Menos forças do que era necessario.
Elles com grãa vergonha lh'o acceitárão,
Porém a contumacia do adversario
E a grande quantidade póde tanto
Que pôz fraqueza, em quem não põe espanto.

LXXVII.

D'aquí verás o estado perigoso,
 O aperto em que está posta aquella gente,
 Nem te diz isto incerto, ou duvidoso
 Author, mas quem o passa, e quem o sente
 Que se o continuo peso trabalhoso
 Mudado me não tõe, hem claramente
 Verás que a fortaleza a cargo tenho
 Que avisar-te só disto agora venho.

LXXVIII.

Tão proprio contrafez Morfeo nesta hora
 A voz, do que no mais contrafizera,
 Que o Noronha, iuda mal esperto agora,
 Em tudo imaginou que o Silveira era;
 Emfim de si de todo lança fóra
 O somno que até então em si tivera,
 E quanto no que vio mais imagina
 Mais mandar o soccorro determina.

LXXIX.

Tanto que foi manhãã não tarda ou cessa
 Em fazer prestes hũa grossa fróta,
 Mas como o ouvido aperto o move e apres
 Logo quatro catures ao mar bóta;
 Gente, e o mais nelles mette, e com grãa pres
 Lá de Diu seguir lhes manda a róta.
 Mas em quanto elle ordena a grossa armada
 A fortaleza faço eu a tornada.

LXXX.

O femineo esquadrão, formoso e lindo
 Que era de Anna e Izabel estimulado,
 E agora hum novo espirito hia sentindo
 Co'o divino favor nelle inspirado,
 Comsigo o grão trabalho repartindo,
 Tambem aos varões faz soffrer dobrado
 Trabalho, do que a força lhes soffria,
 Tanto a vergonha então os acendia.

LXXXI.

Mas neste tempo vendo ja acabar-se
 Toda a pedra que havia então na terra,
 Com que ao Christão forçado he reparar-se
 Para se defender naquella guerra,
 Toda a casa se vê logo arrasar-se
 Que a fortaleza dentro em si encerra,
 Porque co'a pedra que ella de si dêsse
 O reparo importante se fizésse.

LXXXII.

E como o Turco hû'hora não socega,
 Que não lh'o soffre o imigo cruel peito,
 Tambem dos seus canhões a furia emprega
 No Sacro Templo então, pouco antes feito;
 Não soffre vêr em pé o que arrenega,
 E em pouco tempo o bate de tal geito
 Que quasi todo foi por terra posto,
 Com mágoa dos Christãos, e grão desgosto.

LXXXIII.

Neste tempo tambem ja a imiga e grossa
 Bombarda, que hum momento não cessava
 Senão em quanto o Turco a gente nossa
 Com assaltos crueis sollicitava,
 Porque mais facilmente cumprir possa
 Hum desejo que o tanto estimulava,
 Tinha aquelle reparo derrubado
 Que atraz disse que fôra edificado.

LXXXIV.

O Portuguez porém se fortifica
 De novo com grãa pressa, e com grande arte,
 Outro reparo mais dentro edifica
 Que outro terço occupou do baluarte;
 De maneira que ao Sousa ja não fica
 Do baluarte, mais que a terça parte,
 D'onde então se defende, e os offensores
 D'ambos os outros terços são senhores.

LXXXV.

Porém como o logar que a Christãa gente
 Para defensão sua possuhia
 Outro novo reparo não consente,
 Que era o remedio só que a defendia,
 D'aqui veio a entender-se claramente
 Que durar alli muito não podia,
 Se o mal que desta falta se arreceia
 Por outra via não se remedeia.

LXXXVI.

Engenho e diligencia não fallece
Onde a necessidade está exhortando,
Fazem que hũa grãa torre se comece
Pola parte de dentro d'ir creando
Junto do baluarte, e esta apparece
Tão alta em breve tempo, que igualando
Se foi co'o baluarte, a quem defende,
Tanto alli o geral bem se pertende.

LXXXVII.

Nos dias que o fiel que a Christo adora
Põe em se reparar grãa diligencia,
Tambem a infiel gente, naquella hora
Que a noite mostra a escura sua potencia,
As estancias com grãa arte melhora
(Sem poder dos Christãos ter resistencia)
Em que a sua vanguarda se alojava,
E vai-as pôr lá junto á nossa cava.

LXXXVIII.

O modo ouvi, com que isto effeituárão
Os Turcos, bem espertos nesta guerra,
Huns fardos assaz grandes ordenárão
Da pelle que o boi ja trouxe na serra,
Que na fórma redondos se tornárão
Depois que os occupou por dentro a terra,
E outras ballas tambem grandes fizerão
Que de brando algodão tambem encherão.

LXXXIX.

Detraz de cada peça destas hião
 Tres ou quatro infieis dos que alli estavão,
 Co'os joelhos por terra, e assi seguião
 O que elles com as mãos mesmos levavão;
 E tão bem detraz dellas se escondião
 Que com quanto os Christãos bem trabalhavão
 Para lhes defender o que pertendem
 Elles emfim debalde lh'o defendem.

XC.

Sahe o chumbo mortal para este effeito
 Da espingarda, que a mão fiel meneia
 Lá contra o fardo, e a balla vai direito,
 Porém pouco este damno remedeia;
 A qual rompe a cabeça, a qual o peito,
 A qual abre de sangue grossa veia,
 Mas nem ou sangue, ou morte foi bastante
 Para tolher ao imigo ir por diante.

XCI.

Rompe por sangue e morte, e assi se igualla
 Co'a nossa fortaleza, atraz ja o digo,
 Onde se fortifica logo, e valla
 Em altura que sem temor do imigo,
 Ajuntando ao seu vallo o fardo e a balla
 Anda em pé bem seguro e sem perigo,
 Porque tão bem se esconde detraz d'isto
 Que de cima do muro não he visto.

XCII.

D'aqui com militar arte e doutrina
 Outras cavas lançou por onde possa
 Seguramente andar, e com faxina,
 Com terra e pedra solta, o vallo engrossa,
 Tal que não só o segura de ruina,
 Mas que o canhão lhe faça qualquer mossa,
 E desta arte commette bem seguro
 Quando quer, o que está posto no muro.

XCIII.

E porque quando a sua artilharia
 No Christão baluarte se empregava,
 Com a calça e terra que cahia
 Bater no vivo então se lhe estorvava,
 A gente de Cambaia constrangia
 Que com Cojaçofar no campo estava,
 A lhe alimpar aquillo, sem que attente
 Quantas vidas custa isto áquella gente.

XCIV.

Entra o triste Cambaio em mãos da morte
 Constrangido de quem espera a vida,
 Hoje o amigo lhe he mais que o imigo forte
 O mesmo companheiro lhe he homecida.
 Mil queixas sóta em vão de sua sorte,
 Pois tão cruel a sente e endurecida
 Que tõe a morte alli mais certa e dura
 Onde a vida ha que tinha mais segura.

XCV.

Nestes dias que o Turco de ira cheio
 Faz com que o seu canhão o muro bata
 Do baluarte do Sousa, como creio
 Que pouco atraz a minha historia trata;
 Naquelle hora que o Sol de novo o freio
 Põe a Flegon, e aos mais, e as rodas lh'ata,
 Sendo hum dia apoz quinze ja passado
 Do mez que ao Escorpião dá gasalhado;

XCVI.

Aquelle grão Falcão, de que atraz fallo,
 (Creio que haverá d'elle grãa lembrança)
 Aquelle cujo nome era Gonçallo,
 E hum grão louvor da Portugueza lança,
 Querendo ja o Ceo gratificallo
 Com dar-lhe a Eterna Bemaventurança,
 O alto espirito rendeo, mas com tal gloria
 Que da segunda morte houve a victoria.

XCVII.

Este varão famoso pertendendo
 Que do seu baluarte o furioso
 Canhão, sólte o furor mortal e horrendo
 No infiel esquadrão tão copioso,
 Com quanto claramente estava vendo
 Descuberto o logar, e perigoso
 Em que tõe posto a sua artilharia,
 Nem do que então pertende, isto o desvia.

XCVIII.

Nem tanto aquelle grão perigo estima
 Que deixe elle de ser o dianteiro,
 Nem o officio que tõe tanto o sublima
 Que não seja ao que cumpre elle o primeiro;
 E com se aventurar, esforça e anima
 Para o seguir o amigo e companheiro,
 A que o pelouro imigo tanto enfreia
 Que descobrir-se então muito arreceia.

XCIX.

Este seu bom desejo tanto o acende
 Que oppõe a hum grão perigo o forte peito,
 Que sem aventurar-se bem entende
 Que nunca se effeitua o grande feito;
 Porém disto que então elle pertende
 Segue a sua tenção diverso o effeito,
 Porque a morte d'aqui a elle se gera
 Que elle ao soberbo imigo dar quizera.

C.

Posto entre os seus canhões então estava
 Em logar assaz cego, e sem abrigo,
 Lá d'onde a sua gente elle animava
 Para não duvidar este perigo,
 Quando hũa horrenda espera sólta a brava
 Ruinadora furia d'entre o imigo,
 Sahe o ferro que dentro estava preso
 Direito ao Falcão vai em fogo aceso,

CI.

Encontra-o na cabeça, e alli esparzido
 Lhe deixa o cerebro entre a sua gente,
 Pallido e inhabil cahe o não vencido
 Braço, dos grandes feitos só contente.
 Hoje da cruel morte foi rendido
 O que rendido foi della sómente,
 Mas co'a fama que cresce de hora em hora
 Venceo a sua mesma vencedora.

CII.

Com grave sentimento recebida
 Foi esta repentina morte dura
 Da sua companhia, que na vida
 Só do seu Capitão se ha por segura.
 Na fortaleza foi logo esparzida
 Com dôr de todos esta desventura,
 Pois bem dava a entender seu braço forte
 Quanta perda alli trouxe a sua morte.

CIII.

Nesta hora, a Turca armada que visinha
 Estava da Mesquita, onde ancorada
 A deixei (como disse a historia minha)
 Se leva, e vai surgir n'hũa enseada,
 A qual posta defronte de si tinha
 A nossa fortaleza, que arredada
 Meia legua só tõe lá contra o assento
 Que sempre aos Rumes deu recolhimento.

CIV.

Passou-se a este logar o esperto Mouró
Onde os navios mais se seguravão,
Por ter alli amparado o surgedouro
Dos ventos que a soprar já começavão,
E por ter melhor desembarcadouro
Que o logar onde enlão elles estavão,
E mais perto o licôr brando e suave
Que da sede reprime a força grave.

CV.

Nesta mesma manhãa que este famoso
Falcão sóbe á Celeste Monarquia,
O Turco pertinaz, nunca ocioso,
Que o damno dos Christãos só pertendia,
Assalta o baluarte que o animoso
Sousa co'a sua boa companhia,
Com grande louvor seu, com grão perigo,
Mil vezes defendêra deste imigo.

CVI.

Sessenta são sómente os atrevidos
Que aquelle baluarte hoje assaltárão,
Mas do Sousa e dos seus são recebidos
Co'o valor com que sempre costumárão;
Rompem o Ceo os altos alaridos
Quando os imigos braços se ajuntárão,
Vê-se com sangue e morte em breve espaço
Quanto odio nelles ha, quão forte braço.

CVII.

Aceso em ira o Turco o ferro move,
 Move o ferro o Christão em ira aceso,
 Faz isto que n'hum e outro se renove
 O odio, de que antes ja estava preso;
 D'aqui nasce tambem que hum e outro prove
 Do ferro imigo o grave e mortal peso,
 Mas o Turco se vê sem paciencia
 De tão dura e contínua resistencia.

CVIII.

E vendo que os sessenta em vão pertendem
 Desbaratar os fortes defensores,
 Que com tamanho esforço se defendem
 Que vencidos não são, mas vencedores,
 Mandão muitos de novo com que offendem
 Com revezadas forças e maiores
 Estes poucos Christãos, e os seus ajudão,
 Mas nem com isto a usada sorte mudão.

CIX.

Porém por mais que aquella alta constancia
 Do Sousa se defenda e prevaleça,
 Reveza-se porém com tanta instancia
 O Turco, porque nunca desfalleça,
 Que he forçado vir lá da sua estancia
 Qualquer dos Capitães, e favoreça
 Dos Christãos a pequena companhia
 Que sempre a forças novas resistia.

CX.

Entra esta descansada gente forte
Onde resiste a forte mas cansada,
A tempo que a dous tõe levado a morte
E que oito tõe ao sangue aberta a estrada.
Querendo esta tambem tentar a sorte
Contra a gente mil vezes revezada,
Faz que o Sousa co'os seus d'alli se aparte
Toma ella a defensão do baluarte.

CXI.

Succede no logar ao Sousa ousado
E tambem na ousadia lhe succede,
Ja sente o Turco o braço descansado
Mas nem isto lhe faz que atraz se arrede;
Mostra agora o furor mais obstinado
Quando a necessidade mais lh'o pede,
Com nova força agora entrar pertende
O que com nova força se defende.

CXII.

Mas esta força nova acha tão dura
Que elle pertende em vão desbarata-la,
Comtudo hũa e outra parte insta, e procura
Ella defender-se, elle de entra-la.
Fende a espada cruel, a lança fura,
A alta grita de novo ao Ceo se iguala,
Hum dos Christãos aqui só perde a vida
Outros sómente ao sangue dão sabida.

CXIII.

Destes a que espalhou o imigo tanto
 Sangue, que ja da morte estavam perto,
 Fonseca he hum, que o nome tõe do Santo
 Que ja habitou de Pathmos o deserto.
 Deter-se hum pouco aqui quer o meu canto
 Para que seja ao mundo descuberto
 Do raro esforço deste hum raro exemplo
 Que da fama honra assaz o Sacro Templo.

CXIV.

Este mancebo (que era ao estandarte
 Do valeroso Sousa obediente)
 Quando no combatido baluarte
 Mostra o Turco e o Christão a furia ardente,
 Da espingarda cruel que lá na parte
 Imiga se meneia, a furia sente,
 Mas não foi por logar que o tão mal trate
 Que logo a chara vida lhe arrebate.

CXV.

Co'o seu furor usado a elle endireita
 Este ardente, cruel, mortal pelouro,
 Que acaso para aquella parte deita
 A espingarda de lá do esquadrão Mouró;
 Polo collo lhe entrou da mão direita
 E acha a sabida lá no sangradouro,
 Tudo deixa desfeito, e em fogo aceso,
 Molle carne, osso duro, nervo teso.

CXVI.

O verde ramo a quem o desestrado
 Caso, ou da imiga mão, ou do grão vento,
 Deixou da sua planta pendurado
 Com grande damno seu, grão detrimento,
 Murcho e secco se torna, e perde o usado
 Seu prego, seu valor, seu ornamento,
 Tal este forte braço hoje estou vendo
 Perdido o seu valor, estar pendeado.

CXVII.

Mas nem a falta d'hum tão importante
 Membro, algũa causou no forte peito,
 Que inda que a dôr que tinha era bastante
 A sujeitar o ponea antes sujeito,
 Nenhum nelle o sentio, dos que diante
 Alli tinha, ou no resto, ou n'algum geito,
 Que mais o aperta o espirito não domavel
 Que aquella grave dôr intoleravel.

CXVIII.

E porque a esta grãa falta então acenda
 De sorte, que não seja descuberta,
 Ao decepado braço a adarga muda
 E com a esquerda mão a lança aperta;
 Levanta ao hombro a adarga quanto o ajuda
 O fraco braço, e á bellica referta
 Torna com grão fervor e esforço, onde
 A maior parte desta falta esconde.

CXIX.

Mas por mais que escondê-la elle trabalha
 Não a pôde esconder quanto quera,
 Porque como o logar desta batalha
 Recolher doze ou treze sós podia,
 Muitos de fóra estão vendo o que espalha
 O sangue, ou o que á morte se rendia,
 Para que no logar que este deixasse
 O que estiver mais perto logo entrasse.

CXX.

E como então só nisto se attentava
 Não pôde elle encubrir-se grande espaço,
 Que a grãa cópia de sangue que lançava
 De si o dependurado roto braço,
 Veio a mostrar enfim qual elle estava
 A hum que co'o seu valor, e co'o duro aço
 Fez conhecer seu nome em toda a parte,
 Vasconcellos traz Mendes e Duarte.

CXXI.

Estas alcunhas, e este nome tinha
 Este que do Fonseca a falta alcança,
 O qual vendo que então alli o detinha
 Força não, mas espirito e confiança,
 Pucha por elle, e diz, que pois convinha
 A cura, e não mover adarga e lança,
 Ao estado em que está, da cura trate
 E lhe dê logar que entre no combate.

CXXII.

Fonseca não o ouvindo por ventura,
Polo tento que tõe na gente imiga,
Ou sendo-lhe pesada cousa e dura
Deixar o seu logar, durando a briga,
Do que diz Vasconcellos pouco cura,
Não lhe torna resposta, nem mitiga
O esforço natural que o está movendo,
Antes com isto mais lhe vai crescendo.

CXXIII.

Vasconcellos porém, em quem o espirito
Heroico cada vez mais se aviventa,
Ao Fonseca repete o que antes dito
Lhe tinha ja outra vez, e lhe acrescenta,
Que pois hum desestrado, e fortuito
Caso, que assaz a todos descontenta,
Faz que o direito braço elle não mude
Lhe dê a elle o logar, pois tõe saude.

CXXIV.

Fonseca, d'hũa honrada ira ja cheio,
Agora que o bem ouve, não he mudo.
Como sois de rasão (diz) tão alheio
Que se eu do esquerdo braço inda me ajudo
Me pedis o logar? porque inda eu creio
Que em quanto eu este tenho, tenho tudo:
Não queiraes nisso o tempo aqui gastar-me
Que eu posso aproveitar em mais honrar-me.

CXXV.

Traz isto inda se volta com ardente
 Esprito, onde o desejo o está guiando.
 Achou-se acaso o Sousa aqui presente
 Que tõe por nome Lopo, e contemplando
 Tão honrada questão, instantemente
 Pede ao Fonseca, e quasi o está forçando
 A que se vá curar, e elle se queixa.
 O logar o outro toma que elle deixa.

CXXVI.

Vai Fonseca a curar-se, inda queixoso
 De quem para viver o encaminhára,
 Vasconcellos entrou no perigoso
 Logar, que por si mesmo elle buscára.
 Neste Fonseca sempre hum valeroso
 Esprito em todo o cerco se enxergára,
 Porém da mão emfim fica aleijado
 Com que alli se fizera tão honrado.

CXXVII.

Nesta hora o grão furor, a alta ufanía
 Com que o soberbo Turco combatera
 Quando a cansada gente resistia
 A quem os seus mil vezes refizera,
 Com as forças da nova companhia
 Que os cansados Christãos favorecera,
 Tanto ja torna atraz, tanto se abate
 Que começa a affrouxar o grão combate.

CXXVIII.

Sentindo isto o Silveira ja no imigo
 Manda a Lopo de Sousa que descesse
 Á cava, co'os que tõe alli comsigo,
 E os Turcos com grãa furia accommettesse.
 Pouco duvida o Sousa o grão perigo
 Inda que então bem claro o conhecesse,
 Faz recolher os seus logo á bandeira
 Vai cumprir o mandado do Silveira.

CXXIX.

Com pressa ao baluarte lá endireita
 Que do incredulo Santo se nomeia,
 E da parte que ao mar olha direita
 Ata hũa rija corda u'hũa ameia;
 Por ella, sem temor, logo se deita,
 Que este perigo então não se arreceia,
 Por onde co'os seus desce bem seguro
 Ao releixo que está entre a cava e o muro.

CXXX.

Menos o grão perigo então duvida
 Quando mais perto delle ja se achava,
 D'aqui lança hũa escada tão comprida
 Que em quarenta degrãos se limitava;
 De corda esta era feita, que descida
 Ao Sousa deu, e aos seus d'alli á cava,
 Que mais que n'outra parte aqui era alta,
 Desce a gente animosa, e nella salta.

CXXXI.

Nem inda a cava todos dentro tinha
 Quando de cima foi Sousa avisado
 Que lá d'hũa Mesquita que a marinha
 Onda vê, foi d'hum Mouro elle enxergado,
 O qual com grande pressa ja caminha
 As estancias dos seus, dar-lhes recado
 De sua ida, que cumpre ter grão tento
 Que de lá não receba detrimento.

CXXXII.

Não esfria isto ao Sousa o peito ardente
 Sempre no grão perigo ardente peito,
 E co'os que tõe em baixo (que sómente
 Trinta e cinco serião) faz o effeito;
 Não se quer deter mais a forte gente,
 Porque com se deter não perca o feito,
 Logo o Sousa, a quem mais isto compete,
 Os descuidados Turcos accommette.

CXXXIII.

Muitos lá no alto estão do baluarte,
 Muitos nas quebras d'elle descansando,
 Que de qualquer perigo desta parte
 Pouco se estão então arreceando.
 Sousa soltando no ar seu estandarte
 E o furor aos que o vão acompanhando,
 Faz com que sinta o Turco em pouco espaço
 Quão bem sabe cortar o Christão aço.

CXXXIV.

A cortadora espada Lusitana
Derrama o sangue imigo sem piedade,
Mas aquella infiel turba profana
Sentindo esta inesperada crueldade,
Inda hoje a natural soberba a engana,
Inda de resistir mostra vontade,
E os que cá mais em baixo tõe o posto
Mostrão contra os Christãos direito o rosto.

CXXXV.

Faz-lhes mover o ferro o espirito ufano
E quanto lhes he possivel se defendem,
Mas logo lhes mostrou seu proprio dano
Que defender-se então em vão pertendem,
Pois debaixo do ferro Lusitano
As almas infieis seis delles rendem,
E co'os mais de tal sorte aperta o Sousa
Que deter-se alli mais nenhum ja ousa.

CXXXVI.

Procura de salvar-se o que he mais forte
Por onde o medo e o tempo então o ensina,
Vendo os que em cima estão, a dura sorte
Dest'outros, tambem temem sua ruina,
Qualquer delles tambem fugir á morte
Que alli tõe por mui certa, determina,
Mas tal foi o remedio que buscárão
Que a morte então mais certa nelle achárão.

CXXXVII.

Qualquer delles, sem tento, então se lança
 Polas quebras que mostra o roto muro,
 Mas logo de viver perde a esperança,
 Porque o caminho que elle por seguro
 Busca, tomado achou, e assi na lança
 E na espada vai dar do imigo duro,
 Onde perdem alguns delles a vida
 Sem detrimento ou damno do homecida.

CXXXVIII.

Com isto o baluarte em tempo breve
 Foi do soberbo imigo despejado,
 E com grão damno seu tambem fim teve
 O assalto tantas vezes revezado.
 Sousa porém na cava se deteve
 Em quanto ao general manda hum recado,
 Avisando-o de cousa que então sente
 Ser ao tempo em que estão conveniente.

CXXXIX.

Manda dizer que porque a gente imiga
 Os soldados Christãos cada momento
 Com pequenos combates não persiga,
 Nem seja ao trabalhar impedimento,
 Parece que a rasão e tempo obriga
 A que lá do fiel ajuntamento
 Se mande sempre gente revezada
 Da qual a cava esteja acompanhada.

CXL.

Nem vá esta gente lá, para que o amigo
 Destes leves combates defendesse,
 Senão para fazer que o Turco imigo
 Com mór cópia e poder o commettesse;
 E inda que isto ao Christão he mór perigo,
 Comtudo como o Turco conhecesse
 Que outro mór numero e ordem lhe conyinha
 Menos vezes virá do que então vinha.

CXLI.

E que d'aqui terá hum grão proveito
 O fiel defensor, porque teria
 Tempo de trabalhar, e dar effeito
 Ao reparo importante que fazia.
 Isto approva o Silveira, e lhe he acceito,
 Louva o Sousa, e agradece o que dizia,
 O qual ficou na cava até que a escura
 Sombra encobre a diurna formosura.

CXLII.

Esta ordem de metter gente na cava
 O Silveira mandou que se guardasse,
 A qual quando a que lá em cima estava
 De lá algum signal certo lhe mostrasse,
 Contra os Turcos irá, mas lhe mandava
 Que da boca da cava não passasse,
 Nem tanto ao imigo então se descubrisse
 Que elle a sua pequena cópia visse.

CXLIII.

Isto d'alli em diante foi seguido,
 Nem foi de todo vão, mas proveitoso,
 Porque o imigo cruel foi constrangido
 Dar mais socego ao povo religioso,
 Pois forçado era então ser commettido
 Com outro mór poder, mais copioso,
 D'onde ás vezes o povo Lusitano
 Menos perda recebe, e menos dano.

CXLIV.

Mandando polo estylo atraz escrito
 Oito homens o Silveira, dos que tinha
 Comsigo aquelle Sousa Lopo dito,
 Tambem Simão Furtado entre elles vinha,
 Varão a cujo siso, idade, e esprito
 Qualquer feito importante bem convinha,
 E foi mandado á cava lá de cima
 Porque se houver desmando elle o reprima.

CXLV.

Apoz este esquadrão hum moço segue
 Que dezoito annos sós inda fizera,
 Cujoo nome he João, o qual entregue
 Ao serviço de Lopo de Sousa era;
 E temendo quiçá que elle lhe negue
 A licença, pedir-lh'a não quizera,
 Nem leva outra algũa arma em sua ajuda
 Que a comprida espingarda, e a espada aguda.

CXLVI.

Com pressa á cava lá busca a descida
O pequeno esquadrão, mas forte e ousado,
Em tempo que o feroz Turco homecida
(Como meu verso atraz ja tõe cantado)
Faz que o Cambaio, á custa da sua vida,
A immundicie que cabe do ruinado
Muro lhe alimpe, a qual então tolhia
Ser lá no vivo a sua bateria.

CXLVII.

E para effeito disto se sahirão
Alguns da estancia lá que os alojava,
Os Christãos lá do muro quando os virão
Logo o signal fizerão aos da cava ;
Elles, que no signal bem advertirão,
Porque só cada hum nelle attentava,
Salteão sem tardança a Turca gente
Que tardança em furor não se consente.

CXLVIII.

O moço que seguio, como atraz digo,
Os oito, e tambem lá na cava entrára,
Pouco duvida agora o grão perigo,
Mas seguindo o furor que o estimulára
Salteia elle tambem o incauto imigo,
E a mortal espingarda n'hum dispára,
Traz isto a espada arranca ; mas lá ávante
Esperai que o que fez com outro cante.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XVII.

O moço dá a morte ao outro Mouro, e torna em salvo á fortaleza. Manoel de Vasconcellos entra duas vezes com gente na cava, e o que lhe succedeo. João da Nova persuade aos Christãos que entreguem a fortaleza. Os Turcos a batem por diversas partes, e lhe dão alguns assaltos. Ordenão-lhe huma mina, e indo Gaspar de Sousa reconhecê-la he morto polos Turcos. Inventão os Christãos hum ardil com que algum tempo se defendem dos inimigos. Entra na fortaleza socorro de Goa.

I.

Que nome, que louvor, que honra, que gloria
O verdadeiro esforço não merece?
Que cousa ha hi mais digna de memoria
Que o que por seu esforço se engrandece?
Em quem com mais rasão se emprega a historia
Do engenho que no mundo mais florece,
Que n'hum braço tão forte e valeroso
Que se faz por si eterno e glorioso?

II.

Materias dignas são, que em toda a parte
Dellas cante o subtil engenho agudo
A virtude, a sciencia, o governo, a arte,
Dote hum da natureza, outro do estudo;
Mas as obras do fero, horrendo Marte
Como em honra e louvor passão por tudo,
Assi tambem materia são mais dina
Do que mais gastou d'agua Cabalina.

III.

Provar-se com razão será escusado
O que a mesma razão está provando,
Pois merece aquelle ser cantado
Que a vida está cada hora aventurando,
E de mil crueis mortes rodeado
Sempre hum invicto espirito está mostrando,
Que aquelle que faz guerra ao tempo imigo
Com trabalho menor e sem perigo.

IV.

E se o melhor engenho he tão devido
A qualquer que do Marte segue a banda,
E inda áquelle que está envelhecido
Nas perigosas cousas que elle manda,
A que o uso faz não ser d'elle temido
O que o novo soldado temendo anda,
Que se deverá áquelle que he tão forte
Que entrou ja não temendo a mesma morte?

V.

Tal foi daquelle moço o forte peito
 De que atraz prometti cantar cá ávante,
 Que entrou n'hum perigoso, bravo feito
 Com animo feroz, duro e constante;
 Assaz merecedor que o mais perfeito
 Verso, este seu heroico feito cante,
 E tanto mais heroico quanto a idade
 Tenra, lhe punha mór difficuldade.

VI.

Depois que da espingarda não se ajuda
 Este Marte novel, logo com pressa,
 Apertando na mão a espada aguda,
 Traz hum dos outros Turcos se arremessa;
 Impedir-lh'o o Furtado assaz estuda,
 Mas de seguir o Turco elle não cessa;
 Que mais he então ao seu espirito ardente
 Que ao que manda o Furtado obediente.

VII.

O Turco d'entranhavel medo cheio
 Dá-lhe as costas, ligeiro quanto o vento,
 Com tal pressa porém traz elle veio
 O moço, que lhe chega n'hum momento;
 Bem desejou o Turco então ter meio
 D'entrar lá onde os seus tõe seu assento,
 Mas a pressa do moço he tão sobeja
 Que o faz desesperar do que deseja.

VIII.

E vendo que chegar já não podia
 As estancias dos seus lá junto á cava,
 Onde então mais segura e certa via
 Aquella salvação que desejava,
 E pôr-se em defensão não se atrevia
 Contra o moço feroz, que o maltratava,
 No rio o rosto põe, com grande mágua,
 Determinando já salvar-se n'agua.

IX.

Direito ao rio vai com tal presteza
 Qual nelle põe hum grave temor frio,
 O moço, que lhe he igual na ligeireza,
 Junto com elle vai tambem ao rio,
 Onde sempre lhe faz com grãa crueza
 Sentir da dura espada o agudo fio
 Em quanto lhe durou esta corrida,
 Mas nem com isso faz que perca a vida.

X.

Nem foi isto escondido á imiga gente
 Que mais de mil lhe tõe direita a fronte,
 E qual soe o libré que o touro sente,
 Ou sente o javaly correr no monte,
 Salta de cá e de lá, feroz e ardente
 Por ferrar o animal que tõe defronte,
 Mas reprime-o a tesa e dura trella,
 E o astuto caçador que afferra nella:

XI.

Tal vejo cada hum dos que atraz digo
 Que os dous da Turca estancia estavam vendo,
 Os quaes vendo o furor do moço imigo
 Em vingadora furia estão ardendo ;
 Bem desejão d'ir lá, mas o perigo
 Tanto estão dos mortaes tiros temendo
 Com que os Christãos ao moço dão ajuda,
 Que nenhum d'onde está o passo muda.

XII.

Nenhum a propria vida aventurando
 Quer segurar a alheia naquella hora,
 E assi nenhum faz mais que estar olhando
 Como salvar-se o seu trabalha agora ;
 O qual chegado ao rio, tanto entrando
 Foi pola agua, que os hombros sós tõe fóra ;
 Entra tambem traz elle o ousado moço
 Até que lh'agua deu polo pescoço.

XIII.

Tão differentes erão na estatura
 Que inda que o Mouro estava ávante posto
 E o moço atraz, onde ha menos altura,
 Comtudo a agua mais perto tõe do rosto ;
 Pára aqui o triste Mouro, que outra dura
 Sorte arreceia n'agua, e outro desgosto,
 Temendo que se lá mais dentro entrasse
 A corrente tambem traz si o levasse.

XIV.

Procura o moço assaz por dar effeito
 Áquella obra que tinha começada,
 Mas elle e o Mouro estão de tão máo geito
 Que alcançá-lo mal póde com a espada.
 Aquelle Sousa a quem elle he sujeito
 Que no muro está então, de lá lhe brada
 Que encolha o braço a si, depois o estenda,
 E co'a ponta da espada o imigo offenda.

XV.

O moço, cujo espirito forte e ousado
 No perigo maior mais prevalece,
 Tambem agora está tão acordado
 Que do Senhor a falla bem conhece;
 E havendo-se por bem aconselhado
 Logo neste conselho lhe obedece;
 Ja não levanta o braço, e d'alto fende,
 Mas para si o encolhe, e logo o estende.

XVI.

Hũa e outra vez encolhe e estende o braço,
 Mas nem o que pertende assi alcança:
 O triste Mouro em todo aquelle espaço
 Nem sómente lhe veio hũa lembrança,
 Que tambem traz ao lado o subtil aço
 Com que de se salvar tenha esperança,
 Que tanto o aperta o medo, que imagina
 Que tõe na salvação maior ruina.

XVII.

O moço, a quem hum furor então ja cega
 Porque chegar ao Mouro a agua lhe impede,
 Comitudo quer tentar se o que ella nega
 Póde o esforço acabar, mas mal succede.
 Entra pola agua mais, nem assi chega
 Ao fim do que o desejo então lhe pede,
 Que como a agua na altura o senhoreia
 Vão-se-lhe os pés por baixo, e cahe na areia.

XVIII.

Vê-se então mais que nunca perigoso,
 Porque d'agua ficou todo cuberto,
 E o Mouro em defender-se antes medroso
 Para offender se mostra agora esperto;
 Salta logo sobre elle, desejoso
 De o fazer affogar, e muito perto
 Esteve esta tenção de vir a effeito,
 E os que de fóra o vêem o dão por feito.

XIX.

Mas aquelle valor raro e sobejo
 Na mór necessidade mais se acende,
 Que inda que o moço ja cansado vejo,
 E das mãos a espingarda hũa lhe prende,
 E bebêra agua assaz, vendo o desejo
 Do Mouro, que affogá-lo então pertende,
 Vólta a espada para elle, e faz que lhe entre
 Lá tres ou quatro vezes polo ventre.

XX.

Corre o sangue infiel em grosso fio
A quem o moço deo larga sahida,
Começa-se a tornar o corpo frio
A que o sangue traz si levava a vida,
Perde a côr natural a agua do rio
E de branca em purpurea he convertida,
E o contrario á infiel face acontece
Que sendo antes purpurea amarellece.

XXI.

Do mortal ferro o Mouro trespassado
Sólta de todo o moço, e o desafferra,
E logo posto em pé, desatinado
Correndo d'agua vai lá para a terra;
Porém apenas era nella entrado
Quando o espirito infiel que o corpo encerra
Blasfemando desceo á eterna queixa
Solto do corpo ja, que em terra deixa.

XXII.

O moço, que de todo se ja sente
Livre d'hum tal trabalho e tal perigo,
Tambem se põe em pé, assaz contente,
Inda envolto no fresco sangue imigo.
Desatina de novo a imiga gente
Porque lhe tolhe ir a elle o que atraz digo,
Mas co'o que póde então lhe faz que veja
O que o seu peito imigo lhe deseja.

XXIII.

Qual da espingarda lança o chumbo fóra,
 Qual faz que a subtil frecha córte o vento,
 Porém nenhum tão certo atira agora
 Que execute no moço o duro intento;
 Elle fazendo alli qualquer demora
 Em quanto algũa força toma, e alento,
 Ufano d'agua sabe, com vagaroso
 Passo, mais confiado que medroso,

XXIV.

Na mão direita a espada sustentando,
 E na esquerda a espingarda, faz a via,
 E junto lá co'os Turcos caminhando
 Jamais delles o rosto não desvia:
 Por entre mortaes tiros vai passando
 Com mostras de desprezo, e de ufania,
 E assi, apesar da imiga furia brava,
 Inteiro e são entrou dentro na cava.

XXV.

Recebido de todos foi com tanto
 Prazer, que a pouco mais fóra infinito,
 Porém mór que o prazer foi inda o espanto
 Vendo em tão pouca idade tanto espirito.
 Não quero em teu louvor soltar o canto
 Famoso moço, porque o que he só dito
 De ti, materia ja será bastante
 Para que todo o engenho de ti cante.

XXVI.

Apoz este esquadrão, outro caminha
Para a cava tambem ao mesmo effeito,
Seguindo hum Vasconcellos, o qual tinha
Por nome Manoel, d'ousado peito;
Salteia a imiga gente alli visinha,
Mas não teve esta vez naquelle feito
O successo tão bom qual o tivera
O Sousa, que o principio a esta obra dera.

XXVII.

Não foi a falta então do peito ousado,
Que em todos a ousadia então sobeja,
Mas como menos vai acautelado
Do que em tão arduo feito se deseja,
Não vai tão encuberto, e tão calado
Que não o siuta o imigo, e não o veja,
E quando delle foi accommettido
Ja sobre aviso estava, e prevenido.

XXVIII.

Não fazem os Christãos o que pertendem,
Que os prevenidos Turcos os maltratão,
E inda que duramente se defendem
Alguns feridos vão, hum só lhes matão;
Alguns Turcos tambem alli se estendem
Que as almas das mortaes prisões desatão,
E na infernal e eterna são mettidas;
Alguns só dão o sangue, e não as vidas.

XXIX.

Aquelle a que hoje o justo Ceo permite
 Render a alma entre a imiga alta crueza
 Christovão tõe por nome, e se lhe admitte
 O apellido dos Sousas, e a nobreza;
 Da juvenil idade iuda o limite
 Não passára, porém a tanta alteza
 Chegou o seu espirito alto e sublime
 Que até no mesmo Marte inveja imprime.

XXX.

Este grave infortunio o peito forte
 Do nobre Manoel não amedronta,
 Antes para vingar do Sousa a morte
 Quer outra vez tentar a mesma affronta,
 Credo que pois lhe fôra imiga a sorte
 Porque elle pouco cautamente e pronta
 Os Turcos salteou, se se castiga,
 E cauto e prompto vai, a terá amiga.

XXXI.

De novo se prepara e se concerta
 Com ordem, da passada differente,
 E quando a conjunção o chama e esperta
 Com impeto salteia a imiga gente;
 E tanto desta vez a damna e aberta
 Que vinga o mal passado largamente,
 Com damno e perda assaz dos salteados
 Sem perda ou damno algum dos baptisados.

XXXII.

Mas o Turco feroz nunca ocioso,
Que o damno dos Christãos só pertendia,
Quiçá então de vingar-se desejoso
Do damno que da cava recebia,
Prepara hum novo assalto e furioso
Para aquella hora quando o novo dia
Mostra lá do Oriental dourado assento
O que tõe do quarto orbe o regimento.

XXXIII.

Logo naquella noite, aquella parte
Da vella que á manhã he mais visinha,
Coube áquelles que seguem o estandarte
Do Sousa que por nome Lopo tinha ;
Este forte varão, no baluarte
Que os assaltos crueis então sustinha
Foi vigiar, no tempo que atraz digo,
E grãa parte dos seus leva comsigo.

XXXIV.

E quando o novo raio, fresco e puro
Subindo no Horizonte, a Aurora estende,
Commette o irado Turco aquelle muro
Que mil vezes em vão tomar pertende ;
Mas tanto como sempre hoje acha duro
O valeroso braço que o defende,
Porque o Sousa co'os seus que o vigiárão
Na defensão o não desamparárão.

XXXV.

Antes em maior furia se acendêrão
 Quanto com mór furor são commettidos,
 E assi os ferozes Farcos recebêrão
 Com golpes tão mortaes, não resistidos,
 Que em breve espaço assaz se arrependêrão
 De se terem mostrado hoje atrevidos,
 Porque hoje o Lusitano braço forte
 Como sempre os encheo de sangue e morte.

XXXVI.

Porém d'entre esta furia imiga e fera
 Hoje em salvo o Christão não se recolhe,
 Porque hum pelouro, que hũa meia espera
 Lá d'hum travéz lançou, o Sousa colhe
 Por hũa espada, a qual a direita era,
 E inda que então a vida não lhe tolhe
 Trata-o porém tão mal que o inhabilita
 Para aquillo que o seu esforço o inverte.

XXXVII.

Logo o forte varão d'aqui he levado
 E lá na sua estancia se aposenta,
 Onde he do Cirurgião remediado
 Co'o melhor que a sua arte lhe apresenta;
 Nem co'o damno que ao Sousa tõe causado
 Este mortal pelouro se contenta,
 Tambem colhe outros tres, e grãa sahida
 Ao sangue lhes abrio, e quasi a vida.

XXXVIII.

Ja a fortaleza então grãa falta sente
 De quanto á defensão lhe pertencia,
 Mas a falta mór, he da forte gente
 Que a melhor defensão nella fazia ;
 Pois muita ja descansa eternamente,
 Muita estava em poder da cirurgia,
 E esta, muitos dos sãos traz occupados
 Que andão na sua cura embaraçados,

XXXIX.

Sente tambem de todo ir-se acabando
 A polvora cruel, com que a espingarda
 Nos ares o mortal chumbo soltando
 Faz que a morte onde elle entra pouco tarda ;
 Vê todo o outro arteficio ir ja faltando,
 E o fulminar continuo da bombarda
 As longas lanças ter tão maltratadas
 Que dellas a mór parte erão cortadas.

XL.

Mas sobre tudo a côr do rosto muda
 Á gente popular, vêr que não vinha
 O Viso-Rei, que espera dar-lhe ajuda,
 Nem d'outra parte algum soccorro tinha ;
 Nem fortaleza algũa ha que lhe acuda
 Co'o que a tamanho aperto lhe convinha,
 O qual o Capitão, bem previnido,
 Por vezes ás vizinhas tõe pedido.

XLI.

Aquelle a quem Chaul era sujeito
 (Seu nome he Simão Guellez) só mandára
 Do pó com que a espingarda faz effeito
 Duas arrobas sós, se aproveitára ;
 Mas foi todo este pó lá sem proveito,
 Porque em desembarcando se arrombáta
 O barril em que vem, e o damnifica
 O salgado licôr que dentro fica.

XLII.

D'hũa parte haver tão pouca lembrança
 Nas outras fortalezas, do seu dano,
 E d'outra haver ja tão pouca esperança
 De soccorro, que o tõe por desengano,
 Encheo muitos de tal desconfiança
 Que lhes abateo o espirito antes ufano,
 Com que as cousas Christãas então mostravão
 Que para o máo successo declinavão.

XLIII.

Mas em quem cada vez mais se renova
 Hum intrinseco medo, hum grão receio,
 Foi n'hum que déra ja mais d'hũa prova
 De espirito de temor assaz alheio ;
 Este por nome tõe João da Nova,
 D'hum tão estranho medo agora cheio
 Que causou nelle effeitos desusados
 Nunca ouvidos quigá, nunca cantados.

XLIV.

No tempo que a outra gente forte e ousada
 Se occupa no trabalho, e na peleja,
 Toda a outra estancia deste he rodeada
 E a qualquer dos que encontra, diz, que veja
 Que pois a defensão he ja escusada
 D'outro melhor remedio se proveja,
 Que devia entregar-se em quanto espera
 Achar clemente a imiga gente fera.

XLV.

Moveo logo isto riso em cada estancia
 E em todas se julgou por zombaria,
 Mas vendo-o importunar com grande instancia
 Nenhum na sua estancia o consentia,
 Temendo que isto abale a grãa constancia
 Que em toda a popular gente se via,
 A qual sempre em crêr tõe facilidade,
 Nem tõe respeito algum, mais que a vontade.

XLVI.

Vendo o triste João, que não sómente
 Alli este seu conselho se não segue,
 Mas que em nenhum logar se lhe consente
 Tratar ja deste medo a que era entregue,
 Anda por cá, por lá, como o que sente
 A grande dôr e aguda que o persegue,
 Que mil logares busca, hum e outro tenta,
 E em nenhum se quieta, ou se contenta.

XLVII.

D'hum logar n'outro o triste não parava,
 Mas não acha logar, nem se socega,
 E como salvação não esperava
 Todo a hum grave temor o peito entrega;
 Que o espirito vital que o sustentava
 O seu favor usado ja lhe nega,
 Com que do rosto a côr desaparece
 E a força corporal lhe desfallece.

XLVIII.

Tanto a força lhe foi desfallecendo
 Que em mãos veio cahir da medicina,
 O Medico a doença conhecendo
 Só co'o esforço curá-lo determina;
 Elle mal a esta cura obedecendo,
 Sem febre, ou dôr, que cause tal ruina,
 Emfim rendeo o espirito, a quem a porta
 Abrio só o grão temor que dentro o corta.

XLIX.

Que mais cruel, que mais estranho effeito
 Fez nunca o fogo ardente, e o ferro agudo,
 Do que faz o temor no fraco peito
 Contra o qual este pôde mais que tudo?
 Pouco val ao que ao medo está sujeito
 Usar para salvar-se de arte e estudo,
 Porque dentro em si traz o imigo forte
 E as armas com que lhe elle causa a morte.

L.

Mas vejamos se o Turco previnido
 Passa entretanto o tempo descuidado.
 Vendo elle o baluarte combatido,
 Assaz bastantemente ja arrasado,
 E que não cumpre ja ser mais batido,
 Para poder subir ja nelle o ousado,
 Trata logo o que entende que he mais dano
 Do valeroso imigo Lusitano.

LI.

E porque as forças ja enfraquecidas
 Dos Christãos, co'os trabalhos que passavão,
 Sendo em diversas partes repartidas,
 Mais fracas se tornassem do que estavam,
 Fazem logo os imigos ser batidas
 As casas que o Silveira agasalhavão,
 Batem tambem a estancia onde inda agora
 Lopo de Sousa o seu pendão arvora.

LII.

Porém com quanto emprega n'outra parte
 Os redondos coriscos, fulminantes,
 Nem por isso deixou o baluarte
 Em que os costumava empregar antes;
 A bombardas cruel tambem reparte
 Com elle dos pelouros penetrantes,
 Temendo que se livre e solto fique
 D'algum reparo o imigo o fortifique.

LIII.

Quatro dias o Turco se deteve
 Do Silveira em bater sempre a morada,
 Porém d'hum contra-muro em tempo breve
 Toda por dentro foi fortificada.
 Mas a estancia do Sousa com bem leve
 Bateria cahio, porque a delgada
 Parede a poucos tiros obedece,
 Cahe, e a madeira lá dentro apparece.

LIV.

Mas entendendo bem o esperto imigo
 Que o baluarte do mar então podia
 Dar favor aos logares que atraz digo
 Com a força da sua artilharia,
 Determina tambem logo consigo
 Empregar nelle a horrenda bateria,
 Que se tomá-lo póde, tõe por certo
 Que o Christão de perder-se está mais perto.

LV.

Sólta o grosso canhão a furia ardente,
 Retumba o valle, e o monte cavernoso,
 E ao baluarte vai directamente
 Que póde ser aos outros proveitoso;
 Disse que era o do mar, que obediente
 Era a hum nobre varão, forte e animoso,
 A quem o proprio nome Antonio punha
 E que tambem dos Sousas tõe a alcunha.

LVI.

Lá na entrada da porta este profano
 Pelouro agora vai fazer o effeito,
 Onde o Sousa, temendo qualquer dano,
 Hum bom reparo tinha então ja feito ;
 Bate o canhão tambem do muro o pauo
 Que para a fortaleza olha direito,
 E a torre da menagem buscar veio
 Que está do baluarte posta em meio.

LVII.

Mas em quanto o canhão profano e horrendo
 Nos logares que digo a furia emprega,
 O Turco o baluarte combatendo
 Que combateo mil vezes, não socega ;
 E com quanto o Christão sempre vencendo
 De seu desejo ao Turco o effeito nega,
 A victoria porém sempre lhe vinha
 Com perda da melhor gente que tinha.

LVIII.

Ja o imigo outra vez, não descuidado
 Melhorára as estancia, onde estava,
 Que por estar ao muro mais chegado
 Dentro da boca as pôz da nossa cava ;
 E como seu intento, seu cuidado
 Em damno dos Christãos só se empregava,
 Pois a seu salvo pôde, determina
 Fazer ao baluarte hũa alta mina.

LIX.

Digo aquelle que tinha ja vencido
 Mil vezes o furor do imigo duro,
 Porque este d'elle foi mais perseguido,
 Cuja constancia o faz menos seguro.
 Logo o agudo picão, sem grão ruido,
 Porque o Christão não sinta o mal futuro
 Que desta obra o cruel Turco lhe ordena,
 A começa com pressa não pequena.

LXI.

Nem se move a fazer o que pertende
 Porque fazer mais raso lhe importasse
 O muro do que está, mas porque entende
 Que se esta mina então se effeituasse,
 O elemento voraz que tudo acende
 Junto ao pó salitrado que o ajudasse,
 A muitos dará a morte nesta parte
 Que em guarda sempre estão do baluarte.

LXI.

E com quanto o Christão não recebia
 Desta mina inda algum conhecimento,
 Mas só de quando em quando hum tom ouvia,
 E sentia hum pequeno movimento,
 Comtudo o grão receio que sentia
 De pôr o esperto imigo nisto o tento,
 Só polo tom que ouvio, lhe faz que creia
 Que póde ser verdade o que arreccia.

LXII.

O Silveira, que vê quão importante o oba
 Lhe he que se este receio verifique,
 Ordena, antes que o mal vá mais ávante
 Hum meio que a certeza lhe publique:
 Manda hum que com grande animo e constante
 As estancias salteie e damnifique,
 Porque entretanto veja se he ja feita
 A mina, ou quicá o engana esta suspeita.

LXIII.

Logo a Gaspar de Sousa elle apresenta
 Aquelle honrado assaz, mas grão perigo,
 Sousa da honrada empresa se contenta
 Que da mais perigosa he mais amigo;
 Bem armados varões lhe dão setenta
 Que leve neste feito então consigo,
 Os quaes a commetterem grandes feitos
 Move o valor sómente dos seus peitos.

LXIV.

Apoz isto tambem logo o prudente
 Silveira manda alguns que abaixo desçam
 Tanto que o Christão dér na imiga gente,
 E da mina a verdade bem conheçam,
 E vejão quanto ja entra attentamente;
 E aos que ficão mandou que favoreçam
 Lá de cima a qualquer que determinet
 Ou saltear o imigo, ou vêr a mina.

LXV.

Tendo o Sousa ja prestes tudo agora
 Quanto entende que cumpre a tão grão feito,
 Antes que a namorada clara Aurora
 Deixe do charo esposo o usado leito,
 De lá da fortaleza se sahe fóra
 E lá na cava vai entrar direito,
 Co'o seu forte esquadrão, em furia envolto,
 Co'o usado seu guião nos ares solto.

LXVI.

Porém antes d'entrar nesta contenda
 Dos seus mais espertos a si chama,
 Logo a hũ a bomba, e a lança a outro encomenda,
 D'onde sahe a eruel, ardente chama,
 E mandou a qualquer que inflamme e acenda
 A balla d'algodão, e a secca rama
 Que nas estancias tõe os Turcos posta
 De que grãa parte dellas he composta.

LXVII.

Ordenado isto assi, fica esperando
 Só tempo e conjunção ao que pertende,
 Mas porque o caso o estava convidando
 Em quanto co'os imigos não contende
 Com palavras d'esforço está animando
 A quem o esforço proprio anima e acende,
 A tento e a valentia exhorta e anima
 A quem sua honra mais que a vida estima.

LXVIII.

Breve espaço gastado nisto tinha
 Quando chegou o tempo desejado,
 Cuja ausencia sómente alli o detinha
 Sem commetter o imigo descuidado;
 Logo com siso e esforço qual convinha
 A douto Capitão, forte Soldado,
 As estancias entrou, em que haveria
 Quinhentos sobre mil dos de Turquia.

LXIX.

Mostra o curto esquadrão quanto he possante,
 Co'o grão clamor a terra e o Ceo retomba,
 Ousado passa, e quanto acha diante
 Rompe, destrue, abate, assolla, e arromba;
 Faz tambem seu effeito n'hum instante
 A flammifera lança, a acesa bomba;
 Tudo recebe em si a chamma ardente
 Quanto a recebê-la he sufficiente.

LXX.

O Turco, que este mal não receava,
 A que o diurno peso trabalhoso
 E a frescura desta hora convidava
 A hum brando somno, doce e saboroso,
 Não sente hum mal que tanto o maltratava
 Senão depois que o braço valeroso
 Do esquadrão Lusitano ousado e forte
 Encheo tudo de fogo, sangue e morte.

LXXI.

Porque o Sousa, entendendo que na pressa
 Está seu bem, e o damno na tardança,
 Por cá, por lá, com furia se arremessa,
 Com tal pressa que o vento o não alcança;
 Hum momento o cruel ferro não cessa,
 Triste o que então da imiga espada ou lança
 O grão golpe sentio, pois não se farta
 Senão depois que o corpo da alma aparta.

LXXII.

Grã parte com a furia com que entrãrão
 Dos Turcos bastiões vão discorrendo,
 E com quanto impedir-lh'o trabalhãrão
 Os que a guarda nesta hora estão fazendo,
 A impedir-lh'o comtudo não bastãrão,
 Que o primeiro furor do ferro horrendo
 Lusitano desfez em breve espaço
 Com morte do que o pôz, este embaraço.

LXXIII.

Em quanto a valerosa companhia
 Do Sousa os Turcos trata deste geito,
 Aquell'outra a que agora competia
 Reconhecer a mina, faz o effeito;
 Ousada logo abaixo faz a via,
 Que isto tambem requer hum forte peito,
 Com attenção a mede, olha-a com tento,
 E logo se recolhe a salvamento.

LXXIV.

O Sousa ja nesta hora contemplando
 Quão bem lhe tinha o caso succedido,
 Porque afóra os que o sangue estão soltando
 Mais de sessenta o espirito tõe rendido,
 Logo os seus companheiros ajuntando,
 Dos quaes vio que nenhum tinha perdido,
 Com ordem se recolhe, e peito forte
 Sem deixar por fazer cousa que importe.

LXXV.

O Turco somnolento e descuidado
 Que o repentino mal e assalto sente,
 Tanto então do somno desacordado
 Quanto d'haver que he mais a Christã gente,
 As estancias deixou desatinado,
 E lá se retirou ligeiramente
 Onde vio outros muitos que acudirão
 D'outras partes lá grita que cá virão.

LXXVI.

Estes que dos mortaes sanguinolentos
 Golpes dos Lusitanos vão fugindo,
 Com apressados passos mais que lentos,
 Juntos aos que ao clamor vem acudindo,
 O numero de mil sobre quinhentos
 Em breve espaço alli forão cumprindo,
 Com que não temem ja, nem se retirão,
 Mas seguem os de quem antes fugirão.

LXXVII.

Feita n'hum esquadrão a copiosa
 Companhia infiel, que junta estava,
 Traz os Christãos se lança furiosa
 Que ja perto da boca vão da cava.
 Sousa, que nesta empresa tão honrosa
 Hum prospero fim ja vêr desejava,
 Fica detraz dos seus, e faz com que andem,
 Porque não haja alguns que se desmandem.

LXXVIII.

Porém vendo nesta hora que ficavão
 Dous ou tres dos que trouxe alli comsigo
 Em parte onde, se não se retiravão,
 Corrião de perder-se grão perigo,
 Mandando andar ávante os que alli estavão,
 Com quanto ja bem perto via o imigo,
 Só se torna ao logar onde apartados
 Vio os dous que lhe andavão desmandados.

LXXIX.

Está neste logar inda hũa antiga
 Porta, que o velho muro aberta tinha,
 O qual tamanho fez a gente imiga
 Que naquelle logar senecer vinha;
 Aqui o Sousa chegou, mas para a briga
 Menos provido ja do que convinha,
 Porque na mão só traz a nua espada
 Que a lança ja a deixára antes quebrada.

LXXX.

Chegado o Sousa á porta onde enxergára
 Os seus que arreceava vêr perdidos,
 Já alli os não achou como cuidára,
 Que erão por outra parte recolhidos;
 E querendo tornar aos que deixára,
 Os imigos crueis embravecidos,
 Que erão ja alli chegados, o rodeião,
 E co'o furor que pódem o salteião.

LXXXI.

Meneia a espada e lança, d'ira cheio
 Contra hum só imigo o imigo copioso,
 Sousa, que de temor foi sempre alheio,
 Nem a morte diante o fez medroso,
 Por não dar qualquer mostra d'arreceio
 Não quer dar pressa ao passo vagaroso,
 Antes quer arriscar agora a vida
 Que salvá-la com mostras de fugida.

LXXXII.

Volta ao imigo a espada e o forte peito
 Que agora para a morte o incita e exhorta,
 E sendo alli o logar assaz estreito
 Faz ao Turco sentir quanto ella corta;
 Trata os que acha diante de tal geito
 Que faz que outra vez entrem pola porta
 Que estar no muro velho disse agóra,
 Até que com elles sahe ao largo fóra.

LXXXIII.

Não quer da imiga tarba a má vontade
 Perder a occasião que tês presente,
 Mas logo o cêrca em tanta quantidade
 Quanta o logar e o imigo lhê consentê;
 Sousa, vendo-se em tal necessidade,
 Resiste mais que nunca duramente,
 Em mil partes a espada fura e fende
 O imigo, que de mil partes o offende.

LXXXIV.

Mas que presta hum só braço, hum peito ousado
 Se a fraca multidão o senboreia?
 Sousa, que em toda a parte está cercado
 De tanta imiga gente d'odio cheia,
 Render-se á multidão lhe foi forçado
 Que por lhe dar a morte a não receia,
 E com seu damno assaz lhe faz tal guerra
 Que decepado o faz cahir em terra.

LXXXV.

Cahe decepado em terra o Sousa forte,
 Mas não lhe cahe o espirito, antes lhe crece,
 Pois com quanto se vê visinho á morte
 Do seu usado esforço não se esquece;
 Mas em quanto a cruel imiga sorte
 Que hum apressado fim ja alli lhe tece
 Lhe dá forças e alento, ousado insiste,
 E quanto póde ao imigo inda resiste.

LXXXVII.

Porém pouco já valia resistência
 D'alento e forças já debilitadas,
 Contra os que o vão buscar a competência
 Com forças novas sempre, e revezadas;
 E assi de todo deu a obediencia
 Às imigas, crueis, duras espadas,
 Que lhe dêrão por mil partes sahida
 Não ao sangue sómente, mas á vida.

LXXXVIII.

Pallido em terra já morto se estende
 Este, de quem só a morte houve a victoria,
 Porém se a morte he certo que se rende
 Às obras immortaes, á immortal gloria,
 Heroico varão, claro se entende
 Do que de ti cantou a minha historia,
 Que se á morte o mortal corpo rendeste
 Co'os teus immortaes feitos a venceste.

LXXXVIII.

Este tão desestrado fim, tão duro,
 Deste a quem com a vida a honra crescia,
 Parte foi visto dos que estão no muro,
 Parte dos que alli trouxe em companhia;
 E inda que hũa e outra parte o mal futuro
 Antes de succeder já o conhecia,
 Ninguém lhe deu soccorro neste feito,
 Porque se o déra, fôra sem proveito.

LXXXIX.

Nem só no forte Sousa hoje se emprega
 Dos imigos crueis a furia brava,
 Outro á morte cruel tambem entrega
 Que quasi recolhido era na cava;
 Dos mais ha dous a quem o Ceo não nega
 A vida, que hoje aos outros todos dava,
 Mas dá-lh'a com tal custo, e de tal arte
 Que perdem do seu sangue hũa grãa parte.

xc.

O Turco, inda não farto nem contente
 Desta morte cruel do Sousa imigo,
 Em quanto, inda que morto, o tõe presente
 Esquecer-se não póde do odio antigo;
 A cabeça lhe córta cruelmente
 Inda quiçá temendo algum perigo,
 Corta-lhe os pés e as mãos, inda medroso
 Quiçá daquelle braço valeroso.

xci.

Toma a turba infiel delle a vingança
 Em tudo o com que foi delle offendida,
 Dá-lhe para isto esprito e confiança
 Vêr que não póde ja ser resistida;
 A cabeça lhe põe n'hũa alta lança
 E lá polas estancias foi trazida,
 Com que em trajos d'opprobrio lhe foi dado
 Hum triumpho assaz nobre, assaz honrado.

XCII.

Nem co' o disformê corpo a gente imiga
 Agora quiz usar mais piedade,
 Que inda esta cruel morte não mitiga
 Hum ponto a seu furor e má vontade;
 Lá na praia o lançou, para que siga
 A deshonra apoz tal disformidade,
 Porque tambem se vinguem com deshonra
 De quem com elles ganhou sempre tanta honra.

XCIII.

Achado foi depois, e conhecido
 Vendo-lhe hũa das pernas que o profano
 Chumbo, que da espingarda foi sahido,
 Lhe quebrou, lá no Estreito Gaditano;
 D'aqui á sepultura foi trazido
 Com lagrimas de todo o Lusitano
 Ou popular, ou nobre ajuntamento,
 Que em todos foi igual o sentimento.

XCIV.

Esta furia e braveza com que veio
 Os Turcos commetter o Sousa forte,
 Os pôz em grão temor, e em grão receio
 Que lhes viesse a ser imiga a sorte:
 Tambem disto o Christão não fica alheio
 Vendo que a larga guerra, e a cruel morte
 Lhe vão sempre os melhores consumindo
 Com que as forças lhe vão diminuindo.

XCVI.

Os que forão lá abaixo a saber certo
 O que se está da mina suscitando,
 Tornando acima, dizem, que mui perto
 De meio baluarte vai já entrando:
 Logo o nobre Silveira, em tudo esperto,
 O perigo desta obra contemplando,
 Lhe applicou o remedio que então sente
 Ao tempo e conjunção ser pertencente.

XCVI.

Manda que lá no mesmo baluarte
 Se faça hũa profunda contra-mina,
 Com tal pressa que o Turco infiel Marte
 Não possa effeiturar o que imagina:
 Mas nem por isso lá naquella parte
 D'onde arreceia ter qualquer ruina
 (Como atraz disse) a torre cessa agora,
 Antes cresce com mór pressa cada hora.

XCVII.

Esta capitania que vagára
 Polo defunto Sousa, que aqui digo,
 O Silveira a hum Proença encommendara
 Que antes de ter Proença tõe Rodrigo,
 Varão a quem o Céu junto dotára
 De espirito sem temor do mór perigo,
 E d'hũa corporal força e dureza
 Qua o mór trabalho soffre, antes despreza.

XCVIII.

Naquelle mesmo dia que apresenta
 No Ceo o seu espirito o Sousa ousado,
 Entre os Christãos hum novo ardil se inventa
 Quicá nunca antes visto, nem usado:
 Descubrir delle o author mil vezes tenta
 Meu canto, mas foi sempre em vão tentado,
 Pois nem a fama disse quem elle era,
 Que bem o soubera eu se ella o dissera.

XCIX.

Mas d'esconder-se o author pouco me curo
 Que encubri-lo eu por isso erro seria.
 N'hũa praça que lá no roto muro
 Fez a força da grossa artilharia,
 Lá d'onde o pertinaz inimigo duro
 Contra os do baluarte combatia,
 Fez ajuntar a gente Portugueza
 Grande cópia de lenha em fogo aceza.

c.

Nem de levar ao fogo lenha cessa
 Com esta que primeiro alli lhe leva,
 Antes mais lenha ajunta, e lhe arremessa,
 Com que cada vez mais e mais o ceva;
 E assi tanto cresceo, com grande pressa,
 O fogo, que ninguem ha que se atreva
 Não sómente de perto conversá-lo,
 Mas nem de muito longe iuda esperá-lo.

CI.

Contra esta grossa chamma penetrante
 Que tanto ao longe estende a furia ardente,
 O reparo que tõe posto diaute
 De tal sorte defende a Christãa gente,
 Que inda que não está muito distante
 A póde então soffrer mui levemente ;
 Levemente lhe faz tambem soffrella
 O proveito e descanso que tõe della.

CII.

Mas o Turco cruel, que só pertende
 A ruina do imigo Lusitano,
 Vendo hum tão novo ardil que lhe defende
 Poder-lhe então chegar, fazer-lhe dano,
 N'outro fogo maior o peito acende,
 Agora he mais que nunca irado, e insano,
 Tambem tenta remedio com que possa
 A força desfazer da chamma grossa.

CIII.

Sólta o canhão o ferro que tõe preso
 Que lá dentro no fogo entrar trabalha,
 Encontra o aceso ferro o lenho aceso,
 Agora o fogo ao fogo dá batalha ;
 Em tocando os tições o duro peso
 A viva chamma morre, e logo espalha
 As vivas brazas lá por toda a parte
 De que grãa cópia entrou no baluarte.

CIV.

Estas mór damno lá a alguns causarão
Do que causára o imigo ferro horrendo,
Pois a quantos diante de si acharão
Fazem ficar em vivo fogo ardendo ;
Porém com isto os sãos não desamparão
O fogo que os estava defendendo,
Porque se em poucos faz cruel effeito
A muitos dá descanso, e dá proveito.

CV.

Grande cópia o Christão de lenha ajunta
E d'acender o fogo outra vez trata,
Ja resuscita a chamma antes defunta
Porém logo o canhão a desbarata ;
Eis logo apparece outra lenha junta
Mas o canhão a encontra, e a chamma mata,
Prevalecer hum e outro então pertende,
Ou o que apaga o fogo, ou o que o acende.

CVI.

Porém a maior força prevalece,
Fica a que era menor della vencida,
O grão fogo á bombardá ja obedece,
Que esta de tudo he sempre obedecida.
Vendo o fogo apagado lhe parece
Ao Turco que tõe ja facil subida ;
Sobem com pressa ja muitos ao alto,
Preparados a hum bravo, horrendo assalto.

CVII.

A natural soberba a isto os anima
 Que esta sempre animou mais do que deve,
 Mas como inda lá estava tudo em cima
 Penetrado do fogo que alli esteve,
 Tanto a quentura lá todos lastima
 Que parar muito lá nenhum se atreve;
 Torna com passo atraz não vagaroso
 D'hũa tal defensão assaz queixoso.

CVIII.

Aquelles que nos braços sustentavão
 As panellas que dentro em si trazião
 O salitrado pó, e os que levavão
 Arteficios que em fogo se acendião,
 Subir lá muito acima não ousavão
 Vendo quanto perigo lá corrião,
 E em tornar-se não são os derradeiros,
 Mas tornão com mais pressa que os primeiros.

CIX.

Proença naquella hora contemplando
 Quanto aquelle remedio lhe aproveita,
 Nova lenha outra vez alli ajuntando
 Lá no mesmo logar acesa a deita,
 Com que a chamma feroz sempre cevando
 Faz com que logo ás nuvens vá direita,
 Applica-lhe o remedio o Turco logo
 Com que antes apagou ja o outro fogo.

CX.

E tanto desta vez insiste e dura
 Em desfazer aquella chamma esquiua,
 Que com quanto o Proença insta e procura
 Pola sustentar sempre acesa e viva,
 Não póde emfim tolher que aquella dura
 Força, que a força mór rende, e captiva,
 Não venha a effeituvar a sua empresa
 Extinguindo de todo a chamma acesa.

CXI.

Sendo já quasi então mortificada
 Co'o perenne furor da artilharia
 A espereza da chamma alevantada,
 E a do fogo que as pedras acendia,
 Commette lá outra vez de novo a entrada
 Hũa assaz numerosa companhia
 De soberbos imigos bem armados,
 De nova ira e furor estimulados.

CXII.

Lanção lá nos Christãos mil differentes
 Arteficios de fogo, com que espalhão
 Sulfureas e mortaes chammias ardentes
 Nos que naquella parte se agasalhão:
 Traz isto confiados e contentes
 Os imigos entrar dentro trabalhão,
 Havendo que a taes chammias, e ao seu bráço
 Durará a resistencia pouco espaço.

CXIII.

Porém não lhes responde agora a sorte
 Conforme á sua grande confiança,
 Porque achão braço lá muito mais forte
 Que o seu, que de vencer lhes dá esperança,
 E peitos sem temor da mesma morte
 Quanto mais do seu fogo, espada ou lança,
 Com que não são sómente resistidos
 Mas com seu grave damno inda vencidos.

CXIV.

Porque acudindo alli com grande instancia
 Qualquer dos Capitães, que encarregado
 Estava então de qualquer outra estancia,
 Como ja disse atraz que era ordenado,
 Dão no imigo infiel com tal constancia,
 Com impeto tão bravo e denodado,
 Que o constringem de todo a retirar-se
 Sem poder defender-se, ou reparar-se.

CXV.

Tão apressado então desce e medroso
 Quão soberbo e apressado antes subira,
 Mas sempre de vingança desejoso
 Cresce com isto mais em odio e em ira:
 A muitos o Christão victorioso
 Lá das veias, sómente o sangue tira,
 E quarenta a que o ferro melhor chega
 A furia do trifuace cão entrega.

CXVI.

Mas em salvo não sahe deste perigo,
 Porque a quatro hoje a morte senhoreia,
 E a cinco sobre vinte o ferro imigo
 Faz o sangue correr da Christãa veia:
 Entre estes vinte e cinco que aqui digo
 Hum se chama Francisco de Gouveia,
 Outro era o Manoel que he conhecido
 Por ter de Vasconcellos o apellido.

CXVII.

Outro he hum que por nome tõe Duarte
 E com Mendes d'alcunha se conhece,
 Que qualquer de Bellona e do seu Marte
 Co'o forte braço o nome honra e engrandece.
 Qualquer dos mais tambem que nesta parte
 Deixou ou sangue ou vida, bem merece
 Que se diga o seu nome, e esforço raro,
 Mas eu porque o não sei o não declaro.

CXVIII.

Estes, inda que assaz os apertassem
 As dôres que as feridas lhes fazião,
 E mais a descansar os obrigassem
 Que aos trabalhos que alli se offerecião,
 Fez-lhes a necessidade que engeitassem
 O descanso que assaz mister havião,
 E que como o mais são que alli se veja
 Entrem, ou no trabalho, ou na pelcja.

CXIX.

O Turco vendo então desfeito em vento
 O subterraneo ardil, com que imagina
 Dar a todo o Christão ajuntamento
 Ou grave damno, ou ultima ruina,
 Porque ja tinha hum claro sentimento
 De se fazer lá dentro a contra-mina,
 Manda que a mina cesse, porque via
 Que embalde então ja nella procedia.

CXX.

Mas com quanto da mina está ja fóra
 Por vêr que em vão ja nella trabalhava,
 A bombardã não quer que cesse hũ'hora
 Que o baluarte do mar batendo estava:
 O Sousa que tõe delle o mando agora,
 Co'a sua companhia que o ajudava,
 Tratão de reparar quanto he possivel
 O que arromba a cruel furia terrivel.

CXXI.

Neste tempo em que ja grãa falta sente
 De tudo o Portuguez quanto convipha
 Para se defender bastantemente
 D'hũa furia infiel que tõe visinha,
 E que a falta he maior da forte gente
 Que consumida a larga guerra tinha,
 Tal ajuda lhe vem de lá de Goa
 Que inda que he assaz pequena, he assaz boa.

CXXII.

Chegão quatro cátures que mandados
 Forão do Viso-Rei a dar-lhe ajuda,
 Quando ainda o planeta dos dourados
 Raios, do usado leito não se muda.
 Vem de fortes varões acompanhados,
 Dos quaes só cada hum deseja e estuda
 Ser dos perigos ja participante
 De que a fortaleza he bem abundante.

CXXIII.

Alguns nomearei dos que fizeram
 De Goa nos cátures o caminho:
 Hum Gonçalo, do qual alcunhas erão
 Primeiramente Vaz, logo Coutinho;
 Dous Pachecos, aos quaes os nomes derão
 Gabriel, hum Vaz, outro apoz Martinho;
 Dous Mendes Vasconcellos alli estavam
 Que hũ Francisco, outro Antonio se chamavão.

CXXIV.

Junto com estes cinco que aqui digo
 Outros vinte e oito vem em companhia,
 Desejosos tambem do grão perigo,
 Cheios tambem d'esfôrço e d'ousadia:
 E inda que nada então trazem consigo
 De quanto á defensão lhes pertencia,
 Grão gosto a sua vinda a todos dava
 Que a melhor defensão nelles estava.

CXXV.

Achão estes que lá na fortaleza
 Têe quarenta os espiritos ja rendidos
 Em mãos da pertinaz Turca braveza,
 E mais de sessenta achão mal feridos;
 Achão também nos são ja grã fraqueza,
 Que cansados os têe e enfraquecidos
 O contínuo trabalho intoleravel,
 Mas o espirito assaz forte inda, e incansavel.

CXXVI.

E como estes que agora aqui chegarão
 Viessem descansados, e ociosos,
 E os seus animos sempre desejárão
 Empregar-se nos feitos duvidosos,
 Logo hũa grande parte em si tomárão
 Daquelles graves pesos trabalhosos,
 Com que os enfraquecidos e cansados
 Ficárão grandemente alliviados.

CXXVII.

Mas o Silveira esperto assaz deseja
 Que o cauto e perspicaz imigo, quanto
 Foi pequeno o soccorro, então não veja,
 E o como isto ordenou lá ávante o canto.
 Agora porque temo que vos seja
 Ja de largo pesado este meu Canto,
 Lá ness'outro ouvireis, dando audiencia,
 Do nobre Capitão a grã prudencia.

O PRIMEIRO
CERCO DE DIU.

CANTO XVIII.

O Capitão Antonio da Silveira manda que os cátures que vierão de Goa se tornem a partir antes que seja manhã. Os Turcos commettem tres vezes o baluarte do mar, e tornão desbaratados com morte do seu Capitão. Tomão-se dous Turcos vivos, e o que se fez delles. Os inimigos dão hum cruel assalto ao baluarte dos combates, e o successo delle. Conta-se hum feito notavel que aqui fez hum Soldado particular. Contão-se tambem algumas cousas notaveis que neste tempo acontecerão na fortaleza.

I.

Mostrado tõe o tempo claramente,
E com exemplos bem verificado,
Que inda que ao Capitão, conveniente
Seja ter braço forte, e peito ousado,
Comtudo se não he sabio e prudente
Está sempre á ruina aventurado,
E tanto vem a ser mais perigoso
Quanto mais sem prudencia he animoso.

O PRIMEIRO

II.

O que tõe de prudencia cheio o peito
 Seguro em tudo está, nada receia,
 Porque o mais impossivel, duro feito
 Elle só co'a prudencia o remedeia;
 D'onde se diz, que o fado lhe he sujeito,
 E que elle cá na terra senhoreia
 Os celestes influxos, soberanos,
 A que o Ceo fez sujeitos os humanos.

III.

Por onde inda que a douta antiguidade
 No Capitão perfeito demandava
 Ousadia, saber, felicidade,
 Comtudo a experiencia lhe mostrava
 Que do saber tõe mais necessidade,
 Pois a falta este só remediava
 Da fortuna e do esforço, e a falta deste
 Faz que o esforço e a fortuna pouco preste.

IV.

Entendendo o sagaz Silveira esperto
 Quão necessario então, e importante era
 Ser aos cantos inimigos encuberto
 Quão pequeno soccorro lhe viera,
 Antes lhe cumpre ter elles por certo
 Que foi soccorro tal, qual elle o espera,
 Usa d'hum novo ardil, que foi effeito
 D'hum prudente, advertido, e não do peito.

V.

Já tinha bem sabido que a profana
 Gente, que tõe na armada seu assento,
 Víra a pequena frota Lusitana,
 E tõe de ser Christãa conhecimento,
 Porque a luz da nocturna alma Diana,
 Que então já hia em grande crescimento,
 Não sómente os cátures lhe mostrara,
 Mas serem Portuguezes lhe declara.

VI.

Manda logo o Silveira que os navios
 Que de lá de Goa então alli vierão,
 Pois estavam de todo já vazios
 Dos famosos varões que alli trouxerão,
 Antes que a Aurora espalhe os raios frios
 E descubra os segredos que esconderão
 As sombras que a nocturna Phebe sólta,
 Fação sem mais detença a Goa a volta.

VII.

Apoz isto mandou com desusada
 Festa, maior quicã do que convinha,
 Celebrar-se lá dentro aquella entrada
 Do pequeno soccorro que então tinha.
 Sólta a vella com pressa a breve armada
 E tão ligeira corta a onda marinha,
 Que quando a Aurora os frios raios lança
 Já nem a mais aguda vista a alcança.

VIII.

O Turco, que esperando está aquella hora
 Para que melhor veja o que antes vira,
 Como a frota Christãa não vio agora
 Lá por todo o Horizonte os olhos vira:
 Confuso assaz, e quasi de si fóra
 Torna a cuidar se foi quiçá mentira,
 Ou representação da fantasia
 Que o faz imaginar o que não via.

IX.

Olhão huns para os outros, perguntando
 Cada hum, ao que vê, disto a verdade,
 Mas juntamente todos affirmando
 Que verdade isto foi, não vaidade:
 Ficárão entre si todos julgando
 Que era de mór substancia e quantidade
 O soccorro que veio á Christãa gente,
 Crendo que a conjectura aqui não mente.

X.

Mas agora me cumpre ir a outra parte
 Que memoria e louvor assaz merece,
 Porque me ouço chamar do baluarte
 Do mar, que ao Sousa atraz dito obedece;
 Obras aqui tambem do horrendo Marte
 A descobrir meu canto se offerece,
 Que quiçá não darão menos espanto
 Que as que ja descubrio atraz meu canto.

XI.

Vendo ja neste tempo o mal soffrido
Imigo pertinaz, que de tal geito
Do mar o baluarte he ja batido
Que hum caminho assaz largo he nelle feito
Por onde póde ja ser commettido,
De novo se lhe acende o aceso peito,
Toma novo furor e confiança
De tomar neste do outro grãa vingança.

XII.

E porque a dilacão lhe descontenta
Deste furor que o tanto estimulava,
Sem detença o combate logo intenta
Que ja para o outro dia preparava:
Logo faz ajuntar bem cincoenta
Barcas, da grossa armada que alli estava,
Qual deita o galeão, qual tambem deita
A galé, e d'hũa e d'outra se aproveita.

XIII.

Faz nellas embarcar grãa companhia
De gente bem armada, e bem lustrosa,
Em que bem setecentos haveria
Bastantes a qualquer empresa honrosa.
Este grosso esquadrão obedecia
A Mahamud, que a grande e perigosa
Empresa, tambem fólga ter diante,
Tamanho he seu valor, alto e constante.

XIV.

E tanto que o pastor almo e luzente
 Que lá ao longo do Aufriso trouxe o gado
 Mostrou a nova luz lá no Oriente
 Comegando o seu curso costumado,
 Entra nas barcas logo a infiel gente
 Que tudo então já tõe bem preparado
 Quanto para o combate lhe convinha,
 E coméga a cortar a onda marinha.

XV.

Soa alli do atambor o estrondo horrendo
 Com mal composto som, mas bellicoso,
 A grita as altas nuvens vai rompendo
 Do Soldado, iuda então forte e orgulhoso;
 O remo as mansas ondas revolvendo
 Com curso mais veloz que vagaroso,
 Em breve espaço a barca põe na parte
 D'onde se ha de assaltar o baluarte.

XVI.

Mas a gente que está na fortaleza
 Vendo as barcas tão perto vir ja agora,
 Chega o aceso murrão com grãa presteza
 Á bombardas cruel, ruïnadora;
 Sahe com a sua usada alta braveza
 O pelouro mortal da prisão fóra,
 Contra as imigas barcas vai direito
 E faz o seu cruel usado effeito.

XVII.

Inda ellas juntamente vem cortando
Mas perto ja da terra, a onda salgada,
Quando o pelouro ardente fulminando
Em meio dellas todas faz a entrada;
E inda que a todas vai amedrontando,
Em duas sós deixou effeituada
A sua impetuosa furia imiga,
Que em pedaços ao fundo ir as obriga,

XVIII.

Mas nem por isso as outras detiverão
O curso, ou perde a gente a confiança,
Antes á praia todos se vierão
Com mór pressa, e desejo de vingança;
Saltando logo em terra os que couberão
No desembarcadouro, sem tardança,
Nenhum subir acima então duvida,
Que em toda a parte vê facil subida.

XIX.

Os mais que lá nas barcas se agasalhão
A que a praia não deu recolhimento,
Não estão ociosos, mas trabalhão
Por ajudar dos seus o duro intento;
Huns frechas, outros chumbos no ar espalhão
Com que dão aos Christãos impedimento
Para que nos reparos appareção,
Mandando os tiros lá a que obedeção.

XX.

Sóbe com tal favor o Turco, cheio
 De confiança, esforço, e d'ufania,
 Mas logo a recebê-lo o Sousa veio
 Co'a sua valerosa companhia;
 Artefícios de fogo assaz, no meio
 Delles lança, e com tal furia e ousadia
 Os encontra apoz isto a lança tesa
 Que os faz ja duvidar daquella empresa.

XXI.

Inda comtudo mostram peito forte,
 Mas pouco lhes durou tal presuppuesto,
 Porque os Christãos os tratão de tal sorte
 Que ja não ousão ter direito o rosto.
 Com damno seu assaz, com sangue e morte
 Tornão lá para o mar mudar o posto,
 Dos vencedores braços coustrangidos,
 Que pouco antes havia por vencidos.

XXII.

Os das barcas, que tambem de lá despedem
 Qual a frecha subtil, qual chumbo ardente,
 De todo os tiros mal não lhe succedem
 Que alguns ferem então da Christãa gente;
 Isto aos outros obriga que se arredem
 Lá de traz do reparo, onde o presente
 Mal, se póde evitar, que causa o Mouro
 Ou co'a frecha subtil, ou co'o pelouro.

XXIII.

Eis aquelles que ja não se atrevêrão
Ter contra o inimigo são, rosto direito,
Vendo o porque os Christãos se recolhêrão,
Tendo por grave o damno que lhes he feito,
O temor que então tõe logo perdêrão,
Enchem logo de novo ardor o peito,
Ousado cada hum torna ligeiro
A tentar o que em vão tentou primeiro.

XXIV.

Torna a subir de novo alvorogado
È em entrar, com grãa força dura e insiste,
Porém acha diante o Sousa ousado
Que agora como sempre lhe resiste,
Do qual enfim se vê tão maltratado
Que outra vez desta empresa ja desiste,
Outra vez desce abaixo com grãa pressa
E dentro lá nas barcas se arremessa.

XXV.

Com mór pressa nas barcas vão entrando
Da com que ao baluarte antes subirão,
E ja as ondas começam de ir cortando
Para tornar-se lá d'onde partirão;
Mas como entre si vão arrezando
De quão pouca gente era a quem fugirão,
Em todos tal vergonha sobreveio
Que póde então mais nelles que o receio.

XXVI.

Tanto os lastima então, tanto os magoa
 Esta vergonha, e tanto os move e acende
 Que fazem outra vez voltar a proa,
 E morrer ou vencer qualquer pertende ;
 Outra vez o tambor guerreiro soa,
 Outra vez a alta grita as nuvens fende,
 Já põe a proa em terra a leve barca,
 Com grãa pressa o Soldado desembarca.

XXVII.

Não se descuida então, nem he ocioso
 O que na fortaleza se agasalha,
 Mas o imigo outra vez vendo, animoso
 Em seu damno outra vez insta e trabalha :
 Outra vez o mortal e furioso
 Pelouro manda lá, que no ar espalha
 Assi a grossa e horrisona bombarda
 Como a leve, subtil, longa espingarda.

XXVIII.

Mas aquelles a quem encarregada
 Estava a defensão do baluarte,
 Cuidão, vendo dos Turcos a tornada,
 Que a salvá-los não basta ou força ou arte :
 Determinão com hũa morte honrada
 Eternisar seu nome em toda a parte,
 E venderem tão cara esta victoria
 Que fique ao vencedor mais dôr que gloria.

XXIX.

Dá-lhes isto tal fervor e atrevimento
 Que não pódem lá estar dentro encerrados,
 Correm todos ás barcas, n'hum momento,
 E inda os Turcos não são desembarcados
 Quando lhes fazem tal recebimento
 Com golpes tão mortaes, tão apressados,
 Que poucos vir a terra então puderão,
 Estes d'estarem lá se arrependerão.

XXX.

E tanta foi a força, tanta a pressa
 Com que o bom Sousa e os seus os accommettem,
 E o damno dos pelouros, que arremessa
 O canhão, que dão mortes e as promettem,
 Que o segundo furor no Turco cessa,
 Renova-se o temor, e lá se mettem
 Nas barcas outra vez, que o mal presente
 Fez a vergonha ao medo obediente.

XXXI.

Pouco ja da vergonha então curarão
 Quando a morte diante os faz medrosos,
 E de tornarem vivos mais tratarão
 Que de poder tornar victoriosos :
 Os que das barcas mais perto se acharão
 Estes então se tõe por mais ditosos,
 Que estes hão que tõe mais segura a vida
 Mais longe do Christão ferro homecida.

XXXII.

Tanto que são nas barcas recolhidos
 Logo as ondas começam d'ir ferindo,
 E ainda que a hum grave medo vão rendidos
 Também os vai vergonha perseguindo.
 Eis lá da fortaleza os alaridos,
 Os apupos e as gritas, que seguindo
 Os vão, em quanto pôdem, lh'accrescentão
 A vergonha e temor que os atormentão.

XXXIII.

Não deixarão porém de recolher-se
 Até que a hum caes chegarão da Cidade,
 Onde de novo tornão a acender-se
 Ausentes da Christãa ferocidade:
 Tratão de quanto devem de correr-se
 De vêr que tão pequena quantidade
 De gente, hũa e outra vez os desbarata,
 E tanto a salvo seu tão mal os trata.

XXXIV.

O forte Mahamud, de que ja conta
 A minha historia atraz, que os governava,
 A quem aquella vergonha, aquella affronta
 Lá dentro ao centro d'alma então chegava,
 Vendo que elles de novo mostrão pronta
 Vontade, para o que elle desejava,
 Porque de todo os mova a darem vólta
 Em taes palayras logo a lingua sólta;

XXXV.

He possível, ó fortes, bons soldados,
Que tão poucos, e fracos defensores
Contra tantos de nós, tão esforçados
São hoje duas vezes vencedores?
Eu creio que a Fortuna e os duros Fados,
E outros deoses alguns, se os ha maiores,
Lhes quizerão dar hoje esta victoria
Com tanta affronta nossa, e sua gloria.

XXXVI.

Que possível não fôra, d'outra sorte,
Que pudéra ficar victorioso
O que menos forte he do que he mais forte,
E o que he menos do que he mais copioso;
Por onde se em nós houve affronta e morte,
E nelles fim sem damno, e glorioso,
Nem cá affronta, nem lá honra se deve,
Pois toda a parte nisto o Fado teve.

XXXVII.

Mas com quanto nos dá disto a certeza
De não termos affronta, e segurança,
Bem se póde porém ter por fraqueza
Deixarmos hoje os mortos sem vingança;
E pois propriedade e natureza
Da Fortuna, he fazer logo mudança,
Creio que já terá virada a roda
E a terra em favor nosso posta toda.

XXXVIII.

Eia sus, outra vez a elles tornemos,
 Agora que a Fortuna os desampara,
 Com quanto ja em vencer pouco faremos
 Sendo nós tanta cópia, elles tão rara;
 Mas vençamos porém, porque vingemos
 Os que deixárão lá a vida chara,
 E elles vejão que ess'outro foi effeito
 Do divino favor, não do seu peito.

XXXIX.

Agora que a victoria está no braço
 Mostrai-lhe vós qual he forte e constante,
 Rompa sem piedade hoje o vosso aço
 Polo inimigo Christão, hoje arrogante:
 Nisto não podeis ja ter embaraço
 Pois a Fortuna e a mi levas diante,
 Segui-nos, que com ella, e mais comigo
 Não podeis ja temer nenhum perigo.

XL.

Apoz estas palavras, logo estuda
 De dar execução ao que pertende,
 Toda a gente tambem para isto o ajuda
 Que co'o que tõe ouvido mais se acende:
 Ja a barca outra vez vólta a proa aguda
 E contra o baluarte as ondas fende,
 Agora que o furor mais os incita
 O alvoroço he maior, mais alta a grita.

XLI.

Posto diante vai este esforçado
 Capitão Mahamud, d'armas luzente,
 De soberba inda mais que d'ago armado,
 Das victorias Christãas impaciente;
 Em seu braço e valor tão confiado
 Que por vingado se ha da imiga gente,
 E assi qualquer detença mal o trata
 Que então esta vingança lhe dilata.

XLII.

Mas não lhe tardou muito o desengano
 Com que a soberba o justo Ceo castiga;
 Chegando ao baluarte Lusitano
 Eis de lá sólta hum berço a furia imiga,
 A Mahamud encontra, e com grão dano
 Lhe abate a natural soberba antiga,
 E faz que alli vencido apparecesse
 Onde cuidou que tudo elle vencesse.

XLIII.

Pallido agora cahe, este que agora
 Fazer cahir mil pallidos cuidava,
 E inda que não vio logo a ultima hora
 Comtudo ja mui perto della estava,
 Porque quando de novo a nova Aurora
 As estradas ao Sol apparelhava,
 A sua alma infiel com grão tormento
 Foi a beber o eterno esquecimento.

XLIV.

Quando a gente infiel (mais confiada
 Quiçá no Capitão que n'outra cousa)
 Se vio d'hum tal favor desamparada
 Com que o imigo esta vez commetter ousa,
 De novó a hum grão receio deu entrada
 Vendo outra vez diante posto o Sousa,
 E as espadas crueis diante postas
 A que ja duas vezes deu as costas.

XLV.

Cresce este seu temor co'o peso horrendo
 Que a bombardas Christãa contra elles sólta,
 Porque este lá nas barcaas vai mettendo
 Grãa confusão, grão medo, grãa revólta:
 Fez-lhes isto, e o Capitão, que estavam vendo
 Mal ferido, com pressa dar a vólta,
 Com dobrada vergonha, e sem lembrança
 De tentar outra vez esta vingança.

XLVI.

Nestes combates todos atraz ditos,
 Que os Turcos, por seu mal, sempre intentarão,
 Quarenta dos infieis, impios espiritos
 Às sombras de Plutão hoje mandarão,
 E o seu sangue tambem quasi infinitos
 Dos que ficarão vivos, derramarão.
 Dos Christãos sóbem dous ao Reino Santo,
 Cinco feridos sós acha o meu canto.

XLVII.

Das barcas que arrombou a artilharia
 Alguns a salgada onda agora molha,
 Que como então o mar ao mar corria
 Faz com que a barca sãa os não recolha.
 Manda logo o Silveira hũa almadia,
 Pois que não ha ninguem ja que lh'o tolha,
 E nella dous que dentro os recolhessem
 Para que vivos todos lh'os trouxessem.

XLVIII.

Vai-se logo o subtil, leve nãvio
 Lá contra aquelles tristes caminhando
 Que co'as mãos e co'os pés o senhorio
 Andão do Rei marinho inda apartando,
 Por fugirem da Parca que ja o fio
 Subtil, para o cortar, lh'anda buscando.
 Mas, tristes, que fugis? que a Parca fera
 N'outro maior perigo vos espera.

XLIX.

Porque qualquer dos dous que então se embarca
 No navio subtil, leva consigo
 Hum odio tão mortal, de tanta marca
 Contra hum tão triste e tão rendido imigo,
 Que quiz tomar o officio á cruel Parca
 Por satisfazer parte do odio antigo,
 E contra o que o Silveira lhes permite
 Manda quantos encontra ao escuro Dite.

L.

Porém tanto os que estavam lá na estancia
 Do baluarte da barra, então fizeram,
 Bradando hũa e outra vez com grande instancia
 Aos dous, que o cruel ferro detiverão,
 E com grão pesar seu, grãa repugnancia
 De seu feroz espirito, dous trouxerão
 Vivos á fortaleza, e lá diante
 Espero que meu verso delles cante.

LI.

Sousa, vendo ja ida a imiga gente
 E os combates de todo ja acabados,
 Á fortaleza manda os que então sente
 Da cirurgia estar necessitados;
 Manda hum Fernando entre estes juntamente
 Que o sobrenome tõe dos Penteados,
 Mancebo de valor, e esforço raro,
 Logo disto vereis exemplo claro.

LII.

Agora me quero ir vêr a profana
 Gente, que de temor e espanto cheia,
 Por fugir á grãa furia Lusitana
 Pouco ja da vergonha se arreceia.
 Esta vendo-se em salvo, ja a engana
 A soberba outra vez, e a senhorcia,
 Determina vingar-se, mas não ousa
 Tentar o baluarte ja do Sousa.

LIII.

Toda a ira e desejo de vingança
Sólta lá contra aquelle baluarte
Do qual tões tu, Proença, a governança,
Porém tu saberás tambem guardarte.
De se vingar aqui tõe confiança
Do mal que recebêra n'outra parte,
Dá-lhe isto tal fervor, tamanho alento
Que não se quiz deter mais hum momento.

LIV.

Logo com altas gritas e clamores
Dão começo á cruel, dura batalha,
Entrão lá contra os duros defensores
Quantos Turcos a entrada em si agasalha :
Ja reluzem os aços cortadores,
E penetrar então qualquer trabalha
O imigo que diante se apresenta,
E quanto o damno he mór, mais se contenta.

LV.

O vingativo Turco desejando
De não fazer alli longa detença,
Cada momento os seus vai refrescando
Porque assi com mór pressa e damno vença ;
E de tal sorte assi vai apertando
Os que a bandeira seguem do Proença,
Que mostra este furor embravecido
Querer cobrar o que antes tõe perdido.

LVI.

Mas o forte Proença acostumado
 A mil encontros a este semelhantes,
 Do seu forte esquadrão acompanhado
 Que em mil affrontas ja o seguira antes,
 E vendo-se tambem aqui ajudado
 Dos que de Goa, a ser participantes
 Nestas cousas, vierão novamente,
 Pouco teme o furor do imigo ardente.

LVII.

Recebe com mór furia, a furia imiga,
 E com aço mais duro, o seu duro aço,
 Acende o odio o furor, e faz que siga
 Traz o peito feroz hum e outro braço:
 Cresce com isto tanto a cruel briga
 Que d'hũa e d'outra parte em breve espaço
 Co'os espiritos, alguns cahem rendidos,
 Afóra hũa grãa cópia de feridos.

LVIII.

Durando esta revolta horrenda e fera
 Que tantos para a morte hoje encaminha,
 Aquelle Penteado que viera
 Buscar a cura alli que lhe convinha,
 Chega onde o Cirurgião, cujo nome era
 Mestre João, diante de si tinha
 Hum a quem dava a cura a isto ordinaria,
 E muitos a que ella era necessaria.

LIX.

Mas como o grande estrondo, a grande grita
Do combate nesta hora não cessava,
Tanto isto o Penteado acende e incita
Que, esquecendo-se ja do que esperava,
Não lhe soffre o valor que nelle habita,
Que inda mais que a ferida o estimulava,
Que não se ache tambem no baluarte
E do que passa nelle tenha parte.

LX.

E assi não esperando que lhe seja
Applicado o remedio á grãa ferida,
Diz para o Cirurgião que outro proveja
Que elle vai arriscar de novo a vida.
E correndo entrou lá onde a peleja
Se mostra mais feroz, e embravecida ;
Porém lá muito nella não atura
Que com dobrada causa torna á cura.

LXI.

Porque como lá então hũa e outra espada
Não esteja hum momento só ociosa,
E elle quiz, em fazendo lá a entrada
Que a sua aos infieis fosse damnosa,
A primeira ferida acompanhada
Foi logo d'outra, grande e perigosa,
Que na cabeça fez seu duro effeito,
Lá onde a outra tambem o tiuha feito.

LXII.

Dobrada occasião o fôrça agora
 A se tornar de novo á cirurgia,
 E como o Cirurgiãõ tõe naquella hora
 Dobrada occupação da que sobia,
 Forçado lhe he fazer qualquer demora
 Em quanto os de mais perto elle provia
 Da cura, de que estão necessitados,
 Que tambem são do imigo maltratados.

LXIII.

Cresce entretanto o estrondo temeroso
 E as nuvens outra vez penetra e fende,
 Que o Turco de vingança desejoso
 Com revezada fôrça o imigo offende,
 Mas o imigo tambem forte e animoso
 Com dobrado furor se lhe defende ;
 Causa isto grãa revolta em toda a estancia,
 E hũa medonha e triste dissonancia.

LXIV.

Ouvindo o Penteado esta revólta
 De novo se alvoroga, e dentro serve,
 Nem podendo ja ter-se, a cura sólta
 Que buscou porque a vida lhe conserve :
 De novo ao baluarte faz a vólta,
 Que então á honra mais que á vida serve,
 E inda que o logar he cheio de morte
 Alli só tõe quieto o espirito forte.

LXV.

Revolve o duro ferro, e com mais dura
Força commette o imigo revezado
Do que podia haver em quem a cura
Duas vezes ja tinha antes buscado.
Porém nem desta vez muito aqui dura,
Porque o direito braço trespassado
Em breve espaço vio d'hum largo pique
Que o faz que muito tempo aqui não fique.

LXVI.

Este terceiro encontro ja lhe impede
De todo o que tres vezes intentára,
E forçado o que o espirito então lhe pede
Se torna ao Cirurgião que antes deixára.
Desusado valor, que bem excede
O mais raro valor, força mais rara,
Os mais invictos peitos, soberanos
Que o tempo tõe mostrado em largos anos!

LXVII.

Recebe agora a cura juntamente
A tres mortaes encontros bem devida,
E della, co'o favor Omnipotente
Recebe desta vez saude e vida.
Este que d'entre o imigo fogo ardente,
D'entre o ferro infiel, duro, homecida,
Mil vezes escapou, depois o vento
E o mar, o consumirão n'hum momento.

LXVIII.

Dura inda este combate hum grande espaço
 Com damno do fiel, e do profano,
 Porém sentindo o Turco que o seu aço
 Com furor revezado, sempre insano,
 Já contra o Portuguez vencedor braço
 Quanto tõe mór constancia he mór seu dano,
 Se torna agora atraz, e se retira
 Para o mesmo lugar d'onde sahira.

LXIX.

Deixão nova ousadia lá no imigo,
 Grande gloria e prazer na fortaleza;
 Novo damno e temor levão comsigo,
 Aflronta para os seus, e grãa tristeza;
 Cento feridos vão, vinte o castigo
 Vão receber á eterna profundeza;
 Dos Christãos sóbem tres á Eternidade,
 Dos feridos he grande a quantidade.

LXX.

Já nesta conjunção a Portugueza
 Gente, grãa falta assaz de tudo tiuha
 Quanto para poder pôr-se em defeza
 Contra hum tão duro imigo lhe convinha;
 Nem com vontade assi menos aceza
 Se vem á defensão do que antes vinha,
 Que em todos hum constante animo forte
 Mais desprezo que medo põe da morte.

LXXI.

A continuacão da longa guerra,
 E dos bravos assaltos a frequencia,
 Cubrirão cincoenta ja de terra
 Dos que fizerão ja mais resistencia:
 Dos mais que a fortaleza em si encerra
 Quasi todos sentirão a violencia
 Do imigo aço, de que huns ja sãos estavam,
 Outros, inda que enfermos, ajudavão.

LXXII.

Afóra estes que a morte tõe levados
 Tambem outros setenta aqui se vião
 A que esta guerra tõe tão maltratados
 Que sustentar as armas não podião:
 Assi que os que alli pódem vir armados
 Duzentos e setenta mal serião,
 Contando os que de Goa alli vierão,
 De que huns mortos, feridos outros erão.

LXXIII.

As munições tambem vão fenecendo,
 E o pó com que a bombardas faz o effeito
 (Porque então nos canhões se estava vendo
 No usado fulminar hum grão defeito)
 O vão, com quanto he pouco, convertendo
 N'outras cousas então de mais proveito,
 Qual delle as bombas faz, qual as pancellas,
 Porque depois o fogo acenda nellas.

LXXIV.

Tambem aquelle pó he ja bem raro
 Com que a espingarda o chumbo o fogo acende,
 E he d'elle o espingardeiro tão avaro
 Que nenhum tiro ja em vão dispende,
 Mas só o dispende então quando lhe he claro
 Que o Turco alli com elle o espirito rende,
 E não qualquer, senão o que parece
 Que aquelle tiro em tal tempo merece.

LXXV.

Bem cuido eu que estão muitos desejando
 Vêr meu verso aos dous Turcos convertido
 Que lá no baluarte do mar, quando
 De Mahamud em vão foi commettido,
 Tomados lá no mar forão nadando;
 E eu me lembro que tenho promettido
 Tratar delles cá ávante, e bem depressa
 Espero de cumprir minha promessa.

LXXVI.

Com força de crueis, duros tormentos
 Forçados estes dous então publicação
 Dos seus os mais intrinsecos intentos,
 Tambem o estado delles certificação:
 Dizem que então ávante de seiscentos
 Homens, lá no arraial mortos ja ficão,
 E os que vivos o sangue derramarão
 O numero de mil sobrepujarão.

LXXVII.

Dizem que do Baxá se colligia,
 Não que affirmá-lo possão com certeza,
 Que com todo o poder trabalharia
 Por conquistar aquella fortaleza;
 E os Capitães da sua companhia
 Tambem nisto mostravão ter firmeza,
 Inda que o resto a risco ja se ponha,
 Porque o contrario tõe por grãa vergonha.

LXXVIII.

Nenhum delles diz mais, mas proveitoso
 Lhe fôra a cada hum se mais fallára,
 E quanto o fallar a outro he damnoso
 Tanto agora a estes dous aproveitára,
 Porque logo o Silveira rigoroso
 Que aos dous para isto a morte dilatára,
 Manda (e logo se faz) que a salgada onda
 Com pesos ao pescoço ambos esconda.

LXXIX.

A vinda destes dous Turcos que agora
 Os segredos dos seus manifestavão,
 As mulheres chegou, que naquella hora
 Tambem do trabalhar participavão;
 E vendo a hum homem vir da casa fôra
 Onde ouvião dizer que elles estavão,
 Hũa que era casada, a elle se ajunta
 E se estavão lá dentro lhe pergunta,

LXXX.

Pergunta-lhe tambem se se alcançava
 O que delles está determinado.
 Responde-lhe elle, que lá dentro os deixava,
 Mas que o Silveira tinha então mandado
 Hũa cousa, que a quem bem a attentava
 O julga a elle por não bem attentado,
 Pois não sómente a morte lhes impede
 Mas inda a liberdade lhes concede.

LXXXI.

Ella, sem mais cuidar se era mentira,
 Ou se era por ventura isto verdade,
 Inflammada de todo em furia e em ira,
 Esquecida de toda a piedade,
 Entra na casa lá d'onde sahira
 O que lhe isto dissera, com vontade
 Ja tão prompta a hũa estranha alta crueza
 Como se lhe ella fôra natureza.

LXXXII.

Acha em entrando lá diante posto
 Francisco de Gouveia, a quem o ardente
 Fogo, abrazando os pés, as mãos e o rosto,
 Tão disforme fizera e differente
 Que hũa magoa assaz grande, hum grão desgosto
 Quem o ja vio, em vê-lo agora sente.
 Ella, a quem a ira então, e o furor cega,
 Tendo-o por hum dos Turcos, a elle chega.

LXXXIII.

E com semblante inda irado, aceso, e esquivo,
 Mas cheio inda de graça e de brandura,
 Do qual por dita houvera ser captivo
 O peito mais isento, a alma mais dura,
 Lhe diz: Ó perro, imigo, e outra vez vivo
 Te levará d'aqui tua ventura?
 Traz isto no ar levanta hũa gamella
 E fender-lhe a cabeça hia com ella.

LXXXIV.

Elle, a quem o seu damno tão mal trata
 Que lhe não deixa vêr quanta dita era
 Morrer em mãos de quem cò'os olhos mata,
 Se guardou della então, como pudera.
 Ella, que em nova furia se arrebatada,
 Corre por lhe chegar, mais que antes fera.
 Brada elle então, e diz que o não persiga,
 Que na outra casa tõe a cópia imiga.

LXXXV.

Ella, que estas palavras bem entende,
 Cuidando que era ardil, prosegue a empreza;
 Com isto em maior furia então se acende,
 E inda mais desta vez que antes aceza,
 Diz: Olhai que enganar-me o cão pertende!
 Como espivita a falla Portugueza!
 Pois nem o que cuidaes ha de valer-vos,
 Que esta nessa cabeça hei de fender-vos.

LXXXVI.

Alguns que nesta casa então se acháram, nos
 Vendo-a de tal furor, tal ira cheia,
 Mettendo-se no meio lhe affirmarão
 Que aquelle era Francisco de Gouveia;
 E o melhor que pudéram lhe applicarão
 O furor, para que ella o veja, e o creia.
 Com isto ella da furia hum pouco dece,
 E pondo nelle os olhos o conhece.

LXXXVII.

Logo para outra parte volta o peito
 Sem mais se desculpar do que passava,
 Mas ainda com altivo e grave aspecto
 Onde está o Capitão lhes perguntava.
 E sabido onde está, lá faz direito
 O caminho onde dizem que elle estava,
 E chegando diante do Silveira
 Lhe começa a fallar desta maneira:

LXXXVIII.

Dizem, Senhor, que tendes ja mandado
 (Mas eu não posso cré-lo por verdade)
 Que seja aos dous imigos outorgado
 Poderem-se ir com vida e liberdade;
 Porém se isto assi está determinado,
 Que ás vezes a razão segue a vontade,
 Nós, nisso que fazeis, não consentimos,
 Mas o contrario disso vos pedimos.

LXXXIX.

Eu, e as outras mulheres, que aqui temos
 Nesta guerra tambem algũa parte,
 Que mandeis dar a morte a ambos queremos;
 Mas se quereis que seja inda d'outra arte
 Por nenhum caso o nós consentiremos,
 Nem ha cousa que disto nos aparte;
 E eu, que sou entre todas menos forte,
 Se vós m'os entregaes, lhes darei morte.

XC.

Vendo o Silveira o grão fervor que havia
 Em quem he natural medo e fraqueza,
 Espantado, mas ledo, porque via
 Mudada em seu favor a natureza,
 Lhe disse, que pois ella assi o queria
 Que elle os não soltará, tenha certeza.
 Contente ella com tal resposta fica
 E de todo se applaca e pacifica.

XCI.

Tão arreigado estava contra o imigo
 Em todo o peito este odio furioso,
 Que dá esforço e furor maior que antigo
 No peito que he de si brando e medroso.
 Mas se espanta este exemplo que aqui digo
 Inda outro hei de dizer mais espantoso,
 Com que este odio geral claro se prova
 Com cousa inda mais rara, inda mais nova.

XCII.

Sendo então, pola falta que se sente
 Dos varões, que ja o Ceo em si agasalha,
 Tão geral o trabalho em toda a gente
 Que todo o sexo e idade alli trabalha ;
 A tenra idade, e mais sufficiente
 Quiçá para o licôr que de si espalha
 A teta maternal, branda e suave,
 Não foge ao trabalhoso peso grave.

XCIII.

Nos trabalhos, que assaz são importantes
 Tambem os tenros moços se occupavão,
 Com espiritos mais duros e constantes
 Do que em tão tenros annos se esperavão :
 Nem dos trabalhos são participantes
 Sómente os livres moços que alli estavão,
 Mas a participar nelles vierão
 Muitos moços tambem, que escravos erão.

XCIV.

Estando em parte juntos, onde enchessem
 Da grave terra os leves seus cestinhos
 Com que onde ha falta della soccorressem,
 Disse para outro hum destes escravinhos :
 Se os Turcos fossem homens, e soubessem
 Quanto de se perder estão visinhos
 Ja estes Portuguezes, hoje entrada
 Fôra esta fortaleza, e ja tomada.

XCV.

Isto que o tenro escravo agora disse
 Com tal segredo o não esconde e cerra
 Que hum moço Portuguez o não ouvisse.
 Sólta o cestinho ja cheio de terra,
 Todo aceso em furor, como se visse
 Ja aquillo effeituado, o escravo afferra,
 E aos companheiros diz: Vinde correndo,
 Ouvi o que este perro está dizendo.

XCVI.

Elles sem mais tardar, logo soltarão
 Os cestinhos tambem, e ja com ira,
 Com pressa ao companheiro se chegarão,
 Que logo lhes dá conta do que ouvira:
 Elles sem mais respeito, não curarão
 De vêr se he verdade isto, ou se he mentira,
 Mas cheios de furor, ao triste moço
 Logo hũa corda lanção ao pescoço.

XCVII.

Nem querendo que mais se dilatasse
 A pena que a hum tal crime se devia,
 Querem que a forcea logo o castigasse;
 Mas hum dos moços diz que bom seria
 Que ao Capitão primeiro se levasse,
 O qual tambem á morte o julgaria;
 A todos pareceo isto bem feito,
 Nem querem que lhe tarde muito o effeito.

XCVIII.

E com clamores taes que vão rompendo
 Não só o ar, mas o Ceo terceiro, e o quarto,
 Pegão tantos na corda, que escondendo
 Vão as mãos o escabroso, áspero esparto;
 Logo, sem mais tardança, vai correndo
 O esquadrão pueril, d'odio não farto,
 Levando traz si o triste á corda atado
 Que foi ante o Silveira apresentado.

XCIX.

Onde o que então se achou mais atrevido
 Entre este pueril ajuntamento
 Lhe disse: Nós queremos que punido
 Seja este perro co'o ultimo tormento,
 Sem ser hum só momento deferido,
 Pois teve de dizer atrevimento
 Que os Turcos se homens fossem, ja entrados
 Nos tiverão de todo, e ja tomados.

c.

E porque não haja outro, inda que imigo,
 A que isto lembrar possa sómente,
 Queremos a este dar este castigo
 Onde qualquer dos outros se escarmente.
 Trouxemo-lo ante vós, porque eu me obrigo
 Que vós o não julgueis por innocente,
 E porque vendo-o morto não cuidasseis
 Que morreo sem rasão, e nos culpasseis.

CI.

O discreto Silveira, que duvida
 Que haja tanto valor em tal idade,
 Mas a alegria e espanto isto o convida,
 Lhes diz (por lhes fartar assi a vontade)
 Que o deixem, e se vão, porque elle a vida
 Lhe mandará tirar sem piedade.
 Mas isto que por bem então tentava
 Lhe sahio ao revéz do que cuidava.

CII.

Porque como elles todos vem agora
 D'hum entranhavel odio combatidos,
 E todos estivessem naquella hora
 Qual do páo, qual da pedra apercebidos,
 Não põem neste castigo mais demora,
 Antes com grandes gritas e alaridos,
 Como se o Capitão lh'o consentira,
 Começão pôr por obra esta sua ira.

CIII.

Eis d'hũa parte a pedra, dividindo
 O ar, lá no triste acaba sua jornada,
 D'outra o mociço páo, ao ar subindo
 Cahe na tenra cabeça, condemnada;
 Hum e outro o tenro moço então ferindo
 Com grãa furia cruel, imiga e irada,
 Em breve espaço fazem tal effeito
 Que em mil pedaços he logo desfeito.

CIV.

Alguns dos circumstantes procurarão
 Por lhe impedir hum fim tão miseravel,
 Mas vendo que era embalde, não curarão
 De dar remedio ao que era irremediavel.
 Elles depois que alli nelle fartarão
 A ira que parecia insaciavel,
 Com cantigas de grão contentamento
 No Ocecano lhe dão eterno assento.

CV.

Este tão cruel fim, tão desastrado,
 Tal medo nos eseravos fez que houvesse,
 Que não se vio algum mais tão ousado
 Que usar da sua lingua se atrevesse,
 Ou com hum baixo tom mal declarado
 Dizer cousa que bem não se entendesse,
 Que qualquer destas culpas, bem pequena,
 Recebia hũa grave e cruel pena.

CVI.

Todo o seguinte dia, o qual ja era
 Penultimo do mez, que atraz dizia
 Que em si dá gasalhado á cruel fera
 Que faz a Orion vêr o ultimo dia,
 Não houve lá mais damno que o que a fera
 Bombarda faz co'a usada bateria,
 A qual foi tal, que tõe por toda a parte
 Roto o reparo ja do baluarte.

O PRIMEIRO CERCO DE DIU.
CVII.

Cahe o assento tambem, que em si encerra
 O Silveira, e a parede lá da estancia
 Do Sousa Lopo, vem tambem a terra,
 Sem poder o canhão ter repugnancia;
 Ordena apoz isto hum ardil de guerra
 Que derrube a Christãa dura constancia
 O Turco, que co'a força não se atreve.
 Mas este Canto he ja mór do que deve.

O Turco se não embaraça
 Com a Christãa constancia
 De se defender a terra
 Com o canhão de guerra
 Que a Silveira encerra
 E a parede da estancia
 De Sousa Lopo vem
 Sem poder o canhão
 Ter repugnancia
 Ordena apoz isto
 Hum ardil de guerra
 Que derrube a Christãa
 Dura constancia
 O Turco, que co'a força
 Não se atreve
 Mas este Canto he ja
 Mór do que deve

Umas vezes se não embaraça
 Com a Christãa constancia
 De se defender a terra
 Com o canhão de guerra
 Que a Silveira encerra
 E a parede da estancia
 De Sousa Lopo vem
 Sem poder o canhão
 Ter repugnancia
 Ordena apoz isto
 Hum ardil de guerra
 Que derrube a Christãa
 Dura constancia
 O Turco, que co'a força
 Não se atreve
 Mas este Canto he ja
 Mór do que deve

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XIX.

Os Turcos se vão embarcar nas galés, para tomarem depois os Christãos mais descuidados. O Capitão, suspeitando este engano, se apparelha para o assalto. Os Turcos em sendo noite se tornão a desembarcar, e dão hun largo e terribilissimo assalto ao baluarte. Contão-se alguns casos particulares e notaveis que acontecêrão no meio d'elle.

1.

Usado sempre foi, e proveitoso
Em toda a guerra o ardil, e necessario,
Tal, que no mais prudente e valeroso
Capitão, sempre foi mais ordinario ;
Que sempre o vencer foi mais glorioso
Quanto com maior damno do contrario,
E com damno menor da sua gente,
Venceo o Capitão sabio e prudente.

II.

Quanto proveito o ardil traga consigo
 Por mil provas o tempo o tõe mostrado,
 Pois no presente vimos, e no antigo
 Ser co'o engenhoso ardil remediado
 Mil vezes o mortal, grave perigo
 Para o qual não bastava o peito ousado,
 E alcançar mil victorias incriveis,
 Não duvidosas só, mas impossiveis.

III.

E com quanto mil vezes falsa o effeito
 O discurso do ardil que he bem composto,
 Não fica sem louvor o bom conceito
 A que a Fortuna quiz voltar o rosto:
 E se d'aqui não tira algum proveito,
 Não tira tambem damno, nem desgosto
 Mais que de não poder com sua gloria
 Alcançar dos inimigos a victoria.

IV.

Vendo a gente infiel que em vão pertende
 Vencer com força a força Lusitana,
 Que com tanta constancia se defende
 Que parece lá força mais que humana,
 Depois que, com seu damno, claro entende
 Que quanto mais aperta, mais se dana,
 Quer tentar se do ardil a subtileza
 Acaba o que não póde a fortaleza.

V.

E para effectuarem este engano
 Fazem que aquelle mesmo dia, quando
 O Sol tornava ja para o Oceano,
 Mais de mil as estancias vão deixando,
 E dando vista ao imigo Lusitano
 Traz a usada bandeira vão passando
 Pola Villa dos Rumes, e não párao
 Até que aos seus navios arribárão.

VI.

Onde arribados, apressadamente
 Todos onde podião se embarcavão,
 Para que assi cuidasse a Christãa gente
 Que elles de todo o cerco ja deixavão.
 Levão doze galés o ferreo dente,
 E na vólta do mar o mar cortavão,
 Porque o Christão assi do mal futuro
 Mais descuidado esteja, e mais seguro.

VII.

Mas o Christão sagaz pouco se enleia
 Com esta falsa mostra que apparece,
 Antes agora mór damno arreceia
 Porque o Turco enganoso bem conhece;
 E assi com mór cuidado remedeia
 Tudo o Silveira então quanto parece
 Que para defender-se lhe convinha
 Da nova tempestade que advinha.

VIII.

Dobrar as vellas faz em toda a parte
Que vê que dellas tõe necessidade,
Polo muro tambem logo reparte
De pedra solta grande quantidade;
Faz lá de São Thomé no baluarte
Logar, d'onde a fulminea tempestade
Hum camalete sólte horrendo e forte,
De que o Turco receba espanto e morte.

IX.

Avisar tambem manda que estivesse
Do mar o baluarte apercebido,
Porque se o que elle cuida succedesse,
Que era ser dos imigos combatido,
Se por qualquer maneira ser podesse
Elle fosse de lá favorecido
Co'o pelouro cruel que de si sólta
O canhão que em si a morte leva envólta.

X.

Tudo faz emfim prestes quanto via
Que cumpre á defensão da fortaleza,
De sorte que vir cousa não podia
Que cause confusão ou incerteza.
Logo elle co'os da sua companhia
Os logares visita em que ha fraqueza,
Lembrando a cada hum o que he obrigado,
Porém isto era em todos escusado.

XI.

Gastou-se nisto tanto espaço, quanto
 Em se esconder no mar o Sol gastára,
 E hum espaço depois que o negro manto
 A noite polos ares espalhára,
 Sem que lá nas estancias entretanto
 Mudança haja qualquer, por ser tão clara
 A Lua então, que quasi se presume
 Que tomára do irmão o carro e o lume.

XII.

Mas depois que ella ja de saudosa
 Do seu charo Pastor, que n'alma tinha,
 Deixou á meia noite a luminosa
 Jornada, e ao Latmio monte lá caminha,
 Tão escura ficou e tenebrosa
 A noite, quanto ao imigo então convinha
 Para effeito do engano que imagina,
 E logo effeituá-lo determina.

XIII.

Vendo quão bem ajuda a seu intento
 Aquella escura noite tão cerrada,
 Não se quer deter mais hum só momento,
 Manda chegar ao muro a longa escada;
 E porque sem ter disto sentimento
 Possa a gente Christãa ser assaltada,
 E co'o descuido fique mais vencivel,
 Com silencio isto faz quanto he possivel.

XIV.

Mas pouco este silencio lhe aproveita,
 Porque a vigia esperta e diligente,
 Que disto tinha ja grande suspeita,
 Em meio do silencio logo o sente;
 Com pressa ao Capitão logo endireita,
 E lhe diz que em mil partes sentio gente
 Que hum calado rumor faz, de maneira
 Como que meneando está madeira.

XV.

Pouco o bom Capitão com isto se enleia
 Porque novo não lhe he, mas esperado,
 E logo esta incerteza remedeia
 Com hum remedio assaz prompto e avisado:
 Manda que hũa capaz panella cheia
 Do negro ruinador pó salitrado
 Abaixo lancem, cuja claridade
 Descubra o que encubrio a escuridade.

XVI.

Eis ja vôa a capaz grossa panella
 A mostrar o que o imigo faz lá sóra,
 Na terra apenas dá, quando sahe della
 Hum novo e claro Sol, antes da Aurora;
 Vê-se o que antes ja disse a esperta vella
 De escadas cheio o chão, e que ja agora
 As põe na parte o Turco onde parece
 Que mais a seu intento favorece.

XVII.

Pouco espanto isto põe, pouco receio
 Lá onde ha disto ja certa esperança,
 Antes qualquer com isto fica cheio
 D'esforço, de fervor, de confiança,
 Vendo que o Capitão que alli o meneio
 Têe da guerra, tal he, que pola usança
 Que têe della, o por vir prognosticava,
 E ja como presente o remediava.

XVIII.

Entendendo o Silveira o copioso
 Numero das escadas, vê que o imigo
 A estancia assaltará do valeroso
 Lopo de Sousa, e o seu assento antigo,
 Porque, hum e outro lugar, o furioso
 Canhão sentio em si, como atraz digo;
 E assi hum modo ordenou com que as escadas
 Com grão trabalho fossem arvoradas.

XIX.

Manda, e tambem depois roga e encommenda,
 Que todo o que a espingarda meneasse
 Só naquelle a cruel furia dispenda
 Que a lançar mão da escada se chegasse;
 E o que têe lança, ou outra arma que offenda,
 Em defender sómente se occupasse
 O portal que em qualquer parte fizera
 A furia do canhão horrenda e fera.

XX.

Manda que hũa abertura que a hũa parte
 Pola Christãa gente feita se via
 Do reparo que está no baluarte,
 Porque estando mais fóra o que vigia
 Melhor d'alli sentir possa desta arte
 O que lá em baixo o Turco então fazia,
 Se alimpe da caliga que lançada
 Têe nella a bateria antes passada.

XXI.

Fez isto o Capitão por ter sabido
 (Se eu mal não advinho o seu intento)
 Que estando na abertura hum recolhido
 Não póde outro lá ter recolhimento,
 E que o que lá estiver dentro mettido
 Sem nenhum risco seu, ou detrimento,
 De lá fará grão damno á gente imiga
 No meio da cruel, áspera briga.

XXII.

Agora quer ir vêr este meu canto
 O effeito do que o Turco em si concebe
 Que se embarcou pouco antes, e entretanto
 Deixarei o Christão, que se apercebe.
 Logo como o estrellado, escuro manto
 Pola ausencia do Sol o Ceo recebe,
 O Turco, que do engano não se esquece,
 Das galés outra vez á terra dece.

XXIII.

Em terra outra vez saltão escolhidos
 Dous mil homens em toda aquella armada,
 De tudo o necessario apercebidos
 De tal sorte, que não lhes falta nada.
 Logo são nas estancias recolhidos
 Onde estava a mais gente agasalhada,
 E os mais dos Capitães com elles hião
 A que as embarcações obedecião.

XXIV.

Cuidão de não achar ja resistencia
 Por muito que os Christãos sejam ousados.
 Quaes dão a Jhuof Hamed obediencia
 Quaes de Baram Baxá são governados,
 Varões que em grande esforço, e grãa prudencia
 Se vírão em mil partes signalados;
 Creio que os conheceis, se inda memoria
 Tendes do que atraz disse a minha historia.

XXV.

Estes tendo ja prestes toda a gente,
 Com tudo o mais que ao assalto lhes convinha,
 A tardança os detem alli sómente
 Que inda então faz o Sol na onda marinha;
 Mas tanto que as estradas do Oriente
 De Memnon pisa a mãe que ante o Sol vinha,
 Logo os dous Capitães com grãa presteza
 Se vão lá apresentar á fortaleza.

XXVI.

Em tres grandes batalhas repartida
 A gente, á fortaleza se apresenta,
 Tão ufana, lustrosa, e tão luzida
 Que o Turco Capitão comsigo assenta
 Que não poderá então ser resistida,
 E tanto da victoria se contenta
 Que os despojos Christãos ja então reparte
 Dando a qualquer dos seus ja sua parte,

XXVII.

Qualquer destas batalhas agasalha
 Mais de mil destes homens tão valentes,
 Cojaçofar tambem dos seus espalha
 Mais de dez mil por partes differentes,
 Os quaes em começando a grãa batalha
 Soltem logo os mortaes chumbos ardentes
 E as voadoras frechas, com que ajudem
 Os seus, e ao defensor damnar estudem.

XXVIII.

Os dous bons Capitães antes que dessem
 O assalto, aos Lusitanos defensores,
 Mandarão que as bombardas dispendessem
 Lá nas partes os seus bravos furores
 Por onde hão de assaltar, porque tivessem
 Entradas mais capazes, e maiores.
 Não ha nisto detença, mas ja sôa
 O grosso estrondo, e o ferro mortal vóa.

XXIX.

Faz logo o seu cruel usado effeito
 Com ruina de tudo o que alcançava.
 Vendo o Turco que tõe elle ja feito
 Quanto para o combate desejava,
 Não lhe soffre o feroz, ousado peito
 Dilatar a victoria que esperava;
 Faz cessar do canhão a furia grossa
 Porque elle executar a sua possa.

XXX.

Logo das tres batalhas a primeira
 Lá diante se põe, a qual guiada
 Vai d'hũa larga então grande bandeira
 De côr branca e vermelha quarteada.
 Ja sôa do tambor a voz guerreira,
 Sôa a voz do clarão mal concertada,
 A grita he tal que as nuvens fende e arromba,
 A terra quasi treme, o mar retomba.

XXXI.

Em meio desta grita hũa grãa parte
 Dos mil que a dianteira tõe agora,
 Com tal furia commette o baluarte
 Que imagina acabar tudo nesta hora:
 Sóbe tão alto o Alferes, que o estandarte
 Lá no mais alto d'elle então arvora,
 Que nelles hum fervor novo desperta
 Com que tõe a victoria por mais certa.

XXXII.

A outra parte dos mil que não entende
No combate que aos outros era imposto,
Logo arvora as escadas, e pertende
Nas casas do Silveira dar-lhe encosto,
Porém logo acha alli quem lh'o defende,
Porque os espingardeiros que alli posto
O Silveira para este effeito tinha,
Não deixão por fazer quanto convinha.

XXXIII.

Sóltão logo o mortal chumbo danoso
Só naquelle que a longa escada afferra,
Qualquer do que soltou fica gostoso
Porque então nenhum delles o tiro erra,
Tal, que quantos estão (caso espantoso)
Ferrados nas escadas vem a terra,
Qual manda a alma ao profundo senhorio,
Qual vivo sóta o sangue em grosso fio.

XXXIV.

Nem por isso as escadas despovoão,
Correm ao mesmo effeito outros ligeiros,
Logo os chumbos Christãos contra elles voão
Que não são desta vez menos certos,
Mas tambem desta vez tanto os magoão
Que igual damno estes sentem aos primeiros,
Porque estes tambem dão larga sahida
Qual ao sangue sómente, qual á vida.

XXXV.

Já agora este mortal segundo dano
 Em todos imprimio hum tal receio,
 Que das escadas tendo o desengano
 Nenhum mais afferrar nellas se veio,
 Antes o que se tõe por mais ufano
 Daquella empresa fica mais alheio,
 Porque ha que obra não he do forte peito
 Entrar na morte certa sem proveito.

XXXVI.

Deixão logo as escadas, onde vião
 Que os espera hũa certa e cruel morte,
 Vão-se ajudar aos outros que querião
 Com valeroso peito, ousado, e forte
 Entrar no baluarte, porque havião
 Que esta era ou mais honrada ou melhor sorte,
 E como n'hum só posto o Turco insiste
 Sofre-o o Christão melhor, melhor resiste.

XXXVII.

Nesta hora aquella gente que ficára
 Nos dous esquadrões posta em ordenança,
 E a que Cojaçofar alli deixára,
 Em ajudar os seus não põe tardança
 Qual a longa espingarda então dispára,
 Qual do curvo arco a frecha aguda lança,
 Hum e outro vai direito áquella parte
 Que mais damne os que estão no baluarte.

XXXVIII.

Nunca a mais grossa nuvem, mais inchada
Que polos ares vai não vagarosa,
Tanta parte encubrio da luz dourada
Que a terra opaca faz clara e formosa,
Nem tanta parte do ar foi occupada
Da banda d'estorninhos copiosa,
Quanta a frecha que sahe lá do arco Mouro
Occupo do ar, encobre da luz d'ouro.

XXXIX.

Ja nesta hora a infiel gente atrevida
Com a gente fiel andava envólta,
Com furia tão acesa e embravecida
Que hũa e outra parte o sangue e a vida sólta;
Mas quanto sólta mais de sangue e vida
Tanto mais o furor cresce, e a revolta,
Ja por todo o logar a morte vda,
Em toda a parte o estrondo e a grita soa.

XL.

Huns com vozes ja fracos lamentaveis
Da morte ja visinha se queixavão,
Outros com altas vozes incansaveis
Que dessem cruel morte encommendavão;
Arteficios de fogo innumeraveis
Alli se vêem, que huns a outros se apagavão,
E assi o fogo que sempre os damna e offende
Esse agora de si mesmo os defende.

XLI.

O vaso que de barro era formado
 E dentro o negro pó mortal encerra,
 Pouco foi do murrão hoje ajudado
 Porque sem seu favor a chamma afferra,
 Pois tão aceso está, tão inflammado
 O baluarte todo, e a mesma terra,
 Que em tocando no chão recebe logo
 Melhor que do murrão o ardente fogo.

XLII.

Levantão neste tempo o curvo dente
 Bem quatorze galés, e o mar cortando
 A estacada se vão ligeiramente,
 Onde apenas chegadas forão, quando
 Chegando aos seus canhões o fogo ardente
 Mil pelouros mortaes sahem voando,
 Que com furor, estrondo, e ligeireza
 Direitos lá se vão á fortaleza.

XLIII.

Nem deste só furor se contentarão,
 Que odio nunca de pouco se contenta,
 Mas mil vezes então descarregarão
 A fulminea cruel brava tormenta;
 Mas por mais que as bombardas trabalhárão
 Emfim sahe em vão quanto o imigo intenta,
 Porque esta revezada furia insana
 Nenhum mal faz á gente Lusitana.

XLIV.

Mas o Gouveia, a quem era sujeita
Do baluarte da barra a governança,
De lá contra as galés faz ir direita
A furia que o cruel seu canhão lança:
Esta mais que a dos Turcos aproveita,
Que alguns despedaçou, que então alcança,
E desapparelhando dous navios
Faz todos affastar de temor frios.

XLV.

A Portugueza gente como entende
Que he só no baluarte o assalto agora,
As forças que por mil partes estende
Alli sómente ajunta naquella hora.
Com isto hum tal furor novo os acende
Que quasi trinta delles sahem fóra,
N'hũa praça que lá naquella parte
Sobre os reparos faz o baluarte.

XLVI.

Com grande impeto aos Turcos se arremessão
Que alli mais de duzentos se agasalhão,
Arteficios de fogo então não cessão,
Que hũa grã cópia então no imigo espalhão,
Co'as lanças apoz isto os atravessão,
E tanto os tratão mal, tanto trabalhão,
Que com morte de muitos lhe he forçado
Perder o Turco quanto tõe ganhado.

XLVII.

Entre estes que aqui a hora derradeira
 Virão, tambem o Alferes deixa a vida,
 Mas nem por isso então cabe a bandeira,
 Antes quando elle cahe fica ella erguida,
 Porque com pressa tal, de tal maneira
 Por mais de dez dos seus foi soccorrida,
 Que antes que o Alferes caia, estes estavam
 Ferrados nella ja, e a sustentavão.

XLVIII.

O Christão que isto vê, com força insiste
 Porque no ar a bandeira não se veja,
 De defendê-la o Turco não desiste
 Que sustentá-la no ar tambem deseja;
 Assi que o que contende, e o que resiste
 Com tal fervor crescer faz a peleja,
 Que havendo bem hũa hora que durava
 Parecia que então se começava.

XLIX.

Em meio de hum furor que he quasi insano
 E que he mais perigoso, ao que he mais forte
 Chega hum pique mortal, longo, e profano,
 A Martim Vaz Pacheco, e de tal sorte
 Penetra este esforçado Lusitano
 Que logo o entrega em mãos da cruel morte,
 Vingando só com esta largamente
 Mil que elle tinha dado á imiga gente.

L.

Junto então d'elle está no mesmo posto
 Hum que era primo seu, e intimo amigo,
 A quem foi Gabriel por nome posto
 E a alcunha tõe do mesmo que atraz digo;
 Varão a quem não fez voltar o rosto
 A morte mais horrenda, o mór perigo,
 Antes sempre o seu forte, invicto peito
 Quiz o mais perigoso, e arduo feito.

LI.

Este, vendo aos seus pés da imiga lança
 Trespassado o que dentro n'alma tinha,
 Cortado d'hũa dôr que a alma lhe alcança
 Diz: Morrer eu comvosco bem convinha,
 Mas por ir vossa morte com vingança
 Folgo que se dilate hum pouco a minha,
 Que a minha eu a haverei por bem vingada
 Com ir a vossa della acompanhada.

LII.

Traz isto furioso e embravecido,
 Só de morte e vingança desejoso,
 Deixa o que ante seus pés tõe estendido,
 A que inda agora foi tão piedoso,
 Salta em meio do imigo, onde mettido
 Revolve o forte braço valeroso,
 O luzente aço fura, talha, e fende,
 Hum sólta o sangue, e morto outro se estende.

LIII.

Mas o Turco não quiz que lhe durasse
 Muito sem seu castigo esta ira ardente,
 Faz tambem que o seu ferro lhe trespasse
 Duas vezes o rosto mortalmente,
 Que para quem a vida desejasse
 Bastante occasião era a presente
 Para buscar remedio de ter vida,
 Porém elle só quer vê-la perdida.

LIV.

Faz-lhe isto que hum remedio vá buscando
 Que a morte mais lhe apresse que dilate,
 Pois com isto o furor accrescentando
 Entra mais furioso no combate.
 Hum dos da companhia a elle chegando
 Lhe diz que de curar-se agora trate,
 Nem queira ja com tanta brevidade
 Dar fim a seu esforço e mocidade.

LV.

Elle, inda de furor e d'amor cheio,
 Responde: Como posso eu ter desejo
 Da vida, ou ter da morte algum receio,
 Se o que eu mais que a mi quiz, morto ja vejo?
 Grão gosto me he da imiga furia em meio
 Deixar a triste vida, em tal ensejo,
 Que acompanhe no dia derradeiro
 A quem sempre nos mais fui companheiro.

LVI.

Apoz estas palavras pouco tarda,
 Torna a ajudar os seus na grãa revólta,
 Mas a morte cruel que alli o aguarda
 Faz que lá de travéz o chumbo sólta
 Contra elle hũa mortal, longa espingarda
 Que na cabeça o encontra; sahe-lhe envólta
 Em sangue a alma, cabe morto o moço forte
 Sobre o que lhe causou agora a morte.

LVII.

Que exemplo póde dar a antiguidade
 D'outro maior amor que este que digo?
 Pirothoo de Thesen mais de verdade
 Nem Patroclo d'Achilles, foi amigo,
 Nem de Niso e d'Aurialo a amizade
 Provada assaz co'o Grego sangue antigo
 Vantagem a esta fez, nem lh'a fizestes
 Vós Pilades Phocense, e vós Orestes.

LVIII.

Pois se na idade nova ponho o rosto
 Não vejo cousa que isto inda arremede,
 Porque vejo que só se põe o gosto
 Naquillo que o interesse proprio pede;
 E tanto nisto está ja o mundo posto,
 (Grãa miseria que a todas bem excede)
 Que alli se inclina só o humano peito
 D'onde espera tirar algum proveito.

LIX.

Mas manda-me a rasão que não me aparte
 D'onde os Christãos ficavão combatendo.
 Com grave damno d'hũa e d'outra parte
 Se estão os crueis ferros revolvendo,
 Quando de lá do mar do baluarte
 E do de São Thomé, em fogo ardendo
 Sahe d'alguns camaletes o redondo
 Pelouro, com medonho, horrendo estrondo.

LX.

Direito aos Turcos lá vò a apressado,
 Porque ou os damnifique, ou os destrua,
 E vai elle esta vez tão bem guiado
 Que esta sua tenção bem effeitua,
 Que achando de infieis tudo occupado
 Não póde ser em vão a furia sua,
 Encontra-os, faz entre elles larga praça,
 Aleija, fere, mata, despedaça.

LXI.

Neste tempo hum que lá no ajuntamento
 Dos Christãos, da espingarda se servia,
 Subindo lá no ruinado assento
 Que em si o Silveira antes recolhia,
 Hum Turco vê de lá que no ornamento
 E riqueza do traje, ha que seria
 Homem de grande nome, e grande conta,
 Chega a espingarda ao rosto, e nelle aponta.

LXII.

Sahe o chumbo veloz, faz a jornada
Direito ao triste Turco bem vestido,
Encontra-o polos peitos, e á morada
Infernal desce o espirito já rendido.
Mas como a esta nação he cousa usada
E d'honra, não deixar o conhecido
Corpo, ou do Capitão, ou do que he amigo,
Determina hum levar este que digo.

LXIII.

Salta onde o morto estava, arreceando
Que a levá-lo chegasse outro primeiro,
Sobre os hombros o põe, determinando
Levá-lo; mas o mesmo espingardeiro,
Que já prestes está, nelle apontando
Não foi menos então que antes certoiro,
Encontra o que levava a carga morta,
Caem ambos, e á alma este abre a porta.

LXIV.

Eis outro que cuidou que esta honra nega
Aquelle o Ceo, porque para elle a guarda,
Ferra o primeiro morto, e em si o carrega,
Mas outro igual castigo não lhe tarda,
Porque o chumbo subtil tambem lhe chega
Que d'outra parte sóta outra espingarda;
Cahe morto este tambem, e aquelle honrado
Entra de dous no inferno acompanhado.

LXV.

Bem ao revez faz isto a Christãa gente
 Que lá no baluarte pelejava,
 Porque nenhum entre elles ha que attente
 Senão no imigo só que inda em pé estava.
 O que para cantar tenho presente
 Mostra bem dos Christãos a furia brava,
 Caso assaz desastrado, e miseravel,
 Se o tempo o não fizera desculpavel.

LXVI.

Entre estes que o furor da gente imiga
 Com outro mór furor pondo estão freio,
 Havia hum, cuja idade he tão antiga
 Que trinta annos lhe chegão della ao meio;
 Mas nem a antiga idade lhe mitiga
 O natural espirito, sempre cheio
 Da ousadia, que o esforço nelle punha;
 Seu nome era Fernando, Affonso a alcunha.

LXVII.

Este no bravo assalto sempre atura
 Onde o seu duro espirito prevalece,
 Até que a força que era menos, dura,
 E o menos duro alento lhe fallece.
 Cabe o triste entre os seus, mas nenhum cura
 De vê-lo em tal estado, e o favorece,
 Que nenhum de salvá-lo agora trata
 Em quanto imigo vê com que combata.

LXVIII.

Neuhum ha allí que então o tempo gaste
Co'o que cuida que tõe a alma rendida,
Não acha o triste quem d'allí o affaste,
Mas acha quem na sua envelhecida
Barba, faz fincapé, porque contraste
Melhor á imiga furia embravecida ;
Tambem sente a garganta, com seu dano,
O pé do companheiro deshumano.

LXIX.

Levanta quanto póde a voz, e brada
O triste velho, aos seus, que iuda vivia,
E com a fraca, e ja debilitada
Força, trabalha então quanto podia
Por se livrar dos pés da sua irada
Ardente e impetuosa companhia,
Que entre estes teve agora mór perigo
Que entre o maior furor do ferro imigo.

LXX.

Porém pouco lhe val agora o grito,
Nem a sua cansada força velha,
Que esta topa hum furor quasi infinito,
Aquelle não penetra a surda orelha ;
Assi forçado lhe he render o espirito
Sem do seu sangue a terra ser vermelha,
Ou ter outro algum mal, mais que o que sente
Do ardór com que peleja a sua gente.

LXXI.

Estava neste ser a grãa batalha
 Em que hum e outro furor cresce e se acende,
 Porque o Turco d'entrar assaz trabalha,
 Mas o Christão lh'o nega, e lh'o defende,
 Quando hum lá na abertura se agasalha
 Que no reparo está, d'onde dispende
 Perennemente o chumbo da espingarda,
 Porque em disparando hũa, outra não tarda.

LXXII.

Tão mal desta maneira os Turcos trata,
 Porque quantos aponta nenhum erra,
 Que tambem o segundo Alferes mata
 E outros muitos d'alli faz vir a terra:
 Faz isto que no Turco assi se abata
 O furor que até então no peito encerra,
 Porque os melhores seus ja vêem perdidos,
 Que começam de todo a ser vencidos.

LXXIII.

A segunda batalha, que era feita
 D'escolhidos varões, gente animosa,
 Sentindo que a primeira era desfeita,
 De vingar esta affronta desejosa,
 Faz affastar os seus, e vai direita
 Lá para o baluarte impetuosa,
 E apoz quatro bandeiras que diante
 Leva, se põe em cima n'hum instante.

LXXIV.

Duas d'hum panno sãõ, que arremedava
 O canhamago, ou eu mal isto entendo,
 E na bainha lá por onde entrava
 A áste, grandes madeixas se estão vendo
 D'alva lãa, que qualquer se sustentava
 D'hũa maçãa que está resplandecendo
 De tal sorte, que eu hei por cousa certa
 Que ou ella he d'ouro, ou he d'ouro cuberta.

LXXV.

Estas bandeiras tão differençadas
 Das outras na materia, e no ornamento,
 Dizem que do Caciz forão mandadas
 Que tõe lá em Medina seu assento,
 Onde as barbaras gentes enganadas
 Com grãa veneraçãõ e acatamento
 Sepulchro ao seu Mafoma falso derão,
 E onde inda agora o acatãõ, e o venerãõ.

LXXVI.

Por divinas as tõe, e as presãõ tanto
 Que entãõ quiçã só nellas se fiãrãõ,
 Por vêrem que do seu profano santo
 A grãa virtude ja participãrãõ;
 Faz-lhes isto ja perder agora quanto
 Medo antes dos Christãos quiçã cobrãrãõ,
 Crendo que tal virtude alli se encerra
 Que tudo ha de vencer, e pôr por terra.

LXXVII.

Com tal superstição e confiança
 Sóbe esta descansada, ousada gente,
 Posta em cima, não faz qualquer tardança,
 Logo entra co'os Christãos mui bravamente;
 Grãa cópia d'arteficios nelles lança
 Que estão de si lançando fogo ardente,
 Lança tambem com elles de mistura
 O pungente zarguncho, a pedra dura.

LXXVIII.

Os que de fóra estão, que não subirão
 A ser no combater participantes,
 Com tanta quantidade então atirão
 De frechas, e de chumbos coruscantes,
 Que as lanças dos Christãos então se virão
 E as mãos com que as sustem, das penetrantes
 Pontas junto cravadas, e as rodellas,
 E os rostos penetrados tambem dellas.

LXXIX.

Juntamente com isto a tal distancia
 O altisono clamor soando vóa,
 Que entrando na infernal, escura estancia
 Rhadamanto, Aqueronte, e Dite atrôa:
 A confusão dos sons, e a dissonancia
 Que em monte, em valle, ã serra, e ã bosque sóa,
 Tal era, que podia bem julgar-se
 Que o mundo começava a transtornar-se.

LXXX.

Cresce em tanto a revolta e a crueldade
 D'onde a todos mortal damno succede,
 Ja descem de lá alguns da Christandade
 A que a ferida estar lá em cima impede;
 Qual com queixosa voz, e piedade
 Para a alma que sahe remedio pede,
 Qual pondo nas feridas oleos, ovo,
 Se torna a receber outras de novo.

LXXXI.

Nem foi sómente o ferro hoje culpado,
 Tambem damna o cruel fogo profano,
 Porque da mortal polvora ajudado
 Acende, inflamma, abraza, e faz grão damno:
 E tão disforme fica, e tão mudado
 O que o sentio, do ser, e vulto humano,
 Que se acha irmão que vendo outro irmão pasma
 E foge, imaginando que he phantasma.

LXXXII.

Grãa miseria era vêr estes ardidos
 Correr por cá, por lá impacientes,
 D'intoleraveis dôres combatidos
 Causadas das mortaes chammas ardentes,
 Até que na salgada agua mettidos,
 Que lá na fortaleza, em differentes
 Logares em si tõe a grossa tina,
 Sentem allivio á dôr que os desatina.

LXXXIII.

Mas este allivio tal que agora dando
 Lh'está o frio licôr em que se vião,
 Outro damno maior lh'está causando
 E outra mais grave dôr, que a que sentião,
 Porque assi mais em breve penetrando
 Os vai o bravo ardor, a que fugião,
 E em méio de dobrada dôr e queixa
 O attribulado espirito a carne deixa.

LXXXIV.

Nesta hora em que o furor d'hum e outro imigo
 Mostra mór crueldade e mór braveza,
 Aquella Anna Fernandes, que atraz digo
 Que tanto bem fez sempre á fortaleza,
 Vencendo o seu pesado corpo antigo,
 E a fraqueza que tõe por natureza
 O trabalho e o temor, se sóbe ao muro
 Lá onde o logar he menos seguro.

LXXXV.

E a figura daquelle Omnipotente
 Eterno Creador nas mãos sustendo,
 Que por dar vida eterna á ingrata gente
 Quiz a morte na Cruz matar morrendo,
 Com esforçado peito, e reverente
 Mostrando-a aos que estavam defeudendo,
 Taes palavras com isto lh'apresenta
 Que o natural esforço lh'acrescenta.

LXXXVI.

Com palavras d'esforço acende, e esperta
 Quem por si se acendia, e se espertava,
 E se algum cahir morto acaso acerta,
 A levá-lo d'alli ella ajudava:
 O que ferido vem, logo ella o aperta,
 E o que com pouco damno alli chegava,
 Dizia que á peleja se tornasse,
 Porque não tinha mal que lh'o estorvasse.

LXXXVII.

O prudente Silveira, e valeroso
 Não se descuida então, ou se enfraquece,
 No trabalho commum não he ocioso,
 Também os seus anima, e favorece;
 De tudo os provê quanto proveitoso
 Ou ser-lhes necessario lhe parece,
 Faz vir fóra o ferido, e com vergonha,
 E que d'onde este sahe o são se ponha.

LXXXVIII.

Manda vir das estancias o que inteiro
 E o que nellas está melhor armado,
 Manda que lá no imigo o espingardeiro
 Sólte o chumbo subtil arrebatado,
 Que impossivel será não ser certo,
 Tanto dos Turcos he tudo occupado.
 Mas o que agora quer dizer meu canto
 Eu sei que dará a todos gosto e espanto.

LXXXIX.

Hum destes que seguindo esta ordenança
 Do Silveira, a espingarda menceára,
 Tantas vezes o chumbo della lança
 Que de todo o pelouro o desampara ;
 Porém nella outra vez o que era usança
 Lançar do negro pó, então lançára,
 Quer-lhe lançar a plumbea companhia,
 Busca-a, mas não a achou como sohia.

XC.

Com isto o grão fervor não se lhe applaea,
 Antes mais se accrescenta, e se afervóra ;
 Ferra d'hum dente seu, que então ja fraca
 Quiçá tõe a raiz, e o arranca fóra,
 A espingarda com elle logo ataca,
 Que do pelouro o officio toma agora,
 E ajudado da ardente chamma leve
 Entre os imigos entra em tempo breve.

XCI.

Caso de louvor digno, e de memoria,
 Só no mundo quiçá, quanto mais raro.
 Mas não trata mais delle a minha historia,
 Não porque eu de louvores seja avaro,
 Mas porque sempre deu mór honra e gloria
 A nação Portugueza (como he claro)
 O braço vencedor que o engenho agudo,
 Com quanto este ja agora iguala tudo.

XCII.

Os Turcos entretanto não tornarão
 Atraz co'o grão furor que antes tiverão,
 E tanto os defensores apertarão
 Que a victoria quiçá por sua houverão,
 Porque do baluarte mais ganharão
 Que os outros que primeiro o commetterão,
 Porém taes são os peitos que o defendem
 Que em quanto ha força e vida, não se rendem.

XCIII.

Folgára eu por seus nomes declará-los
 Pois merecem assaz ser conhecidos,
 E co'o louvor devido eternisá-los,
 Porém pois me são muitos escondidos,
 E eu a todos não posso nomeá-los,
 Mas a todos os braços não vencidos
 Os dão a conhecer, se me perdoe
 Que a fama, e não meu canto, os apregoe.

XCIV.

Estes fortes varões, que eu não nomeio
 Pois sua fama o faz mais largamente,
 D'hum acceso furor postos em meio
 Todo o peso sustem da imiga gente;
 E como em toda a parte tudo he cheio
 Do pique, espada, frecha, e chumbo ardente,
 Voa hũa imiga frecha, e sem detença
 Lá direita encontrar vai o Proença.

XCV.

Este era aquelle forte, invicto peito
 De que atraz fez menção a historia minha,
 A quem o baluarte era sujeito
 Que este tão bravo assalto hoje sustinha.
 Este, depois de ter até então feito
 Quanto ao seu raro esforço bem convinha,
 Alli o veio a esperar a cruel morte
 Onde a muitos a deu seu braço forte.

XCVI.

No peito o duro arnez grosso vestia,
 E a cabeça hum elmeté lhe defende
 A que a vista tirou, na qual sentia
 Grão pejo para o que elle então pertende:
 Logo a frecha mortal, que atraz dizia,
 Lá para elle direita os ares fende,
 Por hum olho o encontrou, e a travéz corre,
 Ambos lhe quebra, e ao cerebro discorre.

XCVII.

Perde logo o sentido este esforçado
 Mancebo, onde perdeu tambem a vista,
 E sendo cego, e ja desatinado
 Cumpre que do combate então desista,
 Abaixo d'alli logo foi levado
 Pois não tõe forças ja com que resista;
 Os que ficão em cima em breve espaço
 Sentem a falta deste forte braço.

XCVIII.

Antes que aquella vez lá no Oceano
 O Sol mettesse a leve roda usada,
 Aquelle heroico espirito mais que humano
 Solto ja da prisão fria e pesada,
 Entra no Eterno Assento, e Soberano,
 Deixando a terra triste e acompanhada
 De lagrimas, de dôr, de sentimento
 Por esta grave perda, e apartamento.

XCIX.

Aquelle valeroso cavalleiro
 A quem deu nome Antonio, e tambem dera
 Dos sobrenomes Mendes o primeiro,
 E Vasconcellos o outro apoz este era,
 Pelejando então todo o espaço inteiro
 Que ha que dura a batalha horrenda e fera,
 Ja na garganta o pique mortal sente,
 Tambem sólta do rosto o sangue quente.

c.

Mas nem por isso deixa o assalto aceso,
 Até que hum meio berço, irado e horrendo,
 Soltando de travéz o mortal peso
 Todo polo hombro esquerdo o vai rompendo;
 Cahe ja desatinado, e quasi preso
 Da morte; logo abaixo o vão descendo,
 E antes que o Sol deixasse este hemisferio
 Mandou a alma ao Celeste, Eterno Imperio.

CI.

Tambem a falta deste valeroso
 Companheiro, então foi assaz sentida.
 Durando assi o combate furioso
 Muitos o sangue dão, muitos a vida.
 Nesta hora o pertinaz, e inda animoso
 Turco, a acabar a empresa não duvida,
 Pois mais que nunca então tinha ganhado,
 Porém bem caro assaz lhe tõe custado.

CII.

Algun tanto a Fortuna se mostrava
 Contraria, ou trabalhosa á Christãa parte,
 Quando hum a quem João o nome dava
 E Rodrigues a alcunha, o qual de Marte
 O mais raro valor participava,
 Com grãa pressa subio no baluarte;
 Nos hombros hũa jarra este sustinha
 Que de polvora toda cheia vinha.

CIII.

Tanto a jarra lie espaz que encerraria
 Hũa arroba do negro pó ruicante.
 Chegando este aos da sua companhia,
 Que com peito feroz, braço constante
 Aos imigos a entrada defendia,
 Lhes diz: Deixai-me, amigos, ir lá ávante,
 Que nestes hombros vai quem vos ajude,
 Sendo a mim e aos imigos ataudé.

CIV.

Rompe por entre os seus com furia e pressa,
 E com quanto ainda a entrada se lhe nega
 Elle então de romper e instar não cessa
 Até que lá onde estão os Turcos chega;
 Co' o corpo ajuda as mãos, e lhes arremessa
 A jarra, e em vão lá nelles não a emprega,
 Mas apenas de si a despedira
 Quando aos seus com grãa pressa se retira.

CV.

O luteo inda que duro vaso quando
 A dureza da pedra encontra e sente,
 Mil pedaços se faz, com que mostrando
 Se esteve á mór dureza obediente;
 E d'hum murrão que o vai acompanhando
 Se lhe communicou a chamma ardente,
 Faz logo o usado effeito a ardente chamma,
 Abraza, despedaça, acende, inflamma.

CVI.

Vêem-se logo nos ares levantados
 Mais de vinte que o pó sulfureo afferra,
 E co' os corpos de lá, despedaçados
 E feitos em carvões descem á terra;
 Outros tantos ficárão maltratados
 Desta ardente, apressada, mortal guerra.
 Os Christãos, que esta ajuda bem conhecem,
 Quão bem pódem então a favorecerem.

CVII.

Nem com isto o logar vazio fica
 Que agora a acesa polvora despeja,
 Mas o numero alli se multiplica
 D'outros fortes varões para a peleja.
 Deste successo bom se prognostica
 O Christão que o terá qual o deseja,
 Nisto em que arreceava tê-lo avesso,
 Tanto anima hum bom golpe, hum bom successo;

CVIII.

Com este novo esforço e confiança
 Com tanta força os Turcos commetterão,
 Que lhes he forçado atraz fazer mudança
 Porque então resistir-lhe não puderão.
 Outra vez o Christão entre elles lança
 Mil panellas, que em fogo se acenderão,
 Que fazendo o cruel usado effeito
 Tudo por onde vão deixão desfeito.

CIX.

Péga o consumidor bravo elemento
 Nas bandeiras que são por sacras tidas,
 Sem ter obediencia, e acatamento
 As virtudes que estão nellas mettidas,
 Pois não sómente forão n'hum momento
 As bandeiras do fogo consumidas,
 Mas inda os que as sustem, das abundantes
 Chammas forão assaz participantes.

CX.

Faz isto no Christão dobrar-se agora
 O grão fervor com que antes pelejava,
 E tocando a trombeta alta e sonora
 Já victoria ! victoria ! então bradava.
 Faz voar dos inimigos corpos fóra
 As almas infieis, e os apertava
 Com tão impetuoso, forte braço
 Que os vai d'alli empuchando grande espaço.

CXI.

O Christão arcabuz impetuoso
 Não estava nesta hora descuidado,
 Mas sóta o mortal chumbo furioso
 No inimigo com grãa pressa e grão cuidado ;
 O qual segundo então he copioso,
 E do arcabuz está pouco afastado,
 Nenhum dos mortaes chumbos o Turco erra,
 Cahe sempre ou mal ferido, ou morto em terra.

CXII.

Eis nesta hora tambem do baluarte
 Do mar sóta hum canhão a furia horrenda,
 Que antes que a sanguinosa sêde farte
 Muitos fará que o Stygio fogo acenda.
 Esta direita vai áquella parte
 Onde então se fazia a grãa contenda,
 Não aos que estão em cima combatendo
 Mas aos que estão ao pé favorecendo.

CXIII.

Entra em meio da triste infiel gente,
 Rompe, derruba, mata, faz pedaços,
 Nem resistem melhor ao mal presente
 Os que sobre si tõe os fortes aços:
 E como não encontra a furia ardente
 Senão peitos, cabeças, pernas, braços,
 Tudo por cá, por lá se vê desfeito,
 Braço, perna, cabeça, armado peito.

CXIV.

Nem apaga isto ao Turco a irada chama
 Que contra o Christão move espada e escudo,
 Tambem o que está em baixo mais se inflama
 Vendo que do seu sangue he cheio tudo;
 Innumeraveis tiros ja derrama,
 Qual redondo e subtil, qual longo e agudo,
 Sem que as horrendas mortes que então via
 Lhe possão impedir o que fazia.

CXV.

Pouco apoz este golpe horrendo e duro
 Eis lá do baluarte, que nomeio
 Mil vezes São Thomé (d'onde seguro
 O Turco então está, e sem receio,
 Com quanto de lá deste mesmo muro
 Pouco antes hum mortal damno lhe veio)
 Hum camalete sólta o mortal peso
 E contra os Turcos vai em fogo aceso.

CXVI.

E direito ao logar este caminha
Onde agora outro fez bem larga praça,
E como este igual força e poder tinha
Forçado he que igual damno tambem faça :
Mostra aos tristes a furia com que vinha,
Mata outra vez, abraza, e despedaça,
E entre corpos mortaes, com seu grão dane
Quieta o seu furor mortal e insano.

CXVII.

Vendo o Turco quão bem o tiro acertã
Os de baixo, e tambem quão mal os trata,
E que o Christão lá em cima tanto aperta
Os imigos, que quasi os desbarata,
Pois ja lhes derrubou nesta referta
As outras duas bandeiras, e lhes mata
Os Alferes que as tõe, se esfria, e desce
O furor que até então se acende e cresce,

CXVIII.

O fiel defensor isto entendendo
Com tal grita e fervor lhe põe o rosto,
Que ja aquella batalha vai vencendo
Que em grande aperto e risco o teve posto.
A terceira batalha isto então vendo
Faz, de grãa furia cheia, e grão desgosto,
Apartar os cansados ; mas forçado
Me he que eu tambem me cale de cansado.

O PRIMEIRO

CERCO DE DIU.

CANTO XX.

*A terceira batalha dos inimigos he tambem rola
e desbaratada polos Christãos. Os Turcos se
retirão com grande damno e perda da sua
gente. Embarcãõ-se nos seus navios, e tor-
nãõ-se para suas terras.*

Ja vejo o doce porto desejado
Se o desejo de vê-lo não me engana,
Onde estafei seguro e descansado,
Sem contrastar á força mais que humana
Do furibundo Noto, horrendo e irado,
E da impetuosa onda, grossa e insana,
Em fragil barca, e mal apercebida
A viagem tão dura, e tão comprida.

II.

Em meio do furor da onda marinha
 Engrossada co' o bravo, inchado Noto,
 Mil vezes vi perdida a barca minha
 Por faltas ou do leme, ou do Piloto,
 E pois tão mal composta ella caminha
 Por mar tempestuoso, largo e ignoto,
 Maravilha he do Ceo que o porto veja
 Sem padecer naufragio, que deseja.

III.

Porém não sei se fôra mais ditosa
 Em se render de todo ao mar e ao vento
 Ficando assaz contente e gloriosa,
 E co' o ganho d'hum tão heroico intento,
 Que apoz via tão larga e trabalhosa
 Chegar ao fim ao porto a salvamento
 Onde eu sei que ha de ter (e não me engano)
 Outro naufragio mór e de mór dano.

IV.

Porque então se verá quanto atraz fico
 Do que pedindo estava hum tal sujeito,
 No qual inda o mais fertil, e mais rico
 Engenho, fôra esteril e imperfeito;
 Por onde eu ja d'aqui me prognostico,
 Pois o erro começou ja do conceito,
 Ter antes vituperio, que honra ou gloria,
 Pois ousei emprehender tão alta historia.

V.

Vós, ó fortes varões, de quem eu canto,
 Perdoai se não dou tudo o que he vosso,
 Porque não ha ninguem que possa tanto,
 Menos eu, que entre todos menos posso ;
 E se eu quiz empregar em vós hum canto
 Que eu conheço por baixo, rudo, e grosso,
 He só porque me fôrça hum grão desejo
 Que vejão de vós todos o que eu vejo.

VI.

Porém não vos pareça que a rudeza
 Do meu inculto verso, pouco agudo,
 Abaterá a vossa alta fortaleza
 Com que d'espanto tendes cheio tudo ;
 Porque das vossas obras a grandeza
 Bastará para honrar meu canto rudo,
 E este nunca será tão poderoso
 Que faça o que em vós ha menos lustroso.

VII.

A terceira batalha que alli estava
 Prestes para qualquer necessidade,
 Vendo que ja a segunda começava
 De render-se á Christãa ferocidade,
 Com tal grita que os ares atroava,
 Por dar soccorro áquella adversidade
 Corre direita lá ao baluarte,
 E o cansado d'alli faz que se aparte.

VIII.

Entra no logar deste ja cansado
Outro, com novas forças descansadas,
Logo o novo furor aceso e irado
Faz menear as lanças, e as espadas.
Vê-se de novo o sangue derramado,
E vêem-se almas de novo trespassadas
Da terrestre prisão ao assento eterno,
Entrando hûas no Ceo, outras no inferno.

IX.

Mas como não viesse tão provida
Ja agora esta batalha derradeira
De esforçados varões, gente escolhida,
Quanto a segunda ja veio, e a primeira,
Não foi com tanta instancia combatida
Agora a Christãa gente, e de maneira
Que em aperto ao passado igual se veja,
Porque mais tibio o Turco ja peleja.

X.

Causa he quiçá tambem porque apparece
Nestes agora o peito menos forte,
Vêr que a fortuna os seus desfavorece,
Vendo nelles incendios, sangue, e morte;
Pois nas guerras mil vezes acontece
Cansar maior espanto a adversa sorte,
E o mal do companheiro, e grão perigo,
Que a constancia e valor do bravo imigo.

XI.

Presente aqui se achou, para seu dano,
 Hum Janizaro então, tão forte, e cheio
 D'hum tão alto valor, tão sobrehumano
 Que nunca nelle entrou qualquer receio ;
 Ao qual o renegado Italiano
 (Cojaçofar mil vezes o nomeio)
 Por mulher hũa filha sua dera,
 Carahacem ouvi que o seu nome era.

XII.

Em meio da peleja este se lança,
 Passa por entre todos animoso,
 E sem temor da imiga dura lança
 Mostra o seu forte braço valeroso.
 E não sómente a esforço e confiança
 Move o Turco esquadrão, quiçá medroso,
 Mas o imigo tambem, que tõe diante,
 Faz do damno dos seus participante.

XIII.

O Christão que aos imigos resistia
 Vendo quanto este Turco he diferente,
 Assi nas ricas armas que vestia,
 Como no grande esforço, da outra gente,
 Dessas poucas panellas que ja havia,
 Que lanção de si a brava chamma ardente
 Quando ao murrão aceso abrem a porta,
 Faz com que hũa contra elle os ares corta.

XIV.

Nem lhe sabe hoje em vão o que pertende,
 Porque faz o caminho tão direito
 Que o misero infiel não se defende
 De sentir o seu bravo horrendo effeito ;
 Sólta a chamma cruel, que abraza e acende
 Ao triste a perna, o braço, o rosto, o peito,
 E cercado de dôr intoleravel
 Se queixa com voz alta, e lamentavel.

XV.

Forçado desta dôr que o desatina
 Deixa o assalto cruel, sanguinolento,
 Mas no reino infiel de Proserpina
 Sua alma desta vez não fez o assento,
 Porém sente nos membros grãa ruina ;
 Da qual desventura, e detrimento
 Que hoje neste combate lhe acontece
 Se jacta assaz depois, e ensoberbece.

XVI.

A falta deste só, que tenho dito,
 Que os seus ja não ajuda, nem anima,
 Tanto abateo então o tibio espirito
 Dos mais que pelejando estão lá em cima,
 Que com quanto de muitos acho escrito
 Que são de grão valor, de grande estima,
 De todo agora ja se enfraquecêrão
 E aos quasi ja rendidos se rendêrão.

XVII.

O cansado Christão, e tão ferido
 Que quasi ja não tõe que dar a veia,
 Depois de ter grão tempo resistido
 A hũa grãa cópia sempre sãa e cheia,
 Vendo o imigo furor enfraquecido,
 E que elle ja de todo o senhoreia,
 Com nova grita e esprito tão mal trata
 O Turco, que de todo o desbarata.

XVIII.

Este, a que hum grave medo ja atravessa,
 E do seu braço está desconfiado,
 Vólta as costas de todo, com grãa pressa,
 Ja não soberbo então, ja não ousado;
 Do baluarte abaixo se arremessa
 Mais do que antes subíra inda apressado,
 Deixando o que ganhou com sangue e mortes
 De grãa cópia de imigos, peitos fortes.

XIX.

Durou este combate hum grande espaço
 Que em quatro horas inteiras se limita,
 Nas quaes sempre o Christão e o Turco brago
 Em novo odio e furor se acende e incita;
 E renovando sempre on fogo ou aço
 A porta á vida e ao sangue facilita,
 Dando isto não receio, mas motivo
 De furia e de vingança ao são e ao vivo.

XX.

Mas como este combate bravo e horrendo
 Foi mais que os outros largo e furioso,
 Tambem para os que estavam defendendo
 Mais que nenhum dos outros foi custoso;
 Porque se eu esta conta bem entendo
 Quatorze ao Reino Eterno e Glorioso
 Passão os seus espiritos não vencidos,
 E são mais de duzentos os feridos.

XXI.

Tão vazia deixou da forte gente
 A fortaleza, esta áspera batalha,
 Que quarenta varões nella ha sómente
 Que se possam servir de espada e malha.
 Consumio-se de todo aqui o ardente
 Pó, com que os seus coriscos no ar espalha
 Ou o grosso canhão, ou a espingarda,
 Nada delle o barril dentro em si guarda.

XXII.

As panellas, e as bombas, que ajudadas
 Do fogo, em vivo fogo se acendião,
 Todas naquelle tempo erão gastadas,
 Que a defensão assaz favorecião:
 As lanças erão todas tão cortadas
 Do continuo bater, que servirião
 Mais ao ferido e enfermo para encosto
 Que ao são para mostrar ao imigo o resto.

XXIII.

Nesta falta de tudo, ao grão Silveira
 O esforço não faltou que antes tivera,
 Mas se ordena e refaz de tal maneira
 Com a gente plebeia que alli era,
 Que querendo a infiel Turca bandeira
 Commettê-lo outra vez (como se espera)
 Veja que ainda que alli tudo o mais falta
 D'esforço e defensão só não ha falta.

XXIV.

Porém os Turcos ja com grão receio
 Ás estancias então se retirárão,
 Deixando do seu sangue o logar cheio
 Que para combater alli tomárão;
 D'onde hũa perda tal lhes sobreveio
 Que mais de mil o sangue derramarão,
 E dos melhores vão mais de quinhentos
 Sentir os infernaes, graves tormentos.

XXV.

Tanto este grão temor que o Turco havia
 O peito lhe trespassa, e a côr lhe muda,
 Que quando o Sol chegou ao meio dia
 Recolher-se ás galés qualquer estuda;
 Leva também consigo a artilharia,
 Mas aquella sómente que he miuda,
 E com menos trabalho, e mór presteza
 Se leva, sem se vêr da fortaleza.

XXVI.

Mas por se dar melhor expediente
 Áquella artilharia que embarcavão,
 As galés se chegarão juntamente
 Mais á Villa dos Rumes, do que estavam.
 Porém em quanto as terras do Occidente
 Hoje os raios do Sol alumiavão,
 De bater o canhão grosso não cessa
 Co'o seu furor usado, e usada pressa.

XXVII.

Sendo da fortaleza dividido
 Como as galés se vem para mais porto,
 E que hum grosso esquadrão, com grão euidado
 Se embarca nellas claro e descuberto,
 A lembrança do engano antes passado
 Faz que todos agora hajão por certo
 Que quer o Turco usar de igual engano
 Contra o ja destroçado Lusitano,

XXVIII.

Esta geral suspeita tanto esperta
 O prudente Silveira neste ensejo,
 Que tendo elle tambem por cousa certa
 Que d'enganá-lo o Turco tõe desejo,
 Esse pouco que tõe tão bem concerta
 Que parece que tudo tõe sobejo:
 Tal era o grande esforço, a grãa prudencia
 Com que ordenava então a resistencia.

XXIX.

Nem só a defensão facilitava
 Mas de victoria dá grande esperança,
 E tão seguramente isto affirmava
 Que enche todos de esforço e confiança,
 Tal que o que era mais fraco então jurava
 Que de tudo alli tõe grande abastança,
 Pois não cuida que cousa falta esteja
 Onde no Capitão tudo sobeja.

XXX.

O qual vendo que toda he ja gastada
 Quanta polvora tinha naquella hora,
 Faz que toda a que estava agasalhada
 Em quatro peças grossas saia fóra,
 Pois nenhũa outra está ja carregada
 Antes todas cessado tõe ja agora,
 E o negro pó que então faz sahir dellas
 Por trinta repartio, e mais panellas.

XXXI.

Todo o fraco logar com brevidade
 Repara, como a falta lh'o concede,
 Das pedras nelle põe grãa quantidade
 Que co'o braço atraz posto a mão despede ;
 Alguns feridos, cuja enfermidade
 Poder ja mostrar rosto não lh'impede,
 Ajunta com alguns dos que são erão
 Que inda assi confiança lhe puzerão.

XXXII.

Muitos feridos que isto não podião
Se mandárão levar ao baluarte,
Porque para morrer este escolhião
Por logar mais decente que outra parte;
Os que das espingardas se servião
Por todo o logar fraco elle reparte,
E a pouparem então mais os convida
A polvora, que o imigo, sangue e vida.

XXXIII.

Com tão pobre apparatus, e differente
Do combate que espera horrendo e forte,
Determina esperar o fim presente
Que lhe ordenar a dura ou branda sorte,
O qual não poderá ser descontente
Pois será o seu mór mal a honrada morte,
E se lhe tira o gosto da victoria
Não lh'o póde tirar da Eterna Gloria.

XXXIV.

Todo o espaço que o Sol hoje alumia
A terra, antes de entrar lá no Oceano,
Se gastou (porque então ja quasi havia
Em todos de morrer hum desengano)
Em cuidar cada hum como podia
Morrer, com dar ao imigo maior dano,
E isto em ninguem temor põe, ou tristeza,
Mas em todos alegre fortaleza.

XXXV.

Tal era o alegre esforço, que era tido
 Por hum particular favor celeste,
 E como para festa, quem provido
 Do bom vestido está, agora o veste;
 E o que não tõe de seu o bom vestido,
 Busca, e não lhe fallece quem lh'o empreste,
 Por inhabil, e assaz desamparado
 Se tõe o que então se acha mal ornado.

XXXVI.

Este esforço geral, este grão gosto
 Que em todos d'hum honrado fim se entende,
 Nos homens não está sómente posto
 Também aos feminis peitos se estende:
 Qualquer delles mostrar direito o rosto
 Contra a gente infiel também pertende,
 E n'algũas fez isto taes effeitos
 Que cubrirão de ferro os brandos peitos.

XXXVII.

Quasi toda a seguinte noite inteira
 N'alguns rebates falsos foi gastada,
 Dados polo mandado do Silveira
 Por não estar a gente descuidada;
 E vio-se em todos mostra verdadeira
 Da vontade geral determinada
 Que tõe de contrastar aos verdadeiros,
 Pois todos nisto querem ser primeiros.

XXXVIII.

Mas tanto ha ja que os Turcos occupados
 Deixei em se embarcar, que o pensamento
 Me dá que estão ja todos embarcados,
 Quero ir vêr qual agora he seu intento.
 Tendo estes nos combates ja passados
 Recebido grãa perda e detrimento
 Na gente e munições, neste quizerão
 Mostrar seu poder todo, e assi o fizerão.

XXXIX.

Porém neste tambem se lhes mostrarão
 Os Fados mais crueis que protectores,
 Pois com grande damno seu se sujeitárão
 (Como ja disse) aos fortes defensores.
 Depois que se ás estancias retirárão
 Achão, tornando em si, que dos melhores
 Duzentos sobre mil tinham perdidos,
 E os vivos quasi todos são feridos.

XL.

Achão tambem de todo consumidas
 Ja quasi as munições, com que offendião,
 E que com forças tão enfraquecidas
 Não sómente assaltar ja não podião,
 Mas que se acaso fossem commettidas
 De qualquer leve força, se porião
 A risco de acabar-se, e de perder-se
 Sem poderem sómente defender-se.

XLII.

Afóra isto tambem temem que a gente
 Da terra, o seu estado contemplando,
 Contra elles novidade algũa tente
 Com que grão damno assaz lh'irá causando;
 Pois de gente não tõe falta sómente,
 Mas tambem o comer lhes vai faltando,
 E os da terra, que só provê-los pódem
 Com mantimentos, então ja mal lh'acodem.

XLIII.

Estas e outras rasões, tanta efficacia
 Tiverão, no infiel povo profano,
 Em quem ja era abatida a antiga audacia,
 Resfriado o furor, e o espirito ufano,
 Que vendo que durando a pertinacia
 Lhe cresce a occasião de maior dano,
 Determina deixar aquella guerra
 E tornar cada hum a sua terra.

XLIII.

Com este pensamento, assaz alheio
 Do que a gente Christãa delle cuidava,
 Depois que a se embarcar o Turco veio
 Como (se bem me lembro) antes contava,
 Tanto que ao Occidental salgado seio
 O Sol se recolheo, e começava
 De se estender na terra a sombra escura,
 Recolher o canhão grosso procura.

XLIV.

Mas porque isto o Christão não sinta agora,
É o rumor lhe descubra esta tamanha
Fraqueza, que lhe encobre a nocturna hora,
D'hum grão silencio então isto acompanha:
Porém da artilharia algũa fóra
Deixa, inda que a possivel força e manha
Põe pola não deixar, porque não tinha
Quanta gente para isto lhe convinha.

XLV.

Fica entregue ao Latino renegado
Todo o canhão porém que então não hia,
Que delle e das estancias grão cuidado
Toma, e de tudo o mais que alli se via.
Logo em logar do Turco ja embarcado
Põe a gente da sua companhia,
Porque o Christão não sinta esta sua ida
Temendo que se a sente então lh'a impida.

XLVI.

O Turco, em quanto a noite persevera
Tollendo a clara luz co'o manto escuro,
Tudo quanto embarcar possivel lhe era
Como pôde melhor, pôz em seguro.
Porém a Christãa gente em tanto espera
Que em vindo o matutino raio puro
Lhe venha o fim com elle juntamente
Do trabalho geral que alli se sente.

XIVII.

Cheia desta esperança, que ha por certa,
 Está a gente Christãa, mas animosa,
 Ao somno não entregue, mas desperta,
 De vender bem a vida desejosa,
 Quando lá no Horizonte descuberta
 Foi a alegre manhã, clara, e formosa,
 Em que a Igreja festeja, com louvores,
 Todos os que no Ceo são moradores.

XLVIII.

Ja agora esta não vem acompanhada
 De imigos esquadrões de aço luzentes,
 Nem sôa nelle a horrisona alvorada
 Dos pelouros crucis, bravos, ardentes,
 Mas quieta apparece, e socegada,
 Cheia de ares serenos, e contentes,
 Não qual se espera, horrenda, triste, e dura,
 Que lhe faz mais formosa a formosura.

XLIX.

Tanto que a nova luz, serena e clára,
 Mostra a ausencia aos Xpãos do Turco imigo,
 E que o Cambaio em seu lugar deixára,
 E elle os mais dos canhões leva consigo,
 Com tal prazer que a lingua o não declára
 Cada hum corre a dar a nova ao amigo
 Do que elle ja sabido e visto tinha,
 E de que tambem novas dar-lhe vinha.

L.

Porém com quanto hum e outro isto que ouvira
 Por seus olhos ja tõe visto primeiro,
 Ouve as novas porém do que bem vira
 Com grão prazer, do amigo e companheiro,
 Julgando que o que vio não he mentira,
 Pois outro o vio tambem, mas verdadeiro,
 E assi esta reciproca alegria
 Dobra, e acredita o bem daquelle dia.

LI.

Entretanto o infiel não pára, ou cessa,
 Antes em seu intento continua,
 Que quiçá hum grão temor o move e apressa
 Que o commetta o Christão, e alli o destrua.
 Agua recolhe dentro com grãa pressa,
 E o mais que necessario lhe era a sua
 Viagem larga assaz, e nisto gasta
 Sete dias, que hum menos lhe não basta.

LII.

Mas vendo os que na terra então vivião
 O destroço que os Turcos ja levavão,
 Muitas daquellas cousas lhe impedião
 Que elles para a viagem embarcavão,
 E com tanto seu damno isto fazião
 Que vida e sangue huns e outros derramavão;
 Mas faz Cojaçofar com que esta gente
 Os deixe fornecer bem pobrememente.

LIII.

Todos os sete dias que estiverão
 Em fornecer-se os Turcos occupados,
 Lá por aquella praia se pozerão
 Que meia legua os tõe só affastados
 Da Christãa fortaleza, lá d'onde erão
 De todos claramente divisados,
 E os vião trabalhar desde que a terra
 O Sol visita, até que o mar o encerra.

LIV.

Nestes dias porém não se assegura,
 Nem se descuida ou dorme o bom Silveira,
 No muro reparou toda a rotura
 Com que de novo fica sãa, e inteira,
 E tudo o mais fazer então procura
 (Que esta mostra não ha por verdadeira)
 Quanto a se defender lhe era importante,
 Como se o Turco vira inda diaute.

LV.

Aquelle mesmo claro e alegre dia
 Que aos Christãos deu o gosto que atraz digo,
 Quando a sombra se faz ja longa e fria
 E o Sol torna a buscar o assento antigo,
 Mandar o Capitão alguns queria
 Lá fóra onde estivera o campo imigo,
 A qual gente de mais então não trate
 Que nas estancias dar algum rebate.

LVI.

Não tanto porque ao Mouro maltratasse
Quanto por lhe encubrir quão fraco estava,
Porque elle se o sentir não intentasse
Dar fim a isto a que o Turco o então dava;
E para que esta gente derrubasse
Aquelles bastiões que lá na cava,
De trincheiras assaz fortificados,
Os Turcos antes tinham situados.

LVII.

Pede Antonio da Veiga logo esta ida
Que a fortaleza está feitorisando,
A qual do Capitão lhe he concedida
E lhe está mil louvores ajuntando;
Manda tambem que o vão nesta sahida
Vinte e cinco varões acompanhando,
Cujos peitos, e braços valerosos
Para outros feitos são mais perigosos.

LVIII.

Não quer Veiga fazer qualquer demora
Que para isto hoje o espirito se lhe dobra,
Dos seus acompanhado, salta sóra,
Seu furor nas estancias põe por obra.
Pouco o Cambaio aqui resiste agora,
Qual perde a vida, qual fugindo a cobra;
Cahe toda a estancia ja com grãa presteza
Que mais perto se vê da fortaleza.

LIX.

Em quanto Veiga nisto o tempo gasta
 Sahe do longo da cava, pola banda
 De fóra, hum dos que traz, que se lhe affasta
 Quicá mais do que o tempo e a rasão manda ;
 Mas como isto ninguem ja lhe contrasta,
 Tanto neste caminho adiante anda
 Que chegou a hũa estancia, cujo posto
 Sobre a rocha do mar estava posto.

LX.

Entrando nella a vê desamparada,
 E lá no bastião della subindo
 Hũa bombardarda vio, que alli deixada
 Foi dos Turcos, e então não advertindo
 Se ella era sãa, ou se era arrebetada,
 (Leão era, se o certo estou ouvindo)
 E achando nesta estancia hũa bandeira,
 Vólta, e comsigo a traz por companheira.

LXI.

Direito áquella parte lá caminha
 Onde Antonio da Veiga antes deixára,
 Chegando lá lhe disse d'onde vinha
 E daquella bombardarda que lá achára.
 Veiga vendo que tudo feito tinha
 O para que o Silveira o lá mandára,
 Nem ha necessidade a que elle acuda,
 Lá para a fortaleza o passo muda.

LXII.

Este, ou que o bom successo deste feito
A nevoa do temor lhe deslizesse
De que notado foi sempre o seu peito,
Ou que a morte chamá-lo ja quizesse,
Animado hoje assaz e satisfeito,
Importuna o Silveira que lhe desse
Licença, e companhia com que possa
Tomar aquella peça forte e grossa.

LXIII.

O Capitão se escusa e se desvia
Do Veiga, e assi lhe diz, que bem entende
Que em tomar o canhão pouco fazia
Pois que ninguem tomá-lo lh'ò defende,
E pois em toda a estancia não se via
Outro canhão algum, bem se comprehende
Que aquelle deve ser arrebetado,
Pois todo o que era são fôra levado.

LXIV.

Veiga a tantas rasões não obedece,
Antes mais importuna, e mais atura,
E tanto em seu intento prevalece
Que escusar-se o Silveira em vão procura;
O qual por quanto agora bem conhece
Quão pouco em lhe outorgar isto aventura,
Por não ter este só d'elle esta queixa
Cumprir sua vontade agora o deixa.

LXV.

Faz-lhe Veiga o devido acatamento
 E se vai fazer prestes para esta ida,
 E logo como o usado mantimento
 Deu ao corpo mortal, na hora devida,
 Se cobre do melhor seu ornamento,
 E inda que hum e outro amigo o então convida
 Com armas, e em vestir-lh'as insistisse,
 Nenhum dobrar o pôde a que as vestisse.

LXVI.

E de vinte homens ja posto diante
 Que o Silveira para isto então lhe entrega,
 Sahe de longo da rocha, que a vazante
 Da maré, que he bem baixa, lh'o não nega.
 Por hum logar trepando, que bastante
 Subida, e facil dá, á estancia chega;
 Acha o canhão, mas acha prova clára
 Que por quebrado o Turco o não levára.

LXVII.

Mas nem por isso quiz que lá ficasse
 Pois viera alli só para levá-lo,
 Faz que á borda da rocha elle chegasse
 Porque abaixo d'alli possa lançá-lo.
 Mas a morte, que faz que elle arribasse
 Alli onde viera ella esperá-lo,
 Para o levar ordena então hum meio,
 Que sabendo eu que he certo, inda o não creio.

LXVIII.

N'hum alto que d'alli distante estava
Mais de seiscentos passos, se bem conto,
Hum Mouro appareceo, que meneava
Hũa espingarda, e os vinte olhando pronto,
Inda que assaz de longe, os enxergava;
Põe no rosto a espingarda, e o subtil ponto
Direito nelles põe, e faz que logo
A polvora o furor sinta do fogo.

LXIX.

Sahe o chumbo subtil, e contra a estancia
Onde então Veiga está vôa direito,
E sendo grande assaz esta distancia
Parece que qualquer bem fraco objeito,
Com qualquer fraca e leve repugnancia,
Lhe pudéra impedir o usado effeito,
Porém não foi assi, que a cruel morte
O fez mais do que soc agora forte.

LXX.

Entra em meio dos vinte, mas sómente
Busca o misero Veiga, o qual mettido
No meio estando então da sua gente,
E de estatura sendo mal crescido,
Pola cabeça o encontra o chumbo ardente,
Deixando todo o que era mais comprido,
Que por rasão estava em mór perigo
Que o pequeno, a quem elle dava abrigo.

LXXI.

Do pelouro mortal Veiga encontrado
 Pallido cahe, perdida a viãa chara,
 O espirito, do que soe, mais hoje ousado,
 Entra na Região Celeste e Clara.
 Á fortaleza foi logo levado,
 Deixando lá o canhão que o lá levára.
 Morte de ponderar mais digna, entendo,
 Que quantas nesta guerra estive vendo.

LXXII.

E inda que com louvores esta honrar-se
 Parece que não he cousa devida,
 Sem razão he porém vituperar-se
 Quem, ou bem ou mal seja, perde a vida.
 Razão me pareceo manifestar-se
 Quão bem do Veiga foi favorecida
 A fortaleza, porque a vida leve
 O louvor que se á morte pouco deve.

LXXIII.

Este, em quanto o feroz Turco se espalha
 Em torno á fortaleza, não cessando,
 Ajudado de muitos que agasalha,
 E que está á sua custa sustentando,
 Nos reparos e em tudo o mais trabalha,
 Pedra, terra, e o que cumpre acarretando,
 Com que na defensão tão bem ajuda
 Como o que contra o imigo o passo muda.

LXXIV.

Porém, ou eu mal ouço, ou com voz alta
Me chama agora o Turco, e me importuna,
Que deseja partir-se, pois lhe falta
Das armas o favor, e da Fortuna.
Ja para elle outra vez meu canto salta
Pois ja prestes o vejo, e que opportuna
Conjunção tõe agora de partir-se,
E vejo que sem mim póde mal ir-se.

LXXV.

Esta gente infiel, que do ufania
E de soberba cheia, e confiança,
Victoria com louvor se promettia
Apesar do poder da imiga lança,
E ja entre si os despojos repartia,
Porque tõe mais certeza que esperança
Que o Christão defensor, que tõe diante,
Não póde a resistir-lhe ser bastante;

LXXVI.

Agora de temor cheia, e d'espanto,
Vencida dos que havia por vencidos,
Depois que obedecer a Rhadamantho
Foi grãa cópia dos seus, mais escolhidos,
Tendo das munições gastado tanto
Que se espanta de o vêr, sendo cumpridos
Cinco dias do mez que deu o assento
Ao Sagittario, sóta a vella ao vento.

LXXVII.

Mas como com grãa força então soprava
 O Levante, o qual era assaz ponteiro
 Ao logar em que a armada surta estava,
 Torna outra vez o esperto Marinheiro,
 Vendo que em vão ávante ir trabalhava,
 A surgir onde surto era primeiro,
 Esperando que o tempo dê jazigo
 Com que vá sem trabalho, e sem perigo.

LXXVIII.

Tambem de novo a armada o fundo afferra
 Porque os Turcos se vião occupados
 De muitos a que a larga crua guerra
 Deixou do imigo ferro trespassados,
 Determinando então deixar em terra
 Todos os que estão mais debilitados,
 Porque a longa viagem não consente
 O peso de tão fraca e debil gente.

LXXIX.

Logo ao seguinte dia executarão
 Esta obra, cheia assaz de crueldade,
 E sendo á tarde já, desembarcarão
 Os que mais apertou a enfermidade,
 E sem outro remedio os entregarão
 Sómente á cortezia e piedade
 Que quizessem usar os estrangeiros
 Co's que acharão crueis os companheiros.

LXXX.

Nesta hora sendo já mais moderada
 A furia do feroz, bravo Levante,
 Sólta a vella de novo a imiga armada,
 E d'alli se vai pôr hum pouco ávante;
 Até hũa ponta sahe contra a enseada
 De Cambaia, que em frente está, e distante
 Da Christãa fortaleza legoa e meia,
 Busca outra vez o ferro a funda areia.

LXXXI.

Outra vez aquí faz que se encolhesse
 O Turco Marinheiro o inchado linho,
 Porque quando depois se recolhesse
 O Sol ao usado seu leito marinho,
 Quando a maré vasava, elle podesse
 Seguir prosperamente este caminho
 Tanto de toda a gente desejado,
 E duas vezes já em vão tentado.

LXXXII.

Apenas no logar que estou dizendo
 Aquelles infieis hoje surgirão,
 Quando os da fortaleza o estrondo horrendo
 Ouvem de alguns canhões, que longe atirão
 Contra Madrafabat (se bem entendo)
 Estes homens o estrondo agora ouvirão,
 Do qual se fórma lá vario conceito,
 Mas todos cuidão que he de seu proveito.

LXXXIII.

Este da armada sabe que a carga tinha
 Hum Antonio assaz forte e d'honra amigo,
 Que o sobrenome tõe da honrada linha
 Dos Silvas, nobre sangue, illustre, e antigo,
 Que com algũas fustas alli vinha
 Para, apesar da morte e do perigo,
 Entrar na fortaleza, e soccorrella,
 Se qualquer modo achasse d'entrar nella.

LXXXIV.

Mandado este alli foi do valeroso
 Noronha Viso-Rei, mas porque havia
 Que era negocio assaz difficultoso
 Chegar á fortaleza, lhe dizia,
 Que se isto não pudér, co'o furioso
 Estrondo da feroz artilharia
 Mostre que era da armada a dianteira
 Que ja do Viso-Rei segue a bandeira.

LXXXV.

Desta armada que o Silva governava
 Se apartão duas fustas, que cortando,
 Co'o grão favor que Hippotades lhes dava,
 O Reino que Neptuno está mandando,
 Quando a sombra que o Sol afugentava
 Das Estrellas a luz está mostrando,
 Chegão á fortaleza, onde amainarão
 A inchada vella, e o ferro ao mar lançarão,

LXXXVI.

Vem nellas dous varões nobres, ousados,
A quem o mór perigo mais inflama,
Dom Luiz, Dom Martinho são chamados,
Este Sousa, e Taide o outro se chama.
Ambos trazem consigo bem armados
Varões, que a grande empresa qualquer ama,
E outras cousas tambem estes trouxerão
Que alli bem necessarias então erão.

LXXXVII.

Sendo esta noite á Lua então negada,
Por interposição da opaca terra,
A participação da luz usada
Que o Sol de natureza em si encerra,
De todo se mostrou quasi eclipsada
Com que mais se escurece a noite e cerra,
E quiçá que este máo e usado agouro
A partida apressar fez mais ao Mouro.

LXXXVIII.

Esta noite tambem aquella gente
Que de Cojaçofar segue o estandarte,
Fazendo que a Cidade a chamma ardente
Sinta primeiro n'hũa e n'outra parte,
Tambem damnificada e descontente
Antes de ser manhãa, d'alli se parte,
E o logar com grão medo desampára
Que com grãa confiança antes tomára.

LXXXIX.

Tambem nesta mesma hora dentro colhe
 Com grão silencio o ferro a imiga frota,
 A vella hum brando vento em si recolhe,
 E lá do Rôxo Mar segue a derrota.
 Porém dos que feridos leva, escolhe
 Os mais fracos primeiro, e em terra os bota
 Dos que menos o mar soffrer podião,
 Quatrocentos ouvi que estes serião.

XC.

E perguntando acaso hum dos Senhores
 Da terra, a estes então, se os que vierão
 Da Lusitania, ou lá são moradores,
 São bons homens de guerra, lhe disserão
 Que os Portuguezes sós mercedores
 De trazerem no rosto barbas erão,
 E que as outras nações se contentassem
 Co'o estylo das mulheres, e este usassem.

XCI.

Mas com quanto eu estou mui confiado
 No valor Portuguez, bem conhecido,
 Não sou porém co'os meus tão enganado
 Que aos outros negue o preço merecido;
 Suspeito que o soberbo Turco, usado
 Mais vezes a vencer, que a ser vencido,
 Quiz que, pois o vencco hoje esta gente,
 Merecesse ella as barbas ter sómente.

INDEX.

	PAGE.
Prologo.....	III
Canto I	1
" II	29
" III	60
" IV	98
" V	127
" VI	161
" VII	191
" VIII	218
" IX	252
" X	292
" XI	330
" XII	363
" XIII	410
" XIV	448
" XV	485
" XVI	516
" XVII	566
" XVIII	609
" XIX	646
" XX	686







